

Metodologia de Avaliação com perspectiva de Gênero para projetos de tecnologia da informação e da comunicação

Uma ferramenta de aprendizagem
para a transformação e o empoderamento

Metodologia de Avaliação com perspectiva de Gênero para projetos de tecnologia da informação e da comunicação

Uma ferramenta de aprendizagem
para a transformação e o empoderamento



**METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO COM PERSPECTIVA DE GÊNERO PARA PROJETOS DE TECNOLOGIA DA
INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO
UMA FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM PARA A TRANSFORMAÇÃO E O EMPODERAMENTO**

Publicado pela Associação para o Progresso das Comunicações (APC)

PO Box 29755, Melville 2109 África do Sul

info@apc.org www.apc.org

e

Programa de Apoio às Redes de Mulheres da Associação para o Progresso das Comunicações (PARM APC)

wmsp@apcwomen.org www.apcwomen.org

O presente manual foi publicado nos termos da *Licence Creative Commons* de Atribuição Não-comercial – Compartilhar em condições similares. A referida licença permite copiar, distribuir ou expor este manual em sua totalidade ou partes, realizar as atividades explicadas no livro ou realizar trabalhos com base em seu conteúdo, segundo as seguintes condições:

ATRIBUIÇÃO	Cite a(s) autora(s).
NÃO COMERCIAL	Utilize unicamente com fins não comerciais.
COMPARTILHAR EM CONDIÇÕES SIMILARES	Caso modifique, transforme ou amplie este manual, difunda os resultados sob uma licença idêntica a esta.

Em toda reutilização ou distribuição, explicita os termos da licença do presente manual.

Qualquer das condições mencionadas anteriormente pode ser omitida com autorização da(s) autora(s). As condições acima mencionadas não afetam o uso adequado nem outros direitos.

ISBN 92-95049-16-0

Também disponível em CD-ROM em castelhano, francês e inglês.

ISBN 92-95049-01-2

Visite a página GEM da Internet em <http://www.apcwomen.org/gem/> para baixar o manual.

AUTORAS:

Chat Garcia Ramilo
Cheekay Cinco

REDATORA E DIRETORA DE PRODUÇÃO:

Teresita G. Camacho

REVISORA:

Debbie Singh

TRADUTORA PARA O PORTUGUÊS:

Beatriz Cannabrava

REVISÃO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS:

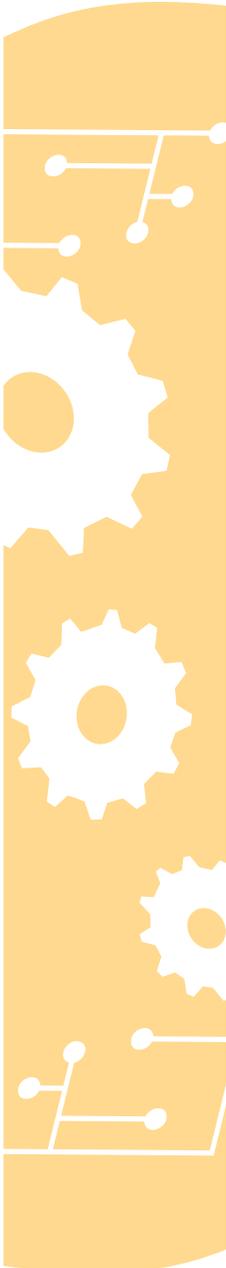
Vera Vieira

DESENHO DA CAPA:

Josefina Leal Quiroz e Amando Ramírez Fuentes

DESENHOS DO LIVRO E DOS GRÁFICOS

Josefina Leal Quiroz e Amando Ramírez Fuentes



O Conteúdo da presente publicação foi construído com base nas experiências e contribuições da equipe e das avaliadoras GEM.

EQUIPE GEM: Chat García Ramilo, Cheekay Cinco, Dafne Sabanes Plou, Fatma Alloo, Katerina Fialova, Lenka Simerska, Erika Smith, Josefina Leal y Karen Banks

AVALIADORAS GEM:

Na Ásia:

- ✦ Center for Women's Research (CENWOR) [Sri Lanka]
- ✦ Community Communications Online (c2o)/ Web Origami Kit (WOK) [Austrália]
- ✦ InfoCon/ Distance Education Project [Mongólia]
- ✦ Foundation for Media Alternatives (FMA) [Filipinas]
- ✦ Mothers4Mothers [Malásia]
- ✦ Philippine Council for Health Research and Development (PCHRD)/Multi-purpose Community Telecenters [Filipinas]
- ✦ Women's Electronic Training Workshops [Ásia-Pacífico]

Na Europa Central e do Leste:

- ✦ Bulgarian Gender Research Foundation [Bulgária]
- ✦ Initiative Fifth Woman [Eslováquia]
- ✦ Karat Coalition [Europa Central e do Leste]
- ✦ SEF Foundation (Equal Opportunities for Women) [Romênia]
- ✦ Women's Issues Information Center [Lituânia]
- ✦ ZaMirNET [Croácia]

Na África:

- ✦ African Women's Development and Communications Network (FMNET) [Região África]
- ✦ AMARC África [Região África]
- ✦ Fantsuam Foundation [Nigéria]
- ✦ Isis-Women's Internacional Cross Cultural Exchange (Isis-WICCE) [Uganda]
- ✦ Women of Uganda Network (WOUGNET) [Uganda]
- ✦ Women'sNet [África do Sul]
- ✦ Zimbabwe Women's Resource Center and Network (ZWRCN) [Zimbábue]

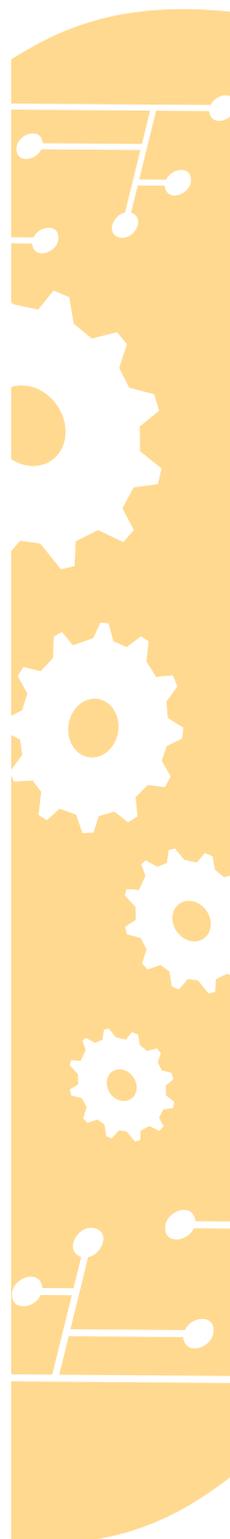
Na América Latina

- ✦ Chasquinet y Colinas Del Norte [Equador]
- ✦ Modemmujer [México]
- ✦ Unidades de Información Barrial, ATI/Colnodo [Colômbia]
- ✦ Fundación Escuelas Radiofónicas Populares del Ecuador (ERPE) [Equador]
- ✦ Rede Mulher de Educação [Brasil]
- ✦ Asociación Mundial de Radios Comunitarias (AMARC LAC) [Equador e Bolívia] Red de Mujeres

Agradecemos especialmente às seguintes pessoas e organizações que apóiam o projeto GEM:

Anriette Ester huysen, Gilles Clichê, Karen Higgsa, Maureen James, Rebecca Holmes, Sara Hlupekile Longwe, Peregrine Wood, Sarah Earl e aos membros do Programa de Apoio às Redes de Mulheres por seu aporte à ferramenta.

Programa de Engenharia do Conhecimento e Pesquisa, Departamento de Desenvolvimento Internacional (DFID), Reino Unido; Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento (IDRC), Canadá; UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher), Nova York.



PROGRAMA DE APOIO ÀS REDES DE MULHERES DA ASSOCIAÇÃO PARA O PROGRESSO DAS COMUNICAÇÕES (PARM APC)

O QUE É O PARM APC?

Somos uma rede internacional de mulheres e organizações de mulheres que promovem a igualdade de gênero na elaboração, na implementação, no acesso e na utilização das TIC, e nas decisões sobre as políticas e os sistemas que as regulam.

Realizamos pesquisas, capacitamos, informamos e damos apoio a atividades no âmbito das políticas de TIC, compartilhamos conhecimentos sobre o acesso e o uso das TIC e construímos redes de mulheres.

QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DO PROGRAMA?

- ✦ Promover a perspectiva de gênero nos organismos e fóruns de criação de políticas TIC.
- ✦ Impulsionar e implementar atividades de pesquisa no âmbito de gênero e das TIC.
- ✦ Incrementar o volume de conhecimentos, a compreensão e as destrezas no âmbito de gênero e das TIC, mediante a organização e a participação em atividades de capacitação.
- ✦ Facilitar o acesso aos recursos da informação no âmbito de gênero e das TIC.

O QUE FAZ O PROGRAMA?

Desde 1995, o Programa vem implementando um amplo conjunto de atividades, elaboradas para responder à nossa missão e aos nossos objetivos. As atividades estão agrupadas em cinco áreas de trabalho:

- ✦ Política e defesa
- ✦ Pesquisa e avaliação
- ✦ Distribuição da informação
- ✦ Desenvolvimento de materiais e metodologias de capacitação
- ✦ Apoio às redes de Internet emergentes nacionais e regionais.

EQUIPE (PARM APC)

Coordenadora (PARM APC)

Chat García Ramilo
chat@apcwomen.org

Coordenadora para a África

Jennifer Radloff
jenny@apcwomen.org

Coordenadora para a Ásia-Pacífico

Cheekay Cinco
cheekay@apcwomen.org

Coordenadora para a Europa

Lenka Simerska
lenka@apcwomen.org

Coordenadora para a América Latina

Dafne Sabanes Plou
daphne@apcwomen.org

Diretora de Comunicações

Erika Smith
erika@apcwomen.org

Coordenadora de Gênero IT

Katerina Fialova
katerina.fialova@apcwomen.org

PREFÁCIO



APRENDIZADO PARA A TRANSFORMAÇÃO

21



ANÁLISE DE GÊNERO

27



Lentes para ver gênero na avaliação de projetos

SARA HLUPEKILE LONGWE

35



Gênero e tecnologias da informação e da comunicação:
em busca de um marco analítico

PEREGRINE WOOD

43



**TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO
(TIC) PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

59



METODOLOGIA DE AVALIAÇÃO COM PERSPECTIVA DE GÊNERO (GEM)

74



GEM não é apenas uma *ferramenta* para as avaliações com perspectiva de gênero. Tampouco é simplesmente um guia ou manual que analisa as concepções de gênero para incorporá-las aos projetos de TIC.

GEM é, além disso, um *projeto* e uma *comunidade*.

GEM como projeto começou a ser gerado em janeiro de 2000. A oficina realizada em um pequeno hotel de Manilha, nas Filipinas, foi a semente que cresceu até se converter em um empreendimento de quatro anos. Um grupo de aproximadamente 30 mulheres, a maioria membros do PARM APC, teceu uma reflexão sobre os quase dez anos de trabalho das redes de mulheres, com o objetivo de fomentar uma consciência coletiva sobre o impacto real das atividades que vinham desenvolvendo, como fator de transformação da vida das mulheres. Mas, em lugar de obter respostas concretas, terminaram por se fazer mais perguntas sobre a transformação, o empoderamento e as TIC. Que transformações empoderaram as mulheres? Como elas afetam as relações entre mulheres e homens? Como podemos saber se as TIC constituem uma diferença nessas transformações? Como medimos isso?

Estas perguntas deram lugar a meses de pesquisa, reuniões e documentação meticulosa. Nesse momento, era difícil encontrar avaliações de projetos de TIC. As ferramentas de avaliação apenas começavam a serem estudadas, principalmente mediante o trabalho do Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento, que estava construindo um esquema de avaliação para os projetos de desenvolvimento de TIC. O PARM APC aportou a perspectiva de gênero a esta iniciativa, através de propostas para a formulação de considerações de gênero nos esquemas de avaliação que, em grande parte, eram neutros.

Devido à escassez de trabalhos desta índole no âmbito das TIC, a pesquisa foi baseada amplamente no campo da avaliação, que embora fosse rico em esquemas, ferramentas e experiências, carecia de componentes sólidos com perspectiva de gênero. Finalmente, decidiu-se voltar às próprias raízes. Foram empregados modelos de avaliação de gênero que, embora fossem completamente alheios às TIC e à tecnologia em geral, serviram de base para estudar as coisas que eram realmente importantes para analisar em profundidade o poder e as relações entre homens e mulheres, entre classes sociais, raças, etnias, deficiências, religiões e as demais desigualdades que definem a condição das mulheres na sociedade.

A fusão de todos esses conhecimentos gerou uma ferramenta híbrida. A primeira versão de GEM foi publicada na Internet em outubro de 2001. Apenas agora, vendo-a a distância, pode-se chamá-la de "primeira versão", porque

nesse momento não se tinha idéia de como seria recebida nem de como ia evoluir. A partir da combinação da sabedoria e da experiência de uma talentosa comunidade de profissionais no campo das TIC, das especialistas em gênero e das avaliadoras, que participaram como pesquisadoras, revisoras, consultoras e facilitadoras das oficinas, a ferramenta modificou-se. Seu alcance e sua aplicabilidade ampliaram-se e incrementou-se sua utilidade para diversos contextos, áreas e iniciativas.

GEM, como *comunidade*, nasceu em maio de 2002, em Cuernavaca, uma pequena cidade ao sul da cidade do México, durante a primeira oficina de avaliadoras de GEM, que foram as primeiras usuárias da ferramenta. A elas uniram-se as organizações da Ásia, depois as da África, que conheceram a ferramenta GEM em Zanzibar, na Tanzânia e, por último, as mulheres da Europa Central e do Leste, que se reuniram em Praga para a oficina de avaliação final. As participantes das oficinas, que foram por volta de cem, foram as primeiras integrantes da rede de profissionais de GEM – uma comunidade de centros de informação de mulheres, redes comunitárias de rádios, telecentros comunitários, iniciativas de educação e capacitação, projetos de governança da rede, Internet e provedores de acesso, tanto em zonas rurais como urbanas.

A partir desse momento, a equipe de Projeto GEM, multicultural e multilíngüe, e a rede APC têm experimentado um processo incrível de aprendizado e acumularam uma imensa quantidade de conhecimento sobre a avaliação de gênero e as TIC. Passado o período de prova de GEM, trabalhou-se com mais organizações e foram realizadas numerosas oficinas para organizações comunitárias que provêm acesso e informação a redes que centram sua atenção nas políticas e promovem as perspectivas de gênero em contextos nacionais e internacionais.

Durante os últimos dois anos, trabalhou-se com associadas em 25 países, avaliando 32 projetos; foram organizadas e coordenadas 25 oficinas com mais de 350 participantes, e apresentou-se a ferramenta GEM em mais de 50 eventos, em 25 países.

Se você é profissional, formula políticas ou pertence a uma agência doadora, no âmbito dos meios de comunicação ou da tecnologia, e trabalha em um contexto rural ou urbano de um país em vias de desenvolvimento ou mesmo desenvolvido, esta publicação de GEM lhe oferece uma síntese das lições que aprendemos nestes últimos quatro anos.

Bem-vinda à nossa florescente comunidade de profissionais GEM.

Chat García Ramilo

Manilha, Filipinas

O Mestre disse: você deve escrever o que vê.
Mas o que vejo não me comove.
O Mestre respondeu: Mude o que você vê.

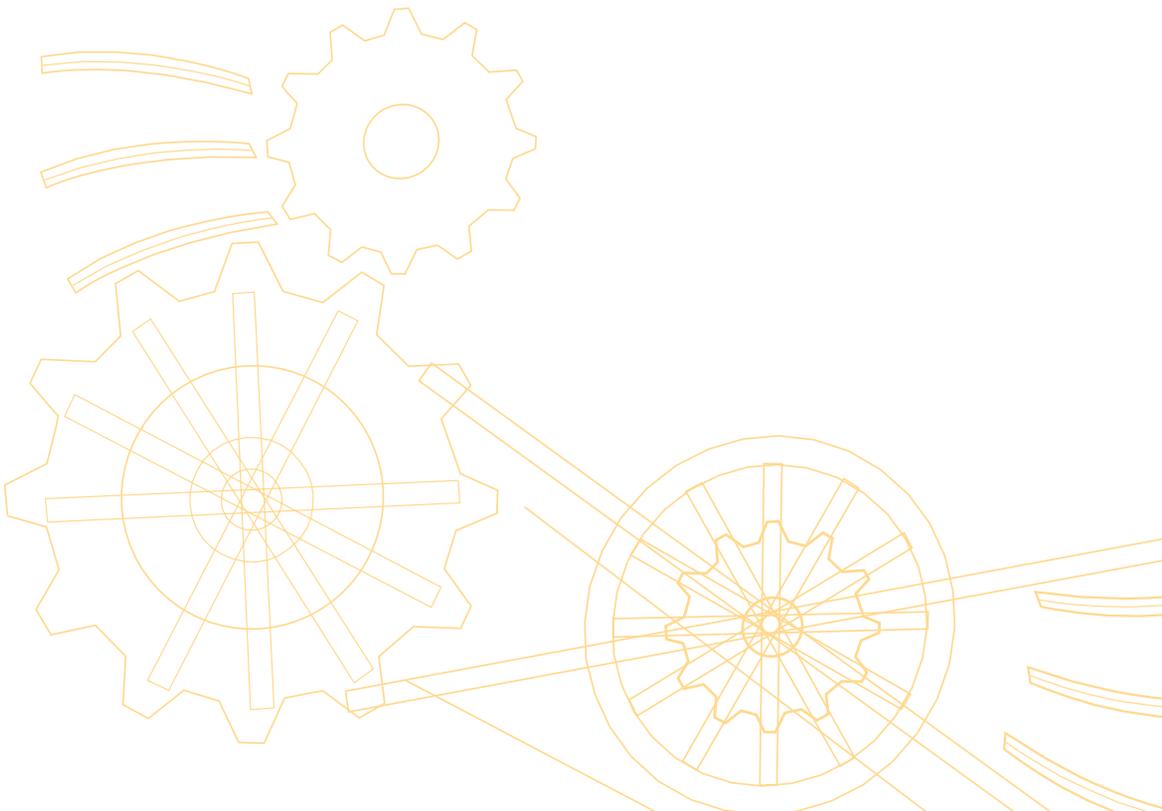
Vita Nova, Louise Glück

Você foi capaz de ver que é prisioneira de uma história, e foi capaz de
ver que poderia trocá-la por outra.

"The Story of the Eldest Princess" por A.S. Byatt

Não importa quão elegante ou maravilhosa possa parecer uma teoria.
Ela estará condenada ao fracasso se não corresponder à realidade.

*Hyperspace: A Scientific Odyssey through Parallel Universes, Time
Warps, and the 10th Dimension, por Michio Kaku*



Aprendizado para a Transformação





APRENDIZADO PARA A TRANSFORMAÇÃO

Modelo de avaliação

Aprender para transformar é o marco geral, que o Programa de Apoio às Redes de Mulheres da Associação para o Progresso das Comunicações (PARM APC) utiliza como ferramenta de avaliação. Baseando-se na promoção da transformação social e na avaliação de iniciativas e projetos TIC em uma

perspectiva de gênero, o Aprendizado para a Transformação considera a avaliação como um processo de aprendizagem dinâmico, interativo e em contínua evolução. Seu objetivo é examinar de que maneira uma intervenção de TIC produz mudanças nos níveis individual, organizacional e comunitário, e em um nível social mais amplo, em uma perspectiva de gênero.



Valores e critérios do Aprendizado para a Transformação

☀ MUDANÇA INDIVIDUAL E SOCIAL

O modelo de avaliação presta especial atenção à mudança individual e social que compreende a relação dinâmica entre uma iniciativa de TIC e a mudança individual e social. O Aprendizado para a Transformação utiliza o termo "individual" com um sentido abrangente, não apenas para se referir às pessoas individualmente, mas também às organizações e comunidades envolvidas em uma iniciativa de TIC. A avaliação implica o exame da relação dinâmica entre as iniciativas de TIC e a forma como agem indivíduos, organizações e comunidades. Da mesma forma, o Aprendizado para a Transformação esquadrinha a relação entre a iniciativa TIC e o contexto social, político, cultural e econômico mais amplo, a fim de entender como esse contexto afetou a iniciativa TIC e vice-versa.

☀ ANÁLISE DE GÊNERO

A análise de gênero na avaliação implica uma referência sistemática dos diferentes impactos das atividades do projeto, em homens e mulheres. A análise de gênero no contexto das TICs afirma que as relações de poder que envolvem classe, raça, etnia, idade e localização geográfica interagem com gênero e produzem desigualdades complexas e ocultas que afetam a transformação social em geral. O marco de uma análise de gênero também considera a maneira como são utilizadas as TICs, em particular para sustentar ou provocar essa mudança. Assim, uma abordagem de gênero da avaliação dos projetos e iniciativas de TIC de uma

perspectiva de gênero separará, por exemplo, os dados por sexo, analisará a divisão sexual do trabalho e compreenderá as desigualdades de gênero no acesso e controle dos recursos.

☀ APRENDER FAZENDO

Uma avaliação não é uma tarefa técnica complexa reservada só para especialistas. As qualificações e os títulos formais têm utilidade, mas não são um pré-requisito para realizar uma avaliação minuciosa. A observação aguda, a reflexão crítica e a sensibilidade com relação aos efeitos das atividades do projeto e do contexto no qual estas operam são qualidades também importantes para essa tarefa. O registro, as observações e as avaliações sistemáticas nos servem como experiência. Todas essas vivências reais conformam o aprendizado que valida nossos conhecimentos na hora de avaliar.

☀ LIGADA A AÇÃO

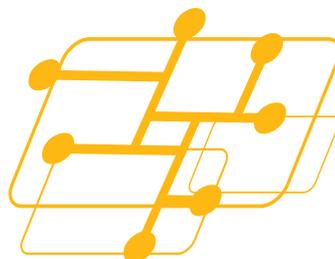
A mudança se origina na aprendizagem que recebemos mediante o fazer e a ação, nas lições que aprendemos. Os exercícios de avaliação não são uma finalidade em si mesmos: estão vinculados à ação, o que enfatiza a importância de utilizar o que foi aprendido.

Os resultados da avaliação deveriam ser difundidos para empoderar as mulheres e impulsionar os grupos e organizadores a aperfeiçoar sucessivos exercícios de avaliação e iniciativas de TIC.

☀ PARTICIPATIVA

A avaliação tem que ser participativa. Requer o compromisso dos grupos que estão na base ou que trabalham na comunidade particular

A avaliação não é
uma tarefa técnica
complexa **reservada**
apenas **para especialistas**



à qual a iniciativa TIC dirige seus serviços. O processo deve envolver todas as partes interessadas e seus resultados serem devolvidos a elas para reafirmar sua confiança.

REFLEXÃO CRÍTICA

A avaliação é uma oportunidade para refletir criticamente sobre um projeto ou uma iniciativa, sobre seus avanços e revezes. É importante repassar constantemente a informação obtida mediante um processo de avaliação. Examinar seriamente os resultados conseguidos e transformá-los em conhecimento.

SENSÍVEL AOS PRECONCEITOS

A avaliação não é uma atividade neutra. Todas as partes interessadas, inclusive a avaliadora, terão concepções específicas que afetarão seus resultados. Os(as) avaliadores(as) deverão discutir seus preconceitos com o grupo, especialmente quando estes começarem a influir em suas decisões, no exercício de avaliação. É bom recordar que é muito mais simples conseguir uma avaliação bem sucedida em um contexto aberto, de confiança e sinceridade.

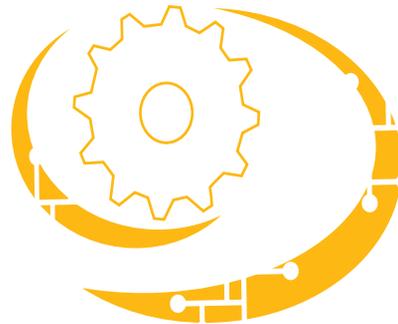
SENSÍVEL AO CONTEXTO

Cada iniciativa TIC se insere em um contexto social, cultural, econômico e político único. Uma boa avaliadora está atenta a cada uma dessas circunstâncias e trata de compreender as dinâmicas que entram em jogo e como agem em um projeto determinado. A sensibilidade a respeito do contexto concede um valor muito importante à escolha das metodologias a serem implementadas na avaliação. Além disso, é necessário realizar um processo de avaliação para identificar e estudar diferentes situações ou realidades que as iniciativas ou projetos de TIC não conseguiram alcançar.

ASPECTOS QUANTITATIVOS E QUALITATIVOS

As avaliações devem levar em conta as mudanças quantitativas e qualitativas de uma

**Cada
iniciativa TIC
se inserem um
contexto social,
cultural, econômico
e político único.**



iniciativa TIC. As quantitativas são as que podem ser expressas em números, como, por exemplo, a quantidade de mulheres que aprenderam a usar o correio eletrônico em um determinado projeto, ou o número de vezes que foi visitado um determinado sítio durante um período específico de tempo. No entanto é importante sustentar os dados quantitativos com conclusões derivadas das mudanças qualitativas, porque as medições numéricas só nos mostram a metade da história.

As mudanças qualitativas são aquelas que não podem ser expressas em números. Por exemplo, uma mudança qualitativa significativa do ponto de vista de gênero seria que a mulher sentisse o empoderamento pessoal, mais confiança em si mesma ou uma maior auto-estima como consequência do uso das TICs. Outra poderia ser as mudanças manifestadas nas relações de um sistema organizacional ou de uma família a partir do emprego de TIC. Essa classe de mudanças pode ser determinada mediante metodologias como as entrevistas ou os relatos pessoais. 

ESTUDO CITADO:

Wood, Peregrine. "GEM Reference: The Betel Chew Ritual". Association for Progressive Communications Women's Networking Support Programme. 2001. Online. <http://www.apcwomen.org/gem/resources/betelchew.htm#top> (s.d.)

Análise de Gênero





ANÁLISE DE GÊNERO

GEM é um guia que integra a análise de gênero à avaliação de iniciativas que utilizam as tecnologias da informação e da comunicação para a transformação social. Este artigo apresenta as definições básicas que são utilizadas nesta metodologia, em especial os conceitos que se referem a gênero. É importante destacar que GEM é uma ferramenta que está em constante desenvolvimento, graças à implementação e às adaptações criativas para as diferentes iniciativas e às reações geradas pela sua aplicação. Esta ferramenta não se apresenta apenas como um sistema de instruções e regras que é preciso seguir rigorosamente. É só através da sua evolução do processo criativo é que é possível comprovar sua praticidade e eficácia como uma metodologia útil.

Conceitos básicos sobre gênero

O QUE É GÊNERO?

Gênero é um conceito que se refere aos arquétipos sociais e culturais que cada sociedade atribui ao comportamento, às características e aos valores que são atribuídos a homens e mulheres, e que os símbolos, as leis e regulamentações, as instituições e a percepção reafirmam. Por trás dos arquétipos está subjacente a idéia de que tais características são naturais ou intrínsecas e, por conseguinte, inalteráveis. Pelo contrário, os arquétipos de gênero são construídos com base em fatores ideológicos, históricos, religiosos, étnicos, econômicos e culturais, que posteriormente são traduzidos em desigualdades sociais, econômicas e

políticas, nas quais as atividades dos homens e os atributos relativos ao seu gênero são percebidos necessariamente como superiores aos das mulheres.

É importante esclarecer que a palavra gênero não significa em si mesma homem ou mulher. Para referir-se às características biológicas que os distinguem a palavra utilizada é sexo, que remete às diferenças dos órgãos sexuais e à anatomia. Por outro lado, o conceito de gênero é utilizado para compreender as relações sociais e pessoais entre homens e mulheres e a forma como são construídos os conceitos de feminilidade e masculinidade. Muitas vezes, os atributos associados a gênero são justificados com base nas diferenças sexuais ou biológicas. Por exemplo,

considera-se que as mulheres são maternas *por natureza*, característica que é associada à sua capacidade reprodutiva de conceber.

Os atributos de gênero costumam ser opressivos. São conceitos que se transmitem ao longo dos séculos e que as sociedades trataram de adotar estritamente. As características típicas atribuídas a mulheres e homens são discriminatórias, limitando - e inclusive afetando - as vidas das pessoas. Historicamente tem sido a mulher a maior perdedora na relação entre os sexos. Nesse sentido, gênero é uma categoria que tem a ver com as relações e, ao mesmo tempo, com a política.

Os atributos de gênero também se estenderam ao campo da ciência e da tecnologia: um ambiente qualificado de "rigoroso" e, portanto, "masculino", que

tradicionalmente se considera mais apropriado para os homens que para as mulheres. Por exemplo, muitas vezes, a ideia de que as mulheres não são tão capazes nas ciências e na tecnologia, em comparação com os homens, é atribuída às suas limitações biológicas em lugar dos estereótipos de gênero, dos materiais educativos, do enfoque do ensino, das oportunidades de estudo e ao desenho tecnológico que contribui para criar uma brecha de gênero no uso das TICs. Os estereótipos indiscutíveis dos papéis de gênero são construídos tendo por base esses recursos e métodos que, por sua vez, continuam afirmando-os. Como consequência, considera-se que os homens estejam mais capacitados que as mulheres para se dedicarem à ciência e à tecnologia, o que cria mais obstáculos para que elas ingressem nesse setor.

Dimensão social das relações de gênero

- As relações de gênero são específicas do contexto.
- As relações de gênero se entrecruzam com outras relações sociais, como classe, etnia/raça e idade.
- As relações de gênero podem mudar, e de fato mudam, como respostas às modificações políticas e sócio-econômicas.
- As relações de gênero podem ser resistentes à mudança porque, da mesma forma que outras relações sociais, têm sua expressão nas instituições da sociedade.

28

O que são os papéis de gênero?

Examinar os papéis de gênero nos permite compreender melhor a diferença no uso das TICs entre homens e mulheres, ou até que ponto são utilizadas por uns e outras. Por exemplo, no âmbito do comércio eletrônico, muitos projetos só ensinam às mulheres como comprar por internet. As aplicações de comércio para setores produtivos, como a de monitoramento de preços dos produtos granjeiros, foram desenhadas principalmente

para comunidades agrícolas, em sua maioria administradas por homens. No entanto, nos últimos anos, as aplicações das TICs começaram a se concentrar na capacitação de mulheres empresárias no uso do comércio eletrônico. Embora essas aplicações não tragam à luz necessariamente mudanças nas funções reprodutivas da mulher, reconhecem seus papéis produtivos, situação que, em alguns casos, significou também uma mudança no lugar que ela ocupa na casa. Muitas das experiências em que foi

introduzido o uso das TICs nas comunidades produziram mudanças na situação dos membros que começaram a ter acesso e a utilizá-las (por exemplo, nos telecentros). Em algumas comunidades as mulheres conseguiram superar as barreiras da liderança, que originariamente era considerada domínio dos homens, convertendo-se em agentes de informação ou em instrutoras nos telecentros.

Quando falamos dos diferentes papéis associados a gênero, devemos prestar especial atenção às diferenças e semelhanças observadas no acesso e utilização das tecnologias por homens e mulheres, e de que maneira influem as relações de poder nessas condições. Por exemplo, como a internet é utilizada por meninos e meninas, e por homens e mulheres? Têm, na prática, as mesmas possibilidades de acesso, ou se considera um certo uso mais importante que outro? Existem dimensões de gênero nessa valorização? Em uma organização em desenvolvimento, há diferenças de gênero entre as pessoas que utilizam o correio eletrônico e as que não o fazem? Que critério é aplicado em termos de uso quando são tomadas decisões sobre a compra de equipamentos novos? Uma vez mais, o gênero influi de alguma maneira em determinar estas opções?

Da mesma forma, os efeitos do uso das TICs têm um impacto diferente nas mulheres e nos homens. Por exemplo, utilizar as TICs faz ganhar tempo ou, na realidade, demanda ainda mais devido aos papéis de gênero? Para expressar de maneira mais específica, as telecomunicações geram potencial para que haja mais trabalho porque as diferenças entre o privado (o lar) e o público (o trabalho) tornam-se menos claras? Em que aspectos intervêm os papéis de gênero nessa organização? Quais são as expectativas? São diferentes para os homens e as mulheres? Ter um computador em casa facilita a administração do trabalho através das

telecomunicações ou cria demandas pouco realistas porque o(a) empregado(a) está sempre conectado(a)? O tempo de trabalho da mulher aumenta ou diminui? Prestar atenção nos múltiplos e diferentes papéis e responsabilidades de gênero permitirá que os profissionais compreendam que, em geral, as necessidades das mulheres com relação às TICs são diferentes das dos homens e que responder a elas, provavelmente, supõe exigências específicas de planejamento.

O conjunto de textos sobre análise de gênero aponta três papéis comuns: reprodutivo, produtivo e de administração da comunidade.

Os **papéis reprodutivos** abrangem a maternidade, responsabilidades da criação e os papéis domésticos desempenhados geralmente por mulheres, das quais se espera que reproduzam e sustentem a mão-de-obra. Embora na prática esses papéis signifiquem trabalho, são diferenciados dos que se denominam "produtivos" porque realizá-los não é considerado "trabalho". Por esse motivo, esta categoria profissional não recebe pagamento algum. Essas tarefas não estão refletidas no PIB, nem no PNB de nenhum país.

Os **papéis produtivos** compreendem o trabalho realizado tanto por homens como por mulheres, que geram renda (em dinheiro ou de qualquer outro tipo) e possuem um valor de troca.

Os **papéis comunitários** são aqueles desempenhados principalmente pelas mulheres na comunidade, como extensão do seu papel reprodutivo, para manter os escassos recursos de consumo coletivo, como a água, a saúde e a educação. (É claro que existem outros membros em uma comunidade que realizam esse tipo de tarefas, como os velhos, os doentes, as pessoas portadoras de deficiências, os subempregados e os desempregados).

Uma vez que as mulheres tendem a assumir múltiplos papéis - ocupam-se dos(as) filhos(as) ao mesmo tempo em que desempenham atividades produtivas e comunitárias -, é importante levar isso em conta no momento de formular um plano de avaliação ou analisar o impacto de um determinado projeto TIC em relação com gênero. É necessário observar o impacto das TICs nos múltiplos papéis e examinar as mudanças que a nova economia da informação aporta aos papéis de gênero de mulheres e homens. Tomemos o caso dos telecentros que empregam mulheres. Algumas avaliações só prestam atenção aos temas de infra-estrutura ou equipamento, não considerando o contexto social nem o conteúdo informativo que pode afetar de forma negativa a mulheres e meninas. Por exemplo, é possível que os cibercafés ou os centros de informação estejam abertos em horários inconvenientes para as mulheres, que têm que fazer malabarismos com seu tempo para atender seus papéis produtivos e reprodutivos. Também é possível que o custo do acesso nesses centros seja proibitivo para as mulheres e as meninas que não dispõem da mesma quantidade de dinheiro que os homens e os meninos. Nesse caso, seria melhor pesquisar por que as mulheres têm uma renda menor: será porque o esquema de gastos das mulheres abrange seus múltiplos papéis (gastos da casa, necessidades familiares, etc.) deixando uma quantidade escassa ou quase inexistente para suas próprias necessidades? Ou talvez porque as mulheres carecem das habilidades necessárias para trabalhar? Ou talvez porque, como carregam com a maior parte (quando não com todos) dos papéis reprodutivos da família, não lhes sobra tempo para comprometer-se com um trabalho produtivo?

Necessidades concretas e interesses estratégicos de gênero

As necessidades concretas de gênero são aquelas que identificam as mulheres e que

não põem em jogo seus papéis sociais aceitos. Estão relacionadas com o cumprimento de seus papéis produtivo, reprodutivo e comunitário, assim como suas responsabilidades que incluem as necessidades básicas concretas, como moradia, emprego e alimento.

Por outro lado, os interesses estratégicos de gênero desafiam os papéis existentes. Refletem exigências cujo propósito é conseguir a igualdade das mulheres, partindo do pressuposto de que elas estão subordinadas aos homens como conseqüência da discriminação social e institucional contra elas.

Na prática, um enfoque que sublinhe as necessidades desta natureza pode dar lugar ao reconhecimento e à consideração dos interesses estratégicos. De qualquer modo, as necessidades concretas podem intensificar a divisão sexual do trabalho já existente, que subordina a mulher ao homem. Por exemplo, ter acesso aos telefones e à internet permite que as mulheres se sirvam dos meios de comunicação, mas não muda automaticamente sua posição em relação aos homens.

Os projetos de intervenção podem abordar a desigualdade de gênero de duas maneiras: tratando de responder às necessidades imediatas sem desafiar necessariamente as causas estruturais da desigualdade de gênero ou concentrando-se em assuntos estratégicos mais amplos relacionados com os interesses de gênero dos homens e das mulheres, criando as condições para conseguir igualdade. Por exemplo, em muitos países em vias de desenvolvimento estão sendo introduzidos computadores como ferramentas para complementar o processo de aprendizagem. Os pesquisadores observarão que as classes não estão livres dos preconceitos de gênero. Uma avaliação sobre gênero levada a cabo em 2001 em quatro países africanos —Senegal, Mauritânia,

Definição de gênero

Gênero é uma variável sócio-econômica para analisar os papéis, as responsabilidades, as obrigações, as oportunidades e as necessidades dos homens e das mulheres, em um contexto determinado. Um dos aspectos da análise de gênero é explorar a natureza das diferenças de gênero e seus significados políticos mediante a formulação sistemática de perguntas, para determinar quão diferentes são os homens das mulheres em uma população determinada, no que se refere aos seus:

*PAPÉIS E ATIVIDADES

Quem faz o quê (as atividades produtivas, as atividades reprodutivas do lar —cuidar das crianças, cozinhar, conseguir água e combustível—, a recreação)? Quem faz o trabalho? As mulheres? Os homens? As meninas? Os meninos? É feito tanto pelas mulheres como pelos homens? Só por um dos dois?

Quanto tempo consome? O trabalho é sazonal? Mensal? Semanal? Diário? Onde trabalham? Em casa? No campo? Na cidade? Em uma fábrica?

Quão rígida é a divisão de gênero no trabalho?

*RECURSOS E OBRIGAÇÕES

Que recursos têm as mulheres e os homens para trabalhar?

Quem utiliza/possui/controla cada um dos recursos? Quem fica excluído do uso/propriedade/controla?

Quais as decisões tomadas pelos homens e pelas mulheres — em casa, na comunidade — ?

As obrigações de participação na vida social e econômica são diferentes para os homens e para as mulheres?

*BENEFÍCIOS E INCENTIVOS

Quem controla as atividades produtivas? E as reprodutivas?

Quem se beneficia com a atividade econômica? Quem recebe a renda? Quem a controla? O que acontece com os benefícios que não provêm da renda?

Há diferentes incentivos para que os homens e as mulheres participem dessas atividades?

(Fonte: "Unit : A conceptual framework for gender analysis and planning")

Uganda e Gana— demonstrou que, apesar dos esforços realizados para fazer com que o programa fosse sensível às questões de gênero, as desigualdades no acesso persistiram. Em algumas escolas em Uganda e Gana as meninas não gozavam do mesmo acesso aos laboratórios de computação que os meninos. O elevado número de alunos por computador e as políticas de ordem de chegada não favorecem as meninas que, no ensino secundário, são muito poucas em relação aos meninos. As meninas têm que chegar mais cedo em casa e têm responsabilidades domésticas que limitam o seu

tempo disponível para acessar. (Gurumurthy 31-32). Um planejamento atento às questões de gênero para esse projeto seria implementar uma política justa para o uso dos computadores, que assegure acesso e uso equitativos. No entanto, provavelmente o projeto não conseguirá responder a uma necessidade mais estratégica: criar as condições para que um maior número de meninas se matricule.

Diferenciar as necessidades concretas dos interesses estratégicos proporciona um maior discernimento para o planejamento e para a

avaliação da perspectiva de gênero, podendo servir como base para identificar as ações positivas. No final da avaliação, estabelecer o grau de resposta às necessidades concretas e estratégicas de gênero pode demonstrar o impacto dos projetos e iniciativas.

Estratégias de transformação de gênero

As políticas de transformação de gênero defendem e trabalham para conseguir a mudança e a transformação das desigualdades existentes. Por outro lado, as políticas específicas de gênero favorecem 'um por encima do outro' para conseguir os objetivos de gênero, enquanto que as neutras não levam em conta as diferenças e não promovem nenhuma mudança na divisão do trabalho e dos recursos, sob a perspectiva de gênero.

As políticas de transformação de gênero deveriam proporcionar às mulheres recursos que permitam que elas obtenham um controle maior das TICs, determinar o tipo de TIC que necessitam e formular políticas que as ajudem a alcançar seus objetivos.

As estratégias verticalistas estão dirigidas a mudar as instituições e as agências TIC para promover a igualdade e o empoderamento das mulheres nas TICs. Estes são alguns exemplos deste tipo de estratégia:

✊ Exercer pressão política em conferências e consultas internacionais para demonstrar a importância de políticas e intervenções que respeitam gênero.

✊ Comportar-se como "cão de guarda" que controla o impacto das TICs nas mulheres.

✊ Realizar pesquisas e reunir informação sobre temas relacionados com gênero,

como eixo central das TICs, para exercer uma pressão mais eficaz.

✊ Promover o uso de ferramentas de análise de gênero, como marcos, pautas, listas de controle e relações de mulheres e especialistas em TICs e gênero.

✊ Trabalhar por dentro das estruturas para produzir mudanças através da capacitação sobre gênero, alocação de fundos, nomeações e obtenção de mandatos legais internos.

As estratégias que se originam da base estão orientadas diretamente para as mulheres e promovem sua inclusão em TICs. São as seguintes:

✊ Suprimir as barreiras legais ou sociais que limitam o acesso das mulheres às TICs.

✊ Possibilitar que as mulheres tomem iniciativas no âmbito de sua participação no planejamento e nas políticas de TIC.

✊ Estender a ajuda financeira ou técnica às mulheres para facilitar-lhes o acesso e o controle das TICs, outorgando-lhes créditos, capacitando-as e educando-as.

Existe uma infinidade de marcos de análise de gênero que podem ser adotados quando utilizamos a GEM como ferramenta de avaliação. Compartilhamos com vocês dois deles: "Lentes para ver gênero na avaliação de projetos", de Sara Hlupekile Longwe, e "Gênero e tecnologia da informação e da comunicação: em busca de um marco analítico", de Peregrine Wood. Longwe examina gênero e TICs a partir de seu impacto no empoderamento das mulheres, enquanto Wood examina a relação entre as mulheres e a tecnologia de diversas perspectivas feministas. Ambos enfoques foram utilizados em nosso trabalho. ⚙️



ESTUDOS CITADOS:

"Unit 1: A conceptual framework for gender analysis and planning." ILO/SEAPAT's Gender Learning & Information Module. Na internet, <http://www.ilo.org/public/english/region/asro/mdtmanila/training/homepage/mainmenu.htm> (s.d.)

Gurumurthy, Anita. Gender and ICTs Overview Report. UK: Bridge, Institute of Development Studies, setembro de 2004. 31-32. Na internet. <http://www.siyanda.org/search/summary.cfm?NN=1458&ST=SS&Keywords=icts&Subject=0&donor=0&langu=E&StartRow=1&Ref=Adv>

Tinio, Victoria. "ICT in Education". e-ASEAN Taskforce and UNDP-APDIP, maio de 2003.

LENTE PARA VER GÊNERO NA AVALIAÇÃO DE PROJETOS

Por Sara Hlupekile Longwe



O artigo “**LENTE PARA VER GÊNERO NA AVALIAÇÃO DE PROJETOS**” foi apresentado na oficina sobre GEM na África em 16 de novembro de 2002. Discorre sobre um marco que utiliza a análise de gênero, desenvolvido por Sara Hlupekile Longwe, uma especialista em gênero de Lusaka, Zâmbia. A autora sustenta que o empoderamento das mulheres pode ser conseguido, permitindo que elas tomem o controle dos fatores de produção e que participem como iguais no processo de desenvolvimento de uma atividade ou um projeto (para os fins deste manual editamos o ensaio de Longwe).

Longwe provém das bases, é organizadora, crítica e autora de “O marco Longwe para a análise de gênero”. Foi pioneira no uso das leis internacionais de direitos humanos na luta, nos tribunais locais, pelos direitos da mulher. Desde sua primeira batalha contra o governo de Zâmbia para obter uma licença maternidade, quando nada mais era senão uma jovem professora da escola secundária, Longwe converteu-se na principal impulsionadora de um grupo de lobby que pressionou com êxito o governo para que introduzisse, em 1974, um dispositivo relativo à licença maternidade para as docentes. Seu compromisso permanente com a defesa dos direitos da mulher em diversos âmbitos, incluindo o das TICs, fez com que recebesse o prêmio Nobel para África 2003 em reconhecimento à sua contribuição para as lutas de gênero. [Zulu e o Projeto Fome]

Uma lente para reconhecer uma questão de gênero

Todos vemos o mundo de diferentes maneiras – nossas apreciações e nossa participação estão determinadas por vários fatores como classe, raça, gênero, contexto cultural, situação econômica e política, e muitos outros. Considerando esses fatores necessitamos utilizar uma espécie de lente para identificar os problemas de gênero que intervêm em um projeto. Essas lentes nos permitem distinguir os diferentes tipos de problemas relacionados com gênero, catalogá-los e defini-los segundo sua gravidade, para poder examinar melhor a situação.

Níveis de gravidade dos problemas de gênero

👤 *As necessidades gerais de desenvolvimento* são aquelas que afetam as mulheres e os homens igualmente, isto é, que têm pouco impacto nas diferenças de sexo ou gênero e, portanto, se situam no nível de gravidade mais baixo dos problemas de gênero. Frequentemente considera-se que temas como a necessidade de estradas, transporte ou água, formam parte das necessidades gerais de desenvolvimento. No entanto, devido às severas diferenças de gênero e à divisão dos papéis sociais e econômicos da maior parte das sociedades, eu duvido que qualquer necessidade, exceto a do ar, possa ser catalogada como uma necessidade geral de desenvolvimento. Não obstante, poder-se-ia dizer que há algumas necessidades *mais* gerais que outras, nas quais a discriminação e as diferenças de gênero são menos graves. Por exemplo, talvez as estradas sejam uma necessidade mais geral se comparada com a terra. Na África, o acesso a terra é uma das necessidades que mais afetam as mulheres, que sendo maioria entre os granjeiros e os produtores de comida são, no entanto, fortemente discriminadas nesse âmbito.



👤 *As necessidades especiais das mulheres* são as que surgem das diferenças biológicas ou sexuais. Não há dúvida de que podem ser problemas muito sérios do ponto de vista geral, mas não constituem em si mesmos problemas de gênero. Alguns exemplos óbvios dessa categoria são a necessidade de maternidades, serviços de cuidado pré-natal, etc. No entanto, a maioria dos serviços relacionados com os cuidados dos filhos e filhas não pertence a esta categoria, porque as responsabilidades da mulher neste sentido surgem principalmente a partir da divisão de gênero do trabalho, mais que dos papéis biológicos pré-estabelecidos. (Certamente, das necessidades especiais das mulheres podem derivar problemas de gênero como, por exemplo, quando o controle do orçamento governamental está em mãos dos homens e isso se traduz em falta de fundos para as maternidades).

👤 *As preocupações inerentes a gênero* são as necessidades que derivam da divisão de gênero dos papéis sociais e econômicos. Alguns exemplos das referidas preocupações surgem da atividade doméstica que a mulher desempenha (cuidar dos filhos e filhas, preparar e produzir alimentos, etc.). Por exemplo, é característico das mulheres o fato de serem mais dependentes do meio ambiente natural (a vegetação ou a selva), de onde colhem os alimentos e os remédios. Este é outro dos motivos pelos quais mulheres e homens têm *perspectivas* diversas quanto aos problemas do desenvolvimento e um modo diferente de *identificar* os que necessitam solução. Um

projeto de desenvolvimento pode *ajustar-se* às preocupações de gênero, mas deve também *abordar* as questões relativas a ele.

👉 *A desigualdade de gênero é o mais sério destes problemas porque às preocupações se soma também a desigualdade de gênero, que deriva do acesso reduzido que as mulheres têm às prestações de serviços, às oportunidades e aos recursos, em cujo caso as mulheres necessitariam mais recursos e oportunidades que os homens.*

👉 *As questões de gênero originam-se quando as pessoas reconhecem que uma determinada situação de desigualdade é incorreta, inaceitável e injusta. Essa tomada de consciência costuma aparecer quando a brecha de gênero é grande e as mulheres conhecem seus direitos humanos e democráticos (nos estados extremamente patriarcais da África, a maior parte das injustiças de gênero são perpetradas contras as mulheres e nem tanto no outro sentido). Não há dúvida que, de um ponto de vista puramente moral, as desigualdades de gênero são sempre injustas e, como conseqüência, sempre constituem um tema de preocupação. Contudo, de uma perspectiva política, é difícil que se converta em tema de preocupação se carece do apoio de um grupo numeroso de pessoas.*

No caso do seu projeto reconhecer e afrontar os problemas de gênero, a pergunta é: esses seriam os temas importantes e mais sérios a tratar ou preferiu-se optar por um problema menor na diferenciação dos papéis de gênero, em lugar de tentar resolver a discriminação de gênero?

A lista anterior lhe ajudará a estabelecer um foco de interesse claro acerca do tipo de problema de gênero em que sua avaliação deveria concentrar-se. É de se esperar que queira concentrar-se nas questões mais sérias, como, por exemplo, se o projeto contribui para tratar de resolver os problemas de

gênero ou se simplesmente se limita a divulgar informação sobre gênero.

Se seu projeto aborda as questões de gênero mais sérias é necessário entender as dimensões das referidas questões.

Uma lente para analisar uma questão de gênero

Nossa ótica também necessita uma lente que permita identificar uma questão de gênero em termos das causas subjacentes, porque para tratar de resolver um problema é necessário ocupar-se das causas que estão por baixo, mais que seus efeitos.

O ideal seria que, nas etapas de Análise de Situação e de Identificação do Problema do plano de um projeto, sejam estabelecidas as causas subjacentes a uma determinada questão de gênero. Nesse caso, espera-se que a estratégia de intervenção seja a apropriada para abordar as mencionadas causas subjacentes.

A lista abaixo constitui um marco de referência útil para reconhecer as causas subjacentes de uma questão de gênero.

👉 *A brecha de gênero é a diferença que pode ser observada (e muitas vezes medida) entre mulheres e homens com relação a alguns indicadores sócio-econômicos importantes (por exemplo, propriedade de bens, acesso a terra, matrícula na escola), que se considera injusta e que, portanto, apresenta uma evidência empírica clara da existência de um problema de gênero.*

👉 *A discriminação de gênero é o conjunto de condutas e atitudes que produzem uma brecha de gênero. Isso nunca é acidental; é a conseqüência do tratamento discriminatório de gênero. Em uma sociedade patriarcal, o tratamento diferencial quase sempre é dado às meninas e às mulheres, excluindo-as do acesso às oportunidades, das*

prestações de serviços e dos recursos. O tratamento discriminatório pode basear-se em um costume social ou estar arraigado nos regulamentos e medidas administrativas de governo, ou inclusive nas leis estatutárias. Mesmo quando as práticas discriminatórias radicam nos hábitos e costumes religiosos, em muitos países, podem assumir categoria de lei.

👉 O controle patriarcal é o sistema de monopólio ou domínio masculino nos postos de decisão em todos os níveis de governo, o que é utilizado para perpetuar o domínio masculino e a discriminação de gênero, para continuar com os privilégios dos homens.

👉 A crença patriarcal é um sistema de convicções que serve para legitimar o domínio masculino e a discriminação de gênero. Está baseada na interpretação patriarcal dos textos bíblicos e religiosos e crenças sobre a superioridade biológica do homem (sexismo), que afirmam que a divisão desigual dos direitos e responsabilidades entre os gêneros é natural (biológica), divina ou difícil de mudar, porque está irremediavelmente arraigada na cultura.

👉 A coerção é uma parte ainda mais atroz do domínio masculino, que se serve da violência contra as mulheres para mantê-las em seu lugar. Pode se tratar de violência doméstica ou institucionalizada, através das escolas, da polícia, do exército, etc. Quando a aceitação das crenças patriarcais, por parte das mulheres, começa a fraquejar, a violência física e sexual funciona como método alternativo de controle e submissão.

Mas se nossa intenção é tratar de resolver as causas subjacentes, então, devemos compreender o processo de empoderamento das mulheres, mediante o qual podemos reconhecer e abordar as questões de gênero. Se um projeto vai estar orientado para a ação nesse sentido, espera-se que incorpore e promova o processo de

empoderamento como parte de sua estratégia de intervenção.

Para avaliar a contribuição de um projeto ao processo de empoderamento temos que compreender esse processo.

Uma lente para ver o processo de empoderamento da mulher

Um foco de interesse na avaliação pode surgir a partir da pergunta geral: um projeto se limita a difundir informação sobre as questões de gênero ou, além disso, contribui para o processo de empoderamento das mulheres? Mas, entendemos realmente o que isso significa? Qual é a contribuição dos sistemas de informação neste processo? Será que somos tão ingênuas(os) para supor que as mulheres são "empoderadas automaticamente", apenas pelo fato de estarem melhor informadas?

Uma vez que os problemas de gênero estão arraigados em um sistema patriarcal e são considerados questões de gênero, é óbvio que não se pode conseguir intervenções através de planejadores verticalistas. Melhorar a situação da mulher requer um processo de empoderamento por meio do qual as mulheres conseguem um maior controle sobre as decisões públicas. O empoderamento das mulheres é o caminho para uma mudança de costumes e leis que as discriminam; o meio para conseguir uma divisão do trabalho e uma distribuição dos recursos que seja equitativa da perspectiva de gênero.

Os homens preservam seu domínio sobre as instâncias de tomada de decisões para seu próprio benefício: as mulheres fazem a maior parte do trabalho e eles recebem a maior parte da recompensa. Seria uma loucura as mulheres esperarem que os líderes homens de repente "tomassem consciência" do valor da igualdade de gênero e lhes "presenteassem" uma fatia do bolo. As experiências do passado deram provas

suficientes de que os homens não dão poder “de presente” para as mulheres. Uma das verdades absolutas da política de gênero, como de qualquer outro tipo de política, é que o poder nunca se dá, mas se toma.

Portanto, é evidente que precisamos de uma lente que nos ajude a ver o processo de empoderamento como uma forma de ação das mulheres, mediante a qual se pode enfrentar uma questão de gênero. Os seguintes cinco níveis do Marco de Empoderamento das Mulheres podem nos ajudar a compreender melhor esse processo:

- Assistência social
- Acesso
- Conscientização
- Mobilização
- Controle

👉 A assistência social é aqui considerada como o nível mais baixo na qual uma intervenção para o desenvolvimento pode tentar fechar uma brecha de gênero. Ao dizer assistência social estamos nos referindo a uma melhoria na situação sócio-econômica em termos de nutrição, moradia ou renda. No entanto, se uma intervenção se detém nesse nível, então estamos falando de mulheres que recebem esse tipo de benefícios em lugar de produzi-los ou adquiri-los por seus próprios meios. Portanto, este é o nível zero do empoderamento, no qual as mulheres são receptoras passivas dos benefícios que lhes são outorgados “lá de cima”.

👉 O acesso representa o primeiro nível de empoderamento. As mulheres conseguem melhorar sua própria posição em relação aos

homens através do trabalho e da organização, produto do maior acesso aos recursos. Por exemplo, as trabalhadoras rurais podem incrementar a produção e o bem-estar geral mediante um maior acesso à água, à terra, ao mercado, à capacitação ou à informação. Mas, essa informação que consideravam apropriada, foi “recebida” das mãos das “autoridades” ou foram elas que conseguiram ampliar seu próprio acesso? Se foram elas, estamos diante de um incipiente processo de conscientização: reconhecem e analisam seus próprios problemas e tomam medidas para resolvê-los.

👉 A conscientização é o processo mediante o qual as mulheres compreendem que sua carência de bem-estar e a posição de inferioridade em que se encontram em relação aos homens não se devem a sua própria incapacidade, nem à sua falta de organização ou esforço. Implica tomar consciência de que, na realidade, a impossibilidade de aceder aos recursos é consequência das práticas e regras discriminatórias, que dão prioridade de acesso e controle aos homens.

A conscientização, portanto, tem a ver com uma necessidade coletiva de entrar em ação, para acabar com uma ou mais das práticas discriminatórias que impedem que as mulheres acessem os recursos. É aqui onde se torna mais evidente o potencial das estratégias para otimizar a informação e a comunicação, como meio para promover o processo de conscientização. É um processo que está impulsionado pela própria necessidade das mulheres de entender as causas subjacentes de seus problemas e de definir as estratégias de ação. A liderança das mulheres mais liberadas e ativistas é fundamental nessa fase em que o descontentamento diante da ordem patriarcal começa a dar passos concretos.



👉 Como conseqüência, a **mobilização** é o nível de ação que complementa a conscientização. Em primeiro lugar, implica que as mulheres se reúnam, para reconhecer e analisar seus problemas. Começam, então, a identificar as estratégias para superar as práticas discriminatórias e organizam ações coletivas para eliminá-las. Provavelmente a esta altura, a comunicação não seja simplesmente uma ferramenta para mobilizar o grupo, mas também um meio para o contato com movimentos de mulheres maiores, para aprender sobre os resultados de estratégias de ação similares em outros lugares e para conectar-se com uma luta mais ampla. Aqui, comunicar-se significa unir-se à irmandade global, na luta pelos direitos da mulher.

👉 **Controle** é o nível que se atinge quando as mulheres agiram e conseguiram a igualdade de gênero nas decisões sobre o acesso aos recursos. Tomaram o que lhes pertencia por direito e não continuarão esperando eternamente que os recursos “cheguem” a elas de acordo com o critério dos homens ou os caprichos da autoridade patriarcal. Neste nível, o papel da informação e da comunicação é difundir o desenvolvimento de uma estratégia de sucesso. Por exemplo, na luta das viúvas para conservar o título de propriedade de seus bens, depois da morte de seus maridos, as estratégias levadas a cabo pelas mulheres de Zâmbia podem ser igualmente úteis ou adaptar-se no sul e no leste da África.

Os cinco níveis que acabamos de descrever não sucedem em forma de progressão linear ou tal como foram escritos aqui. Em alguns casos, as mulheres adquirem mais controle, o que gera um maior acesso aos recursos que, por sua vez, melhora a sua situação sócio-econômica.

Quando avaliamos um projeto, temos que perguntar-nos se ele intervém simplesmente como uma forma de melhorar o bem-estar e

o acesso à informação, ou se promove a participação das mulheres em um processo para incrementar a conscientização e mobilização, que conduzam a mais compromissos e chegar ao controle.

Às vezes, ao avaliar o plano de um determinado projeto, a pessoa que avalia já pode perceber o fenômeno da *diminuição da intensidade* da atenção do projeto à questão de gênero. Ou seja, a questão de gênero que na Análise de Situação aparecia de forma tão proeminente, vai perdendo intensidade na medida em que o plano avança em direção às suas metas, estratégias de intervenção e objetivos. A diminuição da intensidade também se manifesta no Marco do Empoderamento das Mulheres. É comum que na Análise de Situação se admita com audácia que a questão de gênero se encontra no nível de discriminação de gênero e falta de participação da mulher nas decisões. No entanto, na medida em que o plano avança para as intervenções, os assuntos relacionados com a assistência social e o acesso aos fatores de produção se tornam mais proeminentes. Pode ser útil para a pessoa que avalia utilizar o marco mencionado anteriormente para estabelecer o “perfil de gênero” do projeto e avaliar cada um dos elementos do plano em termos de seu interesse no empoderamento da mulher.

A implementação do projeto também constitui uma oportunidade para o fenômeno de *diminuição da intensidade*. É possível que o plano do projeto proponha intervenções bem audaciosas para o empoderamento da mulher, mas que a direção decida reinterpretá-las de forma verticalista. Isso resulta em intervenções moderadas no âmbito da assistência social e do acesso.

Conclusão: Use suas lentes para encontrar o foco de sua avaliação

O marco anterior demonstra que existe um *número infinito* de perguntas que podem ser

formuladas sobre os diferentes aspectos de um projeto e inclusive sobre nosso interesse específico em sua perspectiva de gênero. Desse ponto de vista, a tarefa de quem avalia pode parecer angustiante.

Mas, pense nos marcos como se fossem as lentes de um par de óculos, de forma similar ao que faz o oculista que escolhe a lente adequada para melhorar a visão do paciente. Do mesmo modo, cada um dos marcos apresentados neste artigo aporta ou agrega lentes diferentes que ressaltam outros aspectos para avaliar o projeto. Isso permite estabelecer prioridades bem definidas para a avaliação de gênero.

Graças às diferentes lentes, agora você tem um par de óculos que lhe ajudarão a considerar:

- Os pontos mais fracos do projeto, nos quais as questões de gênero estão ausentes;

- O tipo de perguntas que uma avaliação deve formular para examinar os aspectos concretos do projeto;

- As questões cruciais ou mais sérias que devem ser abordadas pelo projeto;

- As causas subjacentes de importância que é preciso enfrentar; e

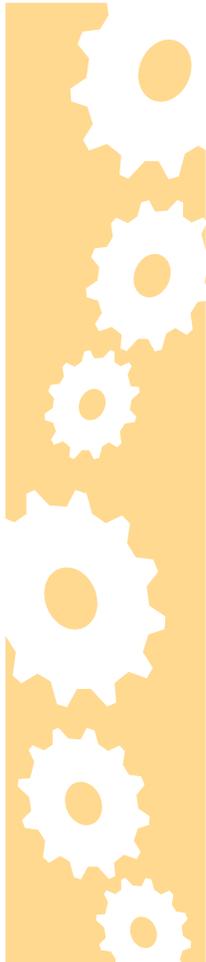
- Os aspectos do empoderamento das mulheres com os quais o projeto pode contribuir.

Com seus novos óculos você poderá se concentrar na avaliação do problema e das prioridades. Então, estará em condições de começar a formular as perguntas essenciais para a avaliação e identificar os indicadores e os métodos para reunir a informação necessária.

Por isso, antes de fazer qualquer coisa, não se esqueça de pôr os óculos! 

GÊNERO E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: EM BUSCA DE UM MARCO ANALÍTICO *

Por Peregrine Wood



AS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS demonstraram a crescente força dos movimentos globais de mulheres que defendem a igualdade e o empoderamento. Dentre as questões levantadas, encontram-se a marginalização e a invisibilidade das mulheres em todos os aspectos da tecnologia.

Este artigo apresenta uma série de perspectivas sobre gênero e tecnologia da informação e comunicação (TIC) extraída de uma seleção de textos. Pretende mostrar alguns dos debates e críticas mais importante em torno das TICs, para evidenciar alguns temas centrais que preocupam as mulheres. Também proporciona um marco analítico a partir do qual podemos considerar a participação global das mulheres na necessidade e na crítica à rede informática. O marco está baseado num artigo inicial, desenvolvido para um trabalho de pesquisa realizado pelo Programa de Apoio às Redes de Mulheres da Associação para o Progresso das Comunicações, sobre a rede de interconexão global das mulheres, mas incorpora à discussão uma perspectiva internacional e salienta alguns assuntos e observações específicas acerca das mulheres que trabalham nas TICs.

O livro *Feminism Confronts Technology* (O feminismo enfrenta a tecnologia), de Judy Wajcman conclui: "É um momento oportuno para redefinir a relação entre tecnologia e gênero. A antiga ideologia masculinista se tornou cada vez mais insustentável, devido às mudanças tecnológicas, o desafio que o feminismo impõe... As tecnologias revelam ante as sociedades que as inventam e as utilizam, suas concepções de posição social e justiça redistributiva. Uma vez que as tecnologias atualmente refletem um mundo de homens, a luta pela mudança requer uma transformação das relações de gênero." [166]

* Este artigo foi escrito entre 1998 e 1999 e pode ser lido no site: <http://www.apcwomen.org/resources/research/analyticalframework.html>. O artigo foi editado para os fins do presente manual

Definição dos conceitos

Antes de embarcarmos em uma discussão sobre gênero e TIC é importante clarear os termos importantes utilizados neste artigo. De acordo com Wajcman, a palavra “tecnologia” tem pelo menos três níveis de significado [14]. Em primeiro lugar, refere-se ao que as pessoas sabem, que abrange o conhecimento sobre o uso, os consertos, o desenho e a criação da tecnologia. Em segundo lugar, designa as atividades e práticas humanas relacionadas à tecnologia, como a produção de aço e a programação dos computadores. E por último, refere-se ao equipamento ou ao conjunto de objetos físicos tais como os computadores e os automóveis.

Swasti Mitter considera “a tecnologia da informação” como um grupo de tecnologias que não se limitam a armazenar ou transmitir, mas que também processa informação [Mitter e Rowbotham 3]. Os computadores e seus programas constituem o núcleo da tecnologia da informação.

Pilar Riano define as “comunicações” como “um sistema social de símbolos e significados compartilhados (que) une as pessoas em um grupo, comunidade ou cultura” [280].

Por outro lado, o termo “gênero” refere-se aos diferentes papéis que homens e mulheres desempenham dentro de uma sociedade ou comunidade. [Parker 18]. Esses papéis são determinados por fatores culturais, sociais e econômicos que diferem dentro e entre as culturas e os países. Sheila Rowbotham destaca que a palavra “gênero” não possui um único significado, mas se vê afetada por um conjunto de relações sociais [Mitter e Rowbotham 341]. Os papéis de gênero distinguem-se das diferenças de sexo no fato destas últimas serem biológicas e, na maioria dos casos, não poderem ser modificadas. Os papéis de gênero são dinâmicos e mudam com o tempo [UNDP 3].

Algumas perspectivas feministas sobre as mulheres e as TICs

“OCULTADAS NA HISTÓRIA”

Uma das primeiras coisas que os textos sobre gênero apontam é que as contribuições das mulheres nesse campo foram excluídas da história. A tarefa das primeiras estudiosas feministas foi “descobrir e recuperar as mulheres que tinham sido ocultadas na história” e que haviam contribuído para o desenvolvimento tecnológico [Wajcman 15]. Durante a revolução industrial, as mulheres inventaram e contribuíram para a invenção de máquinas cruciais, como a limpadora de algodão, a máquina de costura, o motor elétrico pequeno e o tear. Da mesma forma, o trabalho que as feministas realizaram sobre a história da computação e da tecnologia da informação demonstrou que as mulheres sempre se dedicaram à computação. Para compreender plenamente a contribuição das mulheres ao desenvolvimento tecnológico, as escritoras feministas promovem a criação de um movimento independente da concepção tradicional da tecnologia (que a considera em função das atividades dos homens) que conceda uma importância maior às atividades das mulheres.

AS MULHERES NA TECNOLOGIA

Os textos sobre “As mulheres na tecnologia” estão centrados na exclusão das mulheres da tecnologia e consideram que a mudança deve vir através de um maior acesso e mais políticas de igualdade de oportunidades. Os primeiros estudos sobre as mulheres e a engenharia, a computação e a tecnologia da informação apontam a pouca presença feminina nas ocupações técnicas, assim como a quantidade de mulheres que ocupam postos de telefonistas e realizam atividades de escritório. Embora os estudos mais recentes demonstrem que as mulheres estão abrindo caminho no âmbito técnico e nas posições mais importantes, existe uma



crescente feminização de alguns trabalhos de menor nível. Os dados sobre educação também mostram um comportamento distintivo de gênero, no qual as mulheres representam uma porção cada vez menor dos ingressos às carreiras informáticas universitárias. Os estudos sobre as condições de trabalho das mulheres no âmbito tecnológico ressaltam as diferenças salariais entre elas e os homens, que costumam ganhar mais [Henwood 32-37]. A solução para esses problemas, em uma perspectiva das “mulheres na tecnologia”, é aumentar a quantidade e a proporção de mulheres na área de informática e da tecnologia da informação.

UMA TECNOLOGIA FUNDADA NOS VALORES DAS MULHERES

Nos anos 80 as feministas dirigiram sua atenção para o caráter de gênero da tecnologia. “Em vez de indagar como conseguir que as mulheres recebam um tratamento mais equitativo dentro e por parte de uma tecnologia neutra, muitas feministas agora afirmam que a tecnologia ocidental em si mesma encarna os valores patriarcais” [Wajcman 17]. A tecnologia e a ciência são percebidas como atividades extremamente envolvidas no projeto masculino de dominação e controle sobre a mulher e a natureza. A proposta, nessa perspectiva, é chegar a uma tecnologia fundada nos valores das mulheres. Nesse aspecto, destacam-se principalmente as críticas das eco-feministas à tecnologia militar e aos efeitos das tecnologias modernas, que consideram produto da cultura patriarcal sobre a ecologia [Rothchild 1983]. Desse ponto de vista, as feministas promovem uma

maior humanização, pacifismo, atenção e desenvolvimento espiritual das mulheres, buscando conseguir um novo conceito de tecnologia que incorpore tais valores.

A TECNOLOGIA E A DIVISÃO DO TRABALHO

Com base nos debates dos anos 70 sobre o processo trabalhista marxista (que concebiam as relações sociais da tecnologia em termos de classes sociais), esta perspectiva considera a tecnologia como algo neutro, porém, mal-utilizada pelo capitalismo, para des-especializar os trabalhadores e trabalhadoras e incrementar o controle corporativo sobre o processo de trabalho. As contribuições feministas a esses debates atribuem a exclusão da mulher da tecnologia à divisão de gênero do trabalho e ao domínio masculino das atividades especializadas, que se desenvolveram no marco do capitalismo. Wajcman destaca que o isolamento das mulheres da tecnologia é consequência da construção cultural e histórica da tecnologia, como uma atividade masculina [20]. Conseqüentemente, desde as suas origens, a tecnologia reflete tanto o poder dos homens como o domínio capitalista.

GÊNERO E TECNOLOGIA DEFINIDOS SOCIALMENTE

Esta perspectiva, que rechaça a noção de tecnologia neutra, considera que tanto esta como o gênero estão determinados pela sociedade. Historicamente, a tecnologia foi definida como um conjunto de atividades exclusivas do homem. Tanto é assim que muitas das tarefas realizadas tradicionalmente pelas mulheres (como por exemplo, TIC) não

são consideradas técnicas, apesar do alto grau de destreza manual e cálculo que implicam. [Cockburn citado em Henwood 40]. Igualmente Game e Pringle referem-se aos opostos do tipo “pesado/leve”, “sujo/limpo”, “técnico/não técnico”, cujo objetivo (segundo afirmam) é preservar a divisão sexual do trabalho [17]. Portanto, em lugar de promover a inclusão das mulheres ao trabalho atualmente denominado especializado ou técnico, esta perspectiva propõe uma reavaliação total do trabalho, para que muitas das ocupações tradicionais das mulheres sejam reconhecidas como especializadas e técnicas e recebam a remuneração apropriada.

A TECNOLOGIA COMO CULTURA

Recentemente, algumas feministas viram nas novas análises culturais da tecnologia um marco apropriado para analisar as relações entre gênero e TIC. Esse marco não considera a tecnologia e o gênero como estáticos e pré-estabelecidos, mas como processos culturais que (da mesma forma de outros) estão sujeitos a “negociação, controvérsia e, em última instância, transformação” [Henwood 44]. Existe uma diferença fundamental entre a perspectiva de “tecnologia como cultura” e os numerosos estudos sobre a tecnologia e a mulher que falam da cultura masculina da tecnologia e insistem nas formas como os homens e meninos dominam o desenho e o uso das tecnologias, na linguagem utilizada, que reflete seus interesses e prioridades, e no modo em que se excluem as mulheres, limitando sua participação no âmbito da tecnologia. Na análise cultural da tecnologia, as tecnologias são “produtos culturais”, “objetos” ou “processos” que adquirem significado através da experimentação cotidiana. Como aponta Henwood:

“Nossa teoria sobre a relação entre gênero e tecnologia da informação não deveria ser reduzida simplesmente à fórmula ‘homem igual

a tecnologia culta; mulher igual a tecnologia inculta’. Os significados tecnológicos não estão pré-estabelecidos’, são construídos. A tarefa de tentar transformar as relações de gênero da tecnologia não deveria concentrar-se no acesso ao conhecimento como se propõe, mas em criá-lo. Isto é, comprometer-nos no processo de definição, de construção de significados e na criação da cultura tecnológica”. [44].

Henwood (e outras que compartilham a visão da tecnologia como cultura) conclamam a continuar pesquisando nessa perspectiva para compreender as experiências subjetivas e as práticas das mulheres com a tecnologia, tomando-as como ponto de partida para formular definições de “tecnologia”, “trabalho tecnológico” e “especialidade”.

DEMOCRATIZAR O CONHECIMENTO E A TECNOLOGIA

Vandana Shiva, uma voz importante na literatura de gênero e tecnologia que nos chega do Sul, assinala como são pouco apropriados os conhecimentos e as tecnologias ocidentais aplicadas no Terceiro Mundo. Seu raciocínio está baseado na idéia de que o enfoque dado no Norte, à ciência e à tecnologia, originou sistemas ocidentais de conhecimentos e tecnologia (baseados em uma cultura, uma classe e um gênero determinados) que agora se está tratando de impor ao Sul. Shiva questiona a afirmação de que esses sistemas são universais: “vindo de uma cultura dominante e colonizadora, os sistemas de conhecimento modernos são em si mesmos colonizadores” [9]. Como conseqüência, essa “monocultura da mente” (o processo de transferência da tecnologia e do conhecimento) deixa de lado os conhecimentos e experiências locais. Além disso, “o poder, mediante o qual o sistema de conhecimentos dominante submete a todos os demais, o converte em exclusivo e antidemocrático” [60]. Shiva, que está contra o capitalismo global, reclama uma tecnologia

alternativa, baseada na comunidade e uma redefinição do conhecimento em que “se legitime o local e o diverso” [62]. Conseqüentemente, a perspectiva da “democratização do conhecimento e da tecnologia” está relacionada com as liberdades dos seres humanos, porque “liberta o conhecimento da dependência dos regimes de pensamento estabelecidos, tornando-o, ao mesmo tempo, mais autônomo e autêntico” [62].

A “PERSPECTIVA DA SUBSISTÊNCIA”

Muitas feministas oferecem novos pontos de vista sobre tecnologia e sociedade que são antiexploradores, anticolonialistas e antipatriarcais. Muitas das iniciativas estão centradas na necessidade de que sejam produzidas mudanças qualitativas na economia, opondo-se à teoria de que com um maior conhecimento, mais tecnologia, mais ciência e mais progresso, serão resolvidas as crises ecológicas e econômicas. Maria Mies oferece um ponto de vista que considera a tecnologia na perspectiva da subsistência fundada na colonização das mulheres, da natureza e de outros povos. A “perspectiva de subsistência” está baseada e promove a democracia das bases ou a democracia participativa nas decisões políticas, econômicas, sociais e tecnológicas [391]. Da mesma forma que no caso das eco-feministas, esta perspectiva reconhece que os sistemas de poder e os problemas estão interconectados e não podem ser resolvidos isoladamente ou mediante uma simples solução tecnológica. Exige um novo paradigma de ciência, tecnologia e conhecimento que permita aos povos manter o controle sobre sua tecnologia. O novo paradigma de Mies, que se opõe à concepção atual de ciência e tecnologia instrumentalista e reducionista, está baseada em um enfoque multidimensional que

incorpora um sistema de conhecimentos, que respeita a ecologia tradicional, das bases, inspirado nas mulheres e nos povos. Mies afirma que “uma concepção de ciência e tecnologia com essas características não contribuirá para reafirmar a iniquidade das relações sociais, e tornará possível uma maior justiça social” [320]. Embora algumas feministas, como Mitter e Rowbotham, não estejam convencidas de que a “crítica à modernização” de Mies seja viável na prática, a “perspectiva da subsistência” mostra uma forma conceitual avançada para elaborar uma visão alternativa de gênero e tecnologia.

“A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS”

Outras vozes do Sul dão boas-vindas às tecnologias modernas, sempre e quando possam expressar sua opinião acerca do modo em que a tecnologia é adotada. Estas mulheres são cautelosas com relação às “críticas da modernização” que “sufocam os reclamos e aspirações de milhões de mulheres e homens menos privilegiados, com ‘fome’ de revolução informática e de tecnologias avançadas” [Mitter e Rowbotham 17]. Sustentam que para as mulheres é difícil inclinar a balança do poder, se têm à disposição apenas sistemas sociais e de conhecimentos indígenas, em comparação com a modernização e as tecnologias modernas. Mitter afirma que “geralmente as mulheres têm um poder de decisão insignificante, se estão confinadas em suas comunidades pelas tradições e limitadas pelas normas de comportamento” [17]. As feministas do Terceiro Mundo apóiam essa perspectiva, celebram o aspecto libertador da revolução informática e das tecnologias avançadas que, em determinadas circunstâncias, “lhes dão poder econômico, autonomia e a possibilidade de escapar das tiranias das sociedades tradicionais” [Mitter



e Rowbotham 17]. Exigem conhecer e ter acesso ao funcionamento técnico e às habilidades necessárias para o negócio, valorizando todo tipo de intercâmbio internacional de experiências de organização para afrontar as dificuldades das novas tecnologias. Rowbotham conclui dizendo que “uma nova relação entre tecnologia e gênero não pode ser elaborada apenas a partir da teoria, mas tem que ser criada por usuárias(os) e por trabalhadoras(es) de todo o mundo, a partir de suas experiências cotidianas” [66].

GÊNERO NAS COMUNICAÇÕES

No livro *Women in Grassroot Communications* (As mulheres nas comunicações de base), Pilar Riano expõe a contribuição das mulheres aos debates de gênero na comunicação, que se estabelece a partir da posição de subordinação das mulheres na indústria. Os temas recorrentes se referem à falta de participação e representação das mulheres nos principais meios de comunicação, à imagem sexista da mulher que é apresentada na mídia, à ausência de figuras femininas nas notícias e nos temas de atualidade, e à posição desvantajosa em que se encontram em termos de acesso às novas tecnologias da comunicação*. Segundo afirma Riano, as primeiras contribuições aos debates sobre gênero nas comunicações por parte das mulheres do Sul, as não brancas e de outros grupos marginalizados surgiram nos anos 60 e 70. Seus debates insistiam na representação negativa que era feita delas nos principais meios de comunicação, exigiam igualdade e foram evoluindo para um discurso centrado nas diferenças qualitativas que elas aportavam à democratização das comunicações. Estas perspectivas coletivas sugerem que a identidade de gênero e as formas em que as mulheres experimentam a subordinação estão “conectadas e mediadas” por outras variáveis como raça, classe social, orientação sexual, idade e geração, história, cultura e colonialismo. Riano observa que,

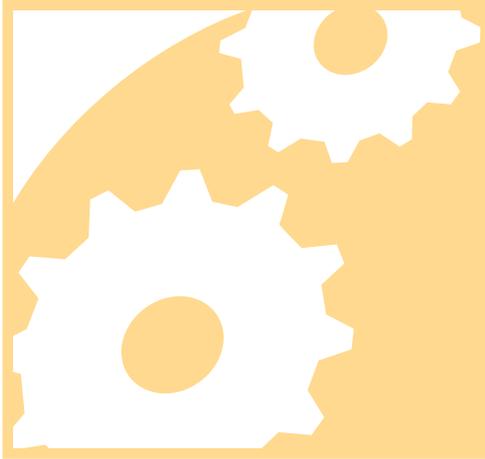
graças à criação de coalizões de mulheres nas comunicações, foram conseguidos os progressos mais significativos. Entre eles, podemos citar as redes de informação de mulheres, a imprensa das mulheres, as redes mundiais de produtoras independentes de cinema e vídeo, a participação das mulheres nas escolas de jornalismo e nos principais meios de comunicação, bem como o trabalho das feministas nos estudos sobre mídia, cultura e comunicação [30-31]. Essas redes criam canais alternativos de comunicação que articulam outros pontos de vista das mulheres e atuam como uma forma de poder que põe em julgamento as representações estereotipadas das mulheres como seres passivos e silenciosos [Moraga & Anzaldúa; Charnley citado em Riano 31].

COMUNICAÇÕES FEMINISTAS: DIVERSIDADE E COMPLEXIDADE

Riano descreve uma série de princípios e preocupações que servem de marco para sua tipologia das “comunicações feministas” e se relacionam com o debate sobre a “democratização das comunicações” [xiii]. Seu enfoque, do ponto de vista das “comunicações feministas”, é importante porque aponta para a diversidade que encerra a categoria “mulher” e a complexidade das estratégias e dos processos de comunicação. Tais princípios e preocupações se referem a:

- ✊ Ter mulheres como atores principais do processo de comunicação, o que implica o controle sobre o processo de decisão, o planejamento, o acesso aos recursos, à produção e à distribuição.
- ✊ Fundar as experiências de comunicação das mulheres e suas formas de se comunicarem, em suas preocupações e em seu contexto social e cultural.
- ✊ Definir as iniciativas de comunicação como atos de denominação e reestruturação

* Ver *Women Using Media for Social Change* no International Women’s Tribune Center; Brenda Dervin no *Journal of Communications*; C. Moraga e G. Anzaldúa citado em Pilar Riano 30.



Alguns temas e observações

TECNOLOGIA E PROCESSO DEMOCRÁTICO

das opressões e como movimentos mais amplos que buscam a mudança.

✦ Considerar a participação das bases como uma instância fundamental na democratização das comunicações. Isso implica reconhecer uma série de processos, práticas e sistemas de comunicação, que se caracterizam por sua origem de base (como, por exemplo, as práticas, redes e associações informais de mulheres ou os sistemas e práticas de comunicação indígena) e a participação ativa de uma comunidade ou grupo que utiliza os meios de comunicação, para produzir suas próprias mensagens e gerar um pensamento crítico na audiência [xi].

✦ Reconhecer as mulheres como indivíduos distintos, com experiências diferentes, que dão forma a suas percepções e sua identidade – “como sujeito das lutas, como parceiras na comunicação, como mães, trabalhadoras, ativistas, cidadãs”.

✦ Estes princípios e preocupações apontam para um tema mais amplo que relaciona as questões de gênero e comunicação com as diferentes formas em que a raça, a classe social, a cultura, a orientação sexual, a idade, a história, o colonialismo e a divisão social do trabalho interceptam e formam a identidade e as experiências comunicativas das pessoas.

A perda do controle democrático sobre a escolha tecnológica é um tema importante para as mulheres, que está arraigado nos debates históricos sobre o impacto da tecnologia na sociedade. Incluímos isso aqui porque se relaciona com a luta da APC por conseguir a igualdade e a liberação do fluxo de informação. Já em fins dos anos 60, Lewis Mumfo descreve em *The Myth of the Machine* (O mito da máquina) o domínio da sociedade por parte de uma pequena elite poderosa que utiliza as tecnologias modernas da comunicação para centralizar o controle social. Adverte-nos que, tanto a liberdade individual como a comunitária, ficarão subordinadas à “mega-máquina, que proporcionará e processará uma quantidade infinita de dados para ampliar as funções do sistema de poder e assegurar seu domínio”.

Da mesma forma, em *The Real World of Technology* (O mundo real da tecnologia), Ursula Franklin escreve sobre suas preocupações acerca do grau de influência das tecnologias na vida cotidiana, que gera uma “cultura de conformidade” na qual a tecnologia em si mesma se converte em um agente de controle social. Atualmente, a monopolização das estruturas globais de informação e comunicação, na qual os monopólios do governo controlam grande parte do fluxo das telecomunicações no mundo e umas poucas mega-corporações dominam os meios de comunicação de massa mundiais, apresenta um desafio muito concreto para as mulheres e para o processo democrático da sociedade.

O INCREMENTO DAS DESIGUALDADES

O trabalho da APC para reduzir a brecha entre os que são ricos em matéria de informação e os pobres que não têm acesso

a ela está relacionado com o incremento das desigualdades à raiz das novas tecnologias da informação. Os textos especializados concordam em que a nova era eletrônica aprofundará ainda mais a brecha entre os que têm e os que não têm. Por isso, é particularmente importante assegurar que as mulheres do Sul participem nos novos processos de comunicação já que, em geral, são marginalizadas por carecer de infraestrutura adequada e pelo elevado custo da transmissão de informação.

A DEMOCRATIZAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

A “democratização das comunicações” é um tema importante nos textos sobre gênero e comunicação. É um processo mediante o qual: a) o indivíduo é um sujeito ativo e não apenas um objeto da comunicação; b) há um intercâmbio democrático de uma série de mensagens; c) “incrementa-se a capacidade e o alcance da participação ou representação social” [Riano 281].

O conceito foi introduzido pelo informe McBride “Muitas vozes, um mundo”, no qual se estipulava, através dos debates sobre uma nova ordem mundial da informação e da comunicação, que a democratização se consegue mediante a regulação das políticas e da mudança institucional, tanto no âmbito nacional como no internacional. No entanto, Riano agrega que é preciso considerar todos os atores, em todos os níveis (incluído o local e o das bases), para travar um debate adequado sobre a democratização das comunicações.

DIFICULDADES DE ACESSO PARA AS MULHERES

A dificuldade das mulheres para ter acesso às novas tecnologias da informação e da comunicação envolve tanto o simples acesso aos equipamentos e programas como a necessidade de acessar os recursos

significativos para a mulher. Na atualidade, a maioria das redes informáticas está em mãos de homens e isso gera novas interrogações sobre o acesso das mulheres às novas tecnologias. (Um estudo estabelece que 95% das redes informáticas estão controladas por homens) [Ebben e Kramarae 17].

Em *Nattering on the Net* (Conversando na rede), Dale Spender assinala que a marginalização das mulheres das novas tecnologias da comunicação tem “pouco a ver com as mulheres e muito a ver com os computadores”, e agrega que estas funcionam como espaços de riqueza, poder e influências. Adverte que as mulheres não podem “deixar que os homens brancos dominem as tecnologias porque, quando um só grupo social, com um único tipo de experiência, decide como deve ser uma coisa para todos, cria-se uma visão muito distorcida do mundo”. Os recursos para as mulheres, úteis e relevantes, não aparecerão a menos que sejam elas as que trabalhem para criá-los (geralmente em situações muito difíceis). No entanto, o conhecimento sobre as mulheres está codificado em livros; se não se efetua a mudança da mídia impressa para a eletrônica, corre perigo de desaparecer.

Atualmente, há muito poucas mulheres em postos de liderança que possam decidir quais materiais eletrônicos se concretizarão e qual será seu conteúdo. Segundo Maureen Ebben e Cheri Kramarae, a tarefa das mulheres é “criar eletronicamente um ciberespaço próprio que promova a comunicação das mulheres nestes tempos de rápida transição tecnológica” [16].

O FRACASSO DOS PROGRAMAS DE CAPACITAÇÃO

Outra observação importante é a deficiência dos métodos de capacitação para mulheres na corrente dominante. Muitas escritoras e pesquisadoras, entre as quais se incluem Maureen Ebben e Cheri Kramarae,

sustentam que o problema não é encontrar uma forma efetiva de ensinar às mulheres, mas que “a capacitação (é) *ad-hoc*, pouco sistemática e está centrada no homem” [18]. Um curso de capacitação dessa natureza, que se oferecia na área de computação das universidades, consistia em “instruções grudadas nas paredes, fotocópias de trechos de manuais colocadas em lugares estratégicos, ou uma classe grupal de uma hora em que os participantes lêem as instruções que figuram no manual” [18]. As autoras chegaram à conclusão de que a instrução poucas vezes é personalizada e que não há muitas oportunidades para consultar sobre as dúvidas e problemas que surgem com o uso concreto.

Outras comentaristas assinalam que a falta de treinamento é um problema mais sério para as mulheres do que para os homens, devido ao fato de que a cultura da tecnologia “comparta a imagem do machismo e enaltece o aventureiro” [Hacker; Turkle].

Os resultados das pesquisas também mostram que homens e mulheres têm diferentes formas de aprender. A pesquisa feita por Sherry Turkle e Seymour Papert afirma que as mulheres preferem utilizar uma rotina metódica que as ajude a compreender a razão de cada passo, enquanto que os homens (e os meninos) são estimulados a aprender através da experimentação, do ensaio e erro. As mulheres se arriscam menos que os homens, os quais, além disso, preferem provar diferentes entornos. Isto, somado ao ensino pouco sistemático e desenhado para homens, representa uma desvantagem para as mulheres.

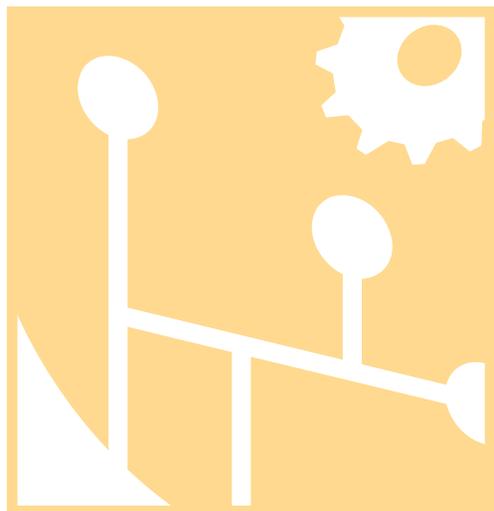
MULHERES QUE TRABALHAM EM TECNOLOGIA

Women Encounter Technology [As mulheres se encontram com a tecnologia] (Swasti Mitter e Sheila Rowbotham, editoras) examina o impacto da tecnologia no

emprego de mulheres e no tipo de tarefa que a elas são destinadas nos países do terceiro mundo. As seguintes observações proporcionam “uma autêntica perspectiva internacional” sobre as mulheres e a tecnologia, que pode inspirar novos trabalhos de pesquisa:

👉 Gênero é um dos muitos fatores que determinam o impacto da tecnologia da informação no trabalho das mulheres. Raça, religião, idade e classe social também podem desempenhar um papel importante na hora de definir o posto de trabalho de uma mulher. Da mesma forma, o grau de exclusividade que deriva da revolução da informação marca uma diferença decisiva entre as diferentes regiões e as comunidades.

👉 As mudanças tecnológicas afetam a qualidade e a quantidade de trabalho das mulheres. Os problemas trabalhistas que preocupam as mulheres que atuam em tecnologia estão relacionados com os termos contratuais, a intensificação da carga de trabalho, os salários, a capacitação, os problemas relativos à saúde e à segurança, como os riscos do uso da UDV (Unidade de Desenvolvimento Visual) e as repetidas lesões por causa da tensão.



👉 O aumento das oportunidades de trabalho cria novas tensões na vida doméstica das mulheres. Por exemplo, o estudo realizado por Acero registra a típica vida de uma trabalhadora têxtil, na Argentina: - quando comecei a trabalhar, meu casamento começou a desmoronar... Eu tinha mais oportunidades que ele. Assim, as coisas começaram a andar mal.

É necessário compreender mais profundamente a relação que existe entre a posição das mulheres e o papel que têm no trabalho e em seu lar.

👉 As mulheres têm pouca representação nos âmbitos de tomada de decisão relativos à tecnologia. Como demonstram vários ensaios, em geral as mulheres realizam serviços de escritório. Precisamente esse tipo de emprego será o mais vulnerável na próxima fase da mudança tecnológica.

👉 Atualizar os conhecimentos das mulheres mediante processos contínuos de capacitação beneficia tanto a elas como à sociedade.

👉 Para aproveitar o potencial das mulheres necessita-se um pensamento radical no que se refere à capacitação. Deve-se levar em conta a raça, a classe social, a religião e a idade.

👉 Compartilhar experiências entre as mulheres foi benéfico tanto no nível comunitário, como nacional e internacional. É necessário promover novos intercâmbios internacionais de experiências de organização focados em alguns dos novos problemas que a era eletrônica ocasiona, para assegurar que os benefícios trabalhistas que as mulheres obtêm das novas tecnologias não sejam obscurecidos pelos custos ambientais e de saúde associados a elas. ⚙️

ESTUDOS CITADOS:

Allen, Donna, Ramona R. Rush y Susan J. Kaufman, eds. *Women Transforming Communications- Global Intersections*. London: SAGE, 1996.

Carter, Kathryn and Carole Spitzack, eds. *Doing Research on Women's Communications: Perspectives on Theory and Method*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1989.

Davidson, Marilyn J. y Cary L. Cooper, eds. *Women and Information Technology*. Toronto: John Wiley and Sons, 1987.

Dervin, Brenda. "The potential contribution of feminist scholarship to the field of communication." *Journal of Communication* 37.4 (1987): 107-120.

Ebben, Maureen and Cheris Kramarae. "Women in Information Technologies: Creating a Cyberspace of Our Own." H. Jeanie Taylor, Cheris Kramarae, e Maureen Ebben, eds. *Women, Information Technology and Scholarship*. Urbana, Ill: Women, Information Technology and Scholarship Colloquium, Centre for Advanced Study, 1993. 16-18.

Franklin, Ursula. *The Real World of Technology*. Toronto: CBC Enterprises, 1990.

Frederick, Howard H. "Computer networks and the emergence of global civic society: the case of the Association for Progressive Communications (APC)". [Ensaio apresentado na Annual Conference on Peace Studies, Boulder CO, 28 de fevereiro de 1992, Oficina sobre "Como utilizar as redes de comunicação para realizar estudos pela Paz."] Linda M. Harasim e Jan Walls. eds. *Global Networks: Computers and International Communication*. Cambridge, MA: MIT, 1993. 288.

Game, Ann and Rosemary Pringle. *Gender at Work*. London: Pluto Press, 1984.

Hacker, Sally. *Pleasure, Power and Technology*. Boston: Unwin Hyman, 1989.

Doing it the Hard Way: Investigations of Gender and Technology. Boston: Unwin Hyman, 1990.

Hanson, Jarice e Uma Narula. *New Communication Technologies in Developing Countries*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1990.

Henwood, Flis. "Establishing Gender Perspectives on Information Technology: Problems, Issues and Opportunities." Eileen Green, Jenny Owen e Den Pain. eds. *Gendered Design? Information Technology and Office Systems*. London: Taylor & Francis, 1993. 32-44.

Mies, Maria and Vandana Shiva. *Ecofeminism*. London: Zed Books, 1993.

Mies, Maria. *Patriarchy and Accumulation on a World Scale - Women in the International Division of Labour*. Londres: Zed Books, 1986.

Mitter, Swasti and Sheila Rowbotham, eds. *Women Encounter Technology: Changing Patterns of Employment in the Third World*. London e New York: Routledge, 1995. 3-341.

Moraga, Cherrie e Gloria Anzaldúa. eds. *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*. Watertown, MA: Persephone Phone, 1981.

Mumford, Lewis. *The Myth of the Machine*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1967 e 1970.

"Seduced by Technology: the Human Costs of Computers." *New Internationalist* No. 286/ fascículo de dezembro (1996).

Plant, Sadie. *Zeros + Ones - Digital Women + the New Technoculture*. New York: Doubleday, 1997.

Rakow, Lana F. ed. *Women Making Meaning - New Feminist Directions in Communication*. New York: Routledge, 1992.

Riano, Pilar. ed. *Women in Grassroots Communications: Furthering Social Change*. Londres: SAGE, 1994. xiii, 30-3, 128.

Rush, Ramona R. and Donna Allen. eds. *Communications at the Crossroads: The Gender Gap Connection*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1989.

Shiva, Vandana. *Monocultures of the Mind*. London e Penang: Zed Books and Third World Network, 1993.

Biopiracy - *The Plunder of Nature and Knowledge*. Toronto: *Between the Lines*, 1997.

Spender, Dale. *Nattering on the Net - Women, Power and Cyberspace*. North Melbourne, Australia: Garmond Press, 1995.

Turkle, Sherry. *The Second Self: Computers and the Human Spirit*. New York: Simon and Schuster, 1984.

Turkle, Sherry. "Computational Reticence: Why Women Fear the Intimate Machine." Cheris Kramarae, ed. *Technology and Women's Voices: Keeping in Touch*. New York: Routledge, 1988.

Turkle, Sherry e Seymour Papert. "Epistemological Pluralism: Styles and Voices within the Computer Culture." *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. 16. 1 (1990): 128-157.

Wajcman, Judy. *Feminism Confronts Technology*. Londres: Polity Press, 1991. 14-20, 166

Women Using Media for Social Change. New York: International Women's Tribune Centre (IWTC), 1984.

Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) para a Transformação Social





TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (TIC) PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O Programa de Apoio às Redes de Mulheres da Associação para o Progresso das Comunicações (PARM APC) começou a funcionar no início dos anos 1990 e continua sendo uma das redes de internet para mulheres mais importantes do mundo. Muitos dos seus membros foram os primeiros provedores de acesso à internet para grupos de mulheres em seus países. O PARM APC constitui um facilitador internacional do compromisso da sociedade civil com as TICs e as questões a elas relacionadas, tanto na teoria como na prática, abordando questões operativas e de regulamentação e transmitindo suas experiências concretas em contextos nacionais e internacionais.

A rede continua sendo pioneira no uso significativo das TICs para a sociedade civil, em especial em países em vias de desenvolvimento. Fomenta seu uso estratégico para apoiar as iniciativas e propostas das mulheres, visando suscitar uma maior atenção para os temas relacionados com a mulher, promover campanhas de solidariedade, aumentar as atividades tradicionais dos agrupamentos de mulheres e defender o direito da mulher a participar em igualdade de condições, nos espaços tanto civis como públicos.

Trabalha junto às mulheres e suas organizações para que, mediante a incorporação das TICs, consigam afiançar suas capacidades, otimizar o fluxo de informações no interior de seus grupos, empoderar suas participantes e desenvolver suas atividades gerais para alcançar objetivos chave. O uso estratégico das TICs significa aproveitar essas tecnologias para organizar e transformar a informação em conhecimento e transmiti-lo à comunidade global a fim de promover o desenvolvimento de culturas baseadas na igualdade, na liberdade e na justiça, inclusive no que diz respeito a gênero.

Este artigo serve como documento introdutório à ferramenta GEM^{NT} e proporciona aos usuários e usuárias uma noção básica sobre o conceito de gênero e TIC no marco geral das TICs para o desenvolvimento.

DEFINIÇÃO DAS TICs

A informação e a comunicação são processos ou atividades essenciais em uma sociedade. Toda pessoa deve ter os meios e acesso à informação e ser capaz de exercer o direito à liberdade de opinião e expressão, que compreende o direito a buscar, receber e

transmitir informação e idéias através de qualquer meio de comunicação, sem importar as fronteiras.

As tecnologias de informação e comunicação são tecnologias e ferramentas que as pessoas utilizam para compartilhar, distribuir e reunir informação, e comunicar-se entre elas, por meio de computadores e redes interconectadas. O livro "ICT Policy: A Beginners Handbook" [Política de TIC: Manual para principiantes] (Ed. Nicol, Chris) publicado pela APC agrupa as novas tecnologias em três categorias:

📁 **computadores**, que nas sociedades modernas se converteram em um elemento indispensável para processar dados e economizar tempo e esforço;

📞 **as tecnologias das telecomunicações**, que incluem telefones (com fax) e transmissões de rádio e televisão, muitas vezes via satélite;

🌐 **as tecnologias de rede**, entre as quais a mais conhecida é a internet, mas cujo uso estendeu-se à tecnologia para telefones móveis, transmissão de voz sobre protocolo de internet (VOIP) em telefonia, comunicações por satélite e outras formas de comunicação.

O termo TIC engloba as inovações tecnológicas e a correlação entre informação e comunicação que está transformando nosso mundo em sociedades de informação e conhecimento. Devido ao desenvolvimento vertiginoso dessas tecnologias, a linha que separa a informação da comunicação e dos diversos tipos de meios é cada vez mais difusa. A acelerada convergência entre telecomunicações, transmissões multimídia e TICs é a força propulsora que continuamente transforma numerosos aspectos de nossas vidas, como a divulgação do conhecimento, a interação social, as práticas econômicas e de negócios, os compromissos políticos, a

mídia, a educação, o lazer e o entretenimento. A internet, com sua capacidade de projetar a multimídia no ciberespaço, constitui a expressão mais complexa desses desenvolvimentos tecnológicos.

Na década passada (1990) foi percebido o poder que tinham ditas tecnologias como instrumentos para impulsionar um desenvolvimento econômico e social que cria novos tipos de atividade econômica e oportunidades de emprego, que amplia o alcance da assistência à saúde e incrementa a interconexão, a participação e o apoio. As TICs também demonstraram ter potencial para facilitar a interação entre população e governo, promovendo assim a transparência e o compromisso desse último. Os meios de comunicação comerciais e comunitários aproveitaram as vantagens da convergência tecnológica, utilizando a internet para transmitir programas de rádio e televisão através da rede.

Da mesma forma as TICs, como catalisadoras do empoderamento político e social da mulher, promovem a igualdade para conseguir que as dimensões de gênero na Sociedade da Informação – em termos de necessidades das usuárias, condições de acesso, políticas, aplicações e marcos reguladores – sejam compreendidas e abordadas corretamente. Os papéis e relações atribuídos a gênero, tanto no aspecto social como cultural, desempenham um papel transversal na hora de estabelecer a capacidade das mulheres e homens de participar da Sociedade da Informação em igualdade de condições.

No entanto, mesmo que os meios evoluam rapidamente substituindo as antigas tecnologias, muitas culturas continuam compilando e difundindo informação – registrando, guardando e transmitindo conhecimentos e história – através da palavra, do teatro, da pintura, da música ou da dança. Em muitos casos as TICs são

utilizadas para aumentar e enriquecer essas formas e práticas tradicionais de comunicação. Nesse sentido a Metodologia de avaliação de iniciativas TIC com perspectiva de gênero (GEM) define as TICs para que contemplem o uso das novas e velhas tecnologias e sua convergência com as formas tradicionais de comunicação praticadas em muitas comunidades.

A IGUALDADE DE GÊNERO, O DESENVOLVIMENTO E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

O entusiasmo pela rápida evolução das TICs e suas aplicações gerou uma série de projetos destinados a promover o desenvolvimento. Muitas dessas iniciativas têm como objetivo diminuir a crescente brecha entre os países e as comunidades que dominam e têm acesso às novas tecnologias da informação e os que não têm. Como costuma acontecer, o acesso

continentes: Na Ásia, a disponibilidade é de apenas 11,77 linhas para cada 100 habitantes, enquanto que na África, a mesma quantidade de pessoas tem que compartilhar apenas três linhas (2,81 para cada 100 habitantes). Os rápidos avanços tecnológicos da última década, impulsionados por uma indústria de TIC altamente competitiva e orientada para a obtenção de lucro, originaram produtos, serviços e tecnologias que satisfazem principalmente as necessidades dos mercados viáveis e rentáveis. Como consequência, as comunidades e mercados que não o são ficam à margem do desenvolvimento e da evolução das TICs.

Os estudos realizados sobre o impacto do desenvolvimento das TICs chegaram a conclusões que demonstram seus complexos efeitos. Um estudo realizado pelo Centro de



às TICs se distribui segundo as linhas tradicionais de desenvolvimento, que separam as sociedades e países entre “os que têm” e “os que não têm”, ou o que poderíamos denominar de divisão ou exclusão digital. Em geral, essa divisão digital se caracteriza pelo alto grau de acesso às tecnologias, inclusive internet, que nos países menos desenvolvidos conta com infra-estruturas muito menores por causa da pobreza, da falta de recursos, do analfabetismo e do baixo nível educacional. As cifras de teledensidade, por exemplo, somente no período de 1997 a 2000, levantadas pela União Internacional de Telecomunicações (ITU) em 2005, ilustram a enorme brecha que existe no acesso.

Nos Estados Unidos há 65 linhas telefônicas disponíveis para cada 100 pessoas, ao contrário do que sucede em outros dois

Pesquisas de Desenvolvimento do Canadá (IRDC), que pesquisa as TICs como estratégia para a redução da pobreza, sustenta que elas geram mudanças nos mercados, nos setores públicos e privados e nas economias dos países em vias de desenvolvimento. O estudo aponta a contribuição dessas tecnologias na melhoria da produtividade, no crescimento e na redução da pobreza. A tendência, especialmente nos últimos cinco anos, mostra que “as TIC têm sido aplicadas nas melhorias sistêmicas essenciais para a redução da pobreza, como por exemplo a educação, a distribuição dos serviços sociais e sanitários, a maior transparência e compromisso do governo, o empoderamento da cidadania e a construção de organizações sociais baseadas nos direitos e na igualdade dos gêneros”. No entanto, o estudo também adverte que, embora a documentação das experiências seja cada vez maior, continua

sendo necessário consolidar as pesquisas e avaliar os resultados obtidos, para impulsionar o uso efetivo das TICs em estratégias de desenvolvimento que contemplem o apoio de iniciativas destinadas às pessoas mais pobres, como, por exemplo, a educação primária das meninas [Spence 4-6].

Por outro lado, um informe InfoDev, publicado em 2003, expõe que essas tecnologias a duras penas resultaram nas ferramentas de transformação que anunciavam ser, apesar da enorme quantidade de recursos investidos nos países em vias de desenvolvimento e entre as pessoas de baixos recursos para aumentar sua capacidade de acesso às TICs. No entanto, ainda que as TICs não sejam panacéias na luta contra a pobreza, InfoDev assinala que podem ser aproveitadas para o desenvolvimento e redução da pobreza, "incorporando-as como ferramentas de, e subordinadas a, estratégias e programas mais amplos para criar oportunidades e empoderar as pessoas de baixos recursos". O informe indica também que a agenda de desenvolvimento das TICs deveria ser mais realista acerca das profundas transformações que são necessárias nos países em vias de desenvolvimento e o compromisso que ela tem com eles. Uma agenda dessas características deveria ser muito mais seletiva, considerando de maneira mais estratégica a atenção e os recursos que são dedicados a este tipo de tecnologia [McNamara 3].

Isto significa que os objetivos mais amplos da igualdade de gênero, o empoderamento das mulheres e a promoção de seus direitos deveriam ser um tema prioritário no âmbito das TICs para o desenvolvimento. O problema tem uma especial importância uma vez que a maior parte da população mundial que fica à margem da revolução das TICs está composta por mulheres. Essa situação continua igual, mesmo quando, em 1995, a Declaração de Beijing estabeleceu que "A erradicação da pobreza baseada no desenvolvimento econômico sustentável, no crescimento social, na proteção ambiental e na justiça social requer que as mulheres estejam incluídas no desenvolvimento econômico e social, que haja igualdade de oportunidades e que tanto homens como mulheres participem total e equitativamente como agentes e beneficiários de um desenvolvimento sustentável baseado na pessoa".

O ENFOQUE DO PARM APC SOBRE GÊNERO E TIC

O PARM APC trabalha para transformar as relações não equitativas, utilizando as TICs como ferramenta para a ação social e como meio para conseguir uma transformação positiva na sociedade. Desde o seu início, no princípio da década de 1990, durante a preparação da Quarta Conferência Mundial da Mulher em Beijing, o PARM APC, junto com outras redes que promovem a informação e a comunicação das mulheres,

Os movimentos de **mulheres** foram os primeiros a criar e administrar seus próprios espaços de trabalho e **comunidades Online**



manteve-se no centro de uma série de atividades que se ocupam do acesso básico e da conectividade. Nossos membros promovem a tomada de consciência sobre a importância da participação das mulheres nas TICs, coordenam o acesso das mulheres às TICs, facilitam sua participação na determinação do desenho e da distribuição de tecnologias e realizam oficinas de capacitação em TIC.

Em 1995 o PARM APC, juntamente com outras organizações, exigiu uma maior participação das mulheres e dos cidadãos e cidadãs em geral no futuro da indústria da informação e das comunicações e o acesso universal à internet. A Plataforma de Ação de Beijing formulou essas demandas através de resoluções que afirmam que é preciso empoderar as mulheres ampliando suas capacidades e conhecimentos e outorgando-lhes maior acesso à tecnologia da informação. A Plataforma insistiu na necessidade das mulheres terem mais acesso e participação na tomada de decisões dos meios e das TICs, para terminar com as representações negativas e estereotipadas da mulher e fomentar na mídia a apresentação de diferentes imagens da mulher, balanceadas e livres de estereótipos.

O relatório de revisão da implementação da Plataforma de Ação de Beijing (Beijing + 5) determinou que, tradicionalmente, as diferenças e disparidades de gênero haviam sido ignoradas nas políticas e programas relacionados com o desenvolvimento e a disseminação de tecnologias aperfeiçoadas. A conclusão da revisão desses cinco anos sugeriu a exploração e implementação de novas ações e iniciativas, para evitar novas formas de exclusão e garantir a igualdade de oportunidades e de acesso para todas as mulheres e meninas no que se refere aos desenvolvimentos da ciência e da tecnologia.

Os movimentos de mulheres foram os primeiros a criar e administrar seus próprios espaços de trabalho e comunidade *Online*. Na Conferência Mundial de Beijing o acesso e controle dos

principais meios de comunicação estava controlado pelos interesses corporativos e do estado. No entanto a internet proporcionou às mulheres a oportunidade de publicar informação, notícias e análises de uma perspectiva de gênero. Durante os últimos anos, as mulheres têm publicado seus próprios periódicos e produzido seus próprios programas de rádio e televisão. Embora hoje em dia um maior número de mulheres utilize as novas tecnologias da comunicação e a internet em seu trabalho, os problemas que foram identificados no estudo Beijing + 5 continuam vigentes para muitas mulheres em todo o mundo. Ao mesmo tempo o ritmo em que se movem as organizações na atualidade gera novos desafios e impactos que requerem atenção no âmbito da igualdade de gênero.

Para responder a esses novos desafios as organizações de mulheres, especialmente aquelas que estão envolvidas de maneira mais direta nos temas de comunicação, continuam defendendo e propondo políticas relativas às TICs com perspectiva de gênero.

As TICs CONTRIBUEM PARA A IGUALDADE ENTRE OS GÊNEROS E PARA O EMPODERAMENTO DA MULHER?

Para utilizar as novas tecnologias como instrumento para a transformação é importante observar os problemas de gênero que se apresentam no uso e no desenvolvimento das TICs, para formular e implementar estratégias que promovam o empoderamento da mulher.

Nos últimos dez anos o PARM APC, em sua busca por integrar a perspectiva de gênero nas TICs e no desenvolvimento, identificou vários pontos importantes a considerar, como por exemplo:

- Acesso e controle
- Educação, capacitação e desenvolvimento de aptidões
- Indústria e trabalho

- Conteúdo e linguagem
- Poder e tomada de decisões
- Privacidade e segurança
- Tráfico de mulheres, pornografia e censura

ACESSO E CONTROLE

O acesso e o controle das TICs por parte das mulheres está influenciado por fatores que afetam homens e mulheres de maneira diferente. Um enfoque da perspectiva de gênero contribui com uma visão mais ampla e sensível dos referidos temas. O acesso e o controle das mulheres nas TICs está determinado por fatores tais como a discriminação por gênero no mundo do trabalho e da educação, classe social, analfabetismo e localização geográfica (norte ou sul, urbana ou rural), falta de recursos econômicos e o custo elevado do acesso.

O desenvolvimento de infra-estruturas compreende muitas alternativas que implicam decisões sobre a localização dos serviços, a natureza e tipo de tecnologia, os custos e os preços. As mulheres, em geral, têm disponível uma menor parcela de sua renda para gastar em comunicações. Na maior parte dos casos, os locais públicos como os telecentros, os centros de informação ou os cibercafés, estão localizados em locais que não levam em conta os impedimentos das mulheres. Alguns dos problemas mais comuns nesse sentido são os horários inconvenientes, a segurança e a falta de transporte. A disponibilidade ou falta de uma equipe de apoio e capacitação feminina nesses locais

também produz um impacto nas mulheres e meninas que utilizam esse recurso. O nível de alfabetização e educação, a localização geográfica, a mobilidade e a classe social diminuem as possibilidades das mulheres terem acesso à informação e ao conhecimento.

Como conseqüência, a grande maioria das mulheres do mundo não tem acesso às TICs nem a qualquer outros tipo de sistema de comunicação moderno. Se considerarmos que a dinâmica da informação acelera sua migração para a internet, quem não tem acesso a ela está condenado a ser excluído e a ficar cada vez mais à margem.

No entanto, assegurar a conectividade não é suficiente. Saber como operar é tão importante como poder ter acesso. Os programas de desenvolvimento para mulheres, que muitas vezes se concentram excessivamente no acesso à tecnologia e às fontes de informação, e pouco em capacitação e desenvolvimento de diferentes aptidões, têm sido criticados por prestar atenção a métodos que se mostram, a longo prazo, superficiais para o empoderamento das mulheres.

EDUCAÇÃO, CAPACITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE APTIDÕES

As barreiras culturais e de gênero impedem que as mulheres participem plenamente no mundo da tecnologia. O índice de analfabetismo da mulher nos países em vias de desenvolvimento supera amplamente o do homem. Dois terços dos 870 milhões de pessoas analfabetas são mulheres e o índice de alfabetização mais baixo corresponde a



As **mudanças** tecnológicas também afetam a qualidade e a quantidade de **trabalho da mulher**

treze países africanos. Sessenta por cento dos 100 milhões crianças em idade escolar nos países em desenvolvimento são meninas que não têm acesso à educação básica (estatísticas de 2000 e 2001) [Primo 39].

Um estudo realizado por Maureen Ebben e Cheri Kramarae informa que, muitas vezes, os programas de capacitação para mulheres são *ad hoc*, alienantes e não respondem às necessidades, experiências e in experiências das participantes. [Citado por Wood]. Uma forma de solucionar esses problemas seria assegurar a participação das meninas, contratar instrutores mulheres e homens e proporcionar apoio a usuários e mentores dentro das comunidades, reconhecendo dessa maneira as limitações que as mulheres têm para se deslocar. Da mesma forma, os programas de aprendizagem devem estar desenhados para as mulheres como usuárias, técnicas, formuladoras de políticas e agentes de transformação. Por outro lado, também se deveria estimulá-las a participar dos aspectos técnicos e de desenho das TICs. Os cursos de capacitação para mulheres não teriam que se concentrar unicamente em como utilizar a tecnologia ou um programa, mas também no modo em que se pode encontrar, administrar, produzir e difundir informação, assim como em maneiras de desenvolver políticas e estratégias para o uso e a intervenção efetiva das TICs.

Os cursos de TICs devem considerar as necessidades das mulheres no que se refere à sua capacidade de custeá-los e a disponibilidade do programa e da ajuda ao usuário. Uma vez finalizados os cursos de capacitação, os programas empregados devem estar disponíveis para serem utilizados.

As iniciativas e os projetos de educação para mulheres de comunidades pobres e de alfabetização informática demonstraram o valor que as TICs têm para as mulheres. Um estudo realizado sobre nove projetos, desenhados especialmente para mulheres e

jovens no Sul da Ásia, mostrou que o uso das TICs fomenta e promove diferentes modelos de ensino e aprendizagem que se mostraram práticos, funcionais e participativos. Além disso, as novas TICs são altamente adaptáveis, o que permite satisfazer as preferências e prioridades da estudante, gerando, por sua vez, uma série de possibilidades que permitem desenhar e proporcionar uma educação relevante no nível local.

INDÚSTRIA E TRABALHO

O trabalho na indústria das TICs está amplamente determinado por gênero. Nos postos mais mal remunerados e menos seguros podemos encontrar um número desproporcionalmente alto de mulheres. A dimensão de gênero nas TICs se reflete no teletrabalho, nos horários flexíveis e nos empregos domiciliares, nos quais as mulheres têm direitos limitados, recebem salários exíguos e carecem de todo tipo de garantias trabalhistas, sociais e sanitárias. Os salários e a renda que as mulheres recebem graças às novas tecnologias, seja em suas casas ou em indústrias e instituições, não garante uma mudança total na divisão do trabalho familiar para seu benefício ou desenvolvimento. Os homens continuam evitando o serviço doméstico e as mulheres carregam o peso de seu duplo ou triplo papel.

As mudanças tecnológicas também afetam a qualidade e quantidade de trabalho da mulher. As novas tecnologias intensificaram os problemas relacionados com a saúde e o meio ambiente, e também os que se referem aos benefícios trabalhistas das mulheres. Alguns deles são: os contratos, a intensificação do volume de trabalho, os salários, a capacitação, os assuntos relacionados com a saúde e a segurança, como, por exemplo, os riscos que traz a Unidade de Desenvolvimento Visual (UDV) e as repetidas lesões provocadas pela tensão, como observaram Swasti Mitter e Sheila Rowbotham [citado por Wood].

A rapidez dos avanços tecnológicos também aumentou a demanda de competências mais especializadas por parte das pessoas empregadas nessa área. A velocidade com que a tecnologia cai em desuso está diretamente relacionada com a rapidez com que as competências técnicas se tornam velhas e obsoletas. As pessoas que trabalham com TIC devem atualizar continuamente seus conhecimentos para conservar seus empregos na indústria. Uma vez que as mulheres desempenham um papel duplo/triplo em suas casas e no ambiente de trabalho, aproveitar as oportunidades para atualizar seus conhecimentos pode criar-lhes conflitos entre suas múltiplas funções. A maioria se vê obrigada a encontrar um tempo extra e/ou uma renda adicional para aproveitar os cursos de capacitação. Em especial as mulheres mais velhas que trabalham na área de computação correm o risco de perder seu emprego diante

A controvérsia gira em torno a quem se beneficia com essa nova forma de emprego e o tipo de trabalho que ela demanda. Alguns afirmam que o *outsourcing* gerou diferentes requisitos no campo do trabalho – uns poucos profissionais especializados e uma vasta massa de empregados semiqualeificados (nesse setor também prevalece o esgotamento). De acordo com o relatório apresentado por Jayati Ghosh no Encontro Intergovernamental de Alto Nível da UNESCAP, o *outsourcing* mostra sinais claros de segmentação do mercado de trabalho quanto a gênero, casta e classe social. A maioria das mulheres que trabalham no setor de BPO provém dos segmentos urbanos e instruídos de suas sociedades, isto é, da casta superior da elite que fala inglês na Índia. Ghosh diz que esse padrão de desenvolvimento, embora reduza o desemprego entre a população educada, não contribuirá significativamente para



da chegada de pessoal mais jovem (tanto homens como mulheres) que adquiriram competências atualizadas no manejo das TICs.

reverter a crescente feminização do desemprego e, a longo prazo, intensificará as desigualdades econômicas já existentes.[13]

Outra tendência da indústria das TICs que afeta seriamente as mulheres é o *outsourcing* e o teletrabalho. Graças às mudanças tecnológicas dos últimos tempos, hoje é possível segmentar as diferentes partes do processo produtivo permitindo a re-localização do processamento da informação dentro do setor TIC. Essa mudança para o *outsourcing* do processo do negócio (BPO, por sua sigla em inglês) representa uma característica essencial e uma inquietude premente para esse setor. Em alguns países da Ásia, como Índia, China e Filipinas, o BPO é a principal fonte de emprego para as mulheres na área tecnológica, o que permite que tenham uma remuneração significativa. Não obstante, gerou-se um importante debate sobre o impacto a longo prazo dessa tendência sobre as mulheres.

Por outro lado, as pesquisas realizadas por outros estudiosos e estudiosas sobre as mulheres e as TICs na Ásia consideram que, particularmente na Índia, na Malásia e nas Filipinas, o *outsourcing* constitui uma excelente oportunidade para o empoderamento econômico das mulheres, que continuam ganhando uma média de 500 dólares por ano. Se considerarmos esse fato no nível nacional, está previsto que, por exemplo, para 2008 o setor de serviços de TIC e de suporte na Índia terá crescido cinco vezes, por um valor de 57 bilhões de dólares, o que geraria emprego para quatro milhões de pessoas e representaria 7% do produto interno bruto. Espera-se também um aumento no emprego feminino. [Hafkin 6-7]

CONTEÚDO E LINGUAGEM

Qual o conteúdo que predominará na internet como novo meio de comunicação? Quem o cria? Qual a tendência cultural? Estão contemplados adequadamente os pontos de vista, os conhecimentos e os interesses da mulher? Como elas estão representadas?

Estas são algumas das perguntas que surgiram com relação aos conteúdos da internet, dos videogames ou da realidade virtual.

As opiniões, conhecimentos e interesses das mulheres são representados de maneira inadequada, pois na web continuam predominando os estereótipos. Embora seja certo que algumas dessas preocupações nada mais são que extensões dos centenários conflitos relacionados com o sexismo e com a imagem das mulheres na mídia, também se referem a um aspecto mais amplo de questões como, por exemplo, a necessidade das mulheres sistematizarem e desenvolverem seus próprios conhecimentos e perspectivas para poder ter uma presença genuína nesses espaços. [Primo 41]

As linguagens predominantes nas novas tecnologias dificultam o acesso ao conhecimento e à tecnologia da maioria das mulheres. O inglês e outros idiomas como francês, alemão, japonês, coreano e chinês dominam a internet. Milhões de pessoas, em sua maioria mulheres de baixos recursos, não os compreendem. [41]

Para romper as barreiras da linguagem em prol do acesso à informação, é necessário desenvolver aplicações como ferramentas e base de dados multilingües, interfaces para alfabetizados não latinos, interfaces gráficas para mulheres analfabetas e tradução automática dos programas. Esse tipo de ferramenta permitirá que os grupos marginalizados e minoritários, entre os quais se incluem as mulheres, tenham mais acesso à internet.

Os investimentos maciços, tanto de tempo como de outro tipo de recursos, devem ser orientados ao desenvolvimento no nível local, baseando-se nas necessidades informáticas próprias. Isso contribuiria significativamente para o acesso e o uso pertinente das TICs por parte das mulheres. Deveria-se prestar uma verdadeira atenção ao reconhecimento de que as mulheres e as pessoas pobres são produtoras de informação e capacitá-las para recopilar, organizar e difundir os conhecimentos locais. Da mesma forma, é necessário que as novas tecnologias como os computadores e a internet, e sua conexão com outras (por exemplo, rádio, televisão e imprensa) estejam à disposição de uma maior quantidade de mulheres, e também nas zonas rurais. Produzir localmente um conteúdo de linguagem relevante através de tecnologias acessíveis e fáceis de serem utilizadas por uma audiência que não sabe ler ou lê muito pouco, é fundamental para que as TICs respondam às necessidades das mulheres nos países em vias de desenvolvimento.

PODER E TOMADA DE DECISÕES

Embora na atualidade o número de mulheres que participa da indústria das TICs seja maior do que nas décadas anteriores, ainda estão pouco representadas nos postos em que se requer a tomada de decisão e o controle de recursos. Tanto no nível global como nacional, há mais homens que mulheres participando das estruturas de tomada de decisões de instituições reguladoras e geradoras de políticas, dos ministérios responsáveis pelas TICs e que ocupam diretorias ou cargos de gerência em empresas privadas de TIC. A desproporção entre homens e mulheres em postos de decisão reflete a visão limitada e o preconceito contra as mulheres que prevalece no âmbito das TICs, consideradas um âmbito puramente técnico no qual os homens são os únicos especialistas (é assim na maioria dos campos profissionais, porém, mais ainda, quando se trata de áreas técnicas).

A desregulamentação e a privatização da indústria das telecomunicações também faz com que, cada vez menos, a responsabilidade das decisões recaia sobre a cidadania e as comunidades locais, contribuindo assim para incrementar a marginalidade do papel da mulher nos processos de decisão e controle dos recursos. A representação é importante para criar condições e regulamentações que permitam à mulher maximizar as oportunidades que possa obter com o uso das TICs e garantir a responsabilidade das instituições que desenvolvem as políticas.

A isto se soma a preocupação em relação à imagem e à presença da mulher no âmbito das TICs, no qual os homens são considerados os principais usuários e produtores. É indispensável promover a credibilidade e a imagem das mulheres como especialistas e capazes de tomar decisões. Elas utilizam, desenvolvem e se servem das TICs, tanto quanto os homens.

PRIVACIDADE E SEGURANÇA

A privacidade, a segurança e os direitos na internet são outras áreas importantes que preocupam as mulheres. Necessitam espaços *Online* onde possam se sentir a salvo do assédio, desfrutar a liberdade de expressão e a privacidade da comunicação, e estar protegidas da espionagem eletrônica.

Um dos aspectos mais importantes da democratização da internet, que em geral é pouco abordado, é a criação de espaços privados *Online*. A internet oferece a oportunidade de criar esses espaços que extrapolam os limites nacionais. Além do mais, desempenha um papel importante na luta contra a opressão e a exploração, uma vez que oferece a possibilidade aos setores oprimidos de compartilhar suas experiências no nível internacional e permite que as pessoas que vivem sob regimes de governo autoritários possam comunicar-se de forma segura e privada. O PARM APC, entre outras organizações, teve um papel importante na

utilização desse aspecto da internet para fomentar a democracia, especialmente em sua luta contra a discriminação de gênero.

No entanto, alguns governos e estados querem controlar o espaço democrático que existe na internet. Estão sendo implementadas leis, tais como a Ata de Regulamentação dos Poderes de Investigação (RIP, em inglês), da Grã Bretanha, e a Lei de Escutas Telefônicas, do Japão, juntamente com outros recursos técnicos para permitir que o estado intervenha e controle as comunicações privadas por internet. Os estados estão formulando acordos internacionais para combater os delitos cibernéticos que lhes permitem interceptar a correspondência via e-mail.

Alguns dos estados envolvidos nesses acordos consideram a democracia em si mesmo como um crime, enquanto outros embarcam num duplo discurso: violam os princípios da democracia que afirmam apoiar. Estes acontecimentos cobraram um novo ímpeto depois dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Em nome da "guerra contra o terrorismo" estão sendo impostos sérios desafios ao direito fundamental à privacidade. As medidas tomadas recentemente pelo governo dos Estados Unidos e alguns países da Europa destroem a democracia que pretendem defender do terrorismo e do delito cibernético. Por exemplo, são impostas medidas de vigilância e estereótipos raciais inaceitáveis que condicionam o público em geral a considerar essas medidas como meros "inconvenientes" ou "procedimentos necessários" para protegê-los dos ataques terroristas.

O controle das comunicações via internet e a espionagem eletrônica são justificados como uma forma de proteger as mulheres, em especial as meninas, da exploração sexual e de pôr fim às atividades racistas. Entretanto, está comprovado que a criação

de espaços privados nos quais as vítimas de abuso podem discutir entre elas e com outras pessoas em quem confiam e escolheram para conversar, é precisamente a arma mais poderosa para lutar contra a exploração sexual e a opressão racial. Os grupos ativistas de usuários(as) que em geral operam em redes pertencentes ao PARM APC, criaram muitos espaços desse tipo na internet.

O PARM APC defende o direito de seus membros e usuários(as) a criar espaços para sustentar discussões e debates privados, livres de controle e vigilância. São liberdades garantidas pela democracia e são essenciais para o empoderamento dos setores explorados e discriminados da sociedade. O PARM APC trabalha junto com suas organizações membros e outros grupos da sociedade civil para defender a privacidade da correspondência em suas comunidades na internet.

TRÁFICO DE MULHERES, PORNOGRAFIA E CENSURA

Um dos debates mais intensos no âmbito dos Direitos da Internet refere-se à liberdade de expressão e à censura. O uso da internet para perpetrar atos de violência contra as mulheres e como plataforma para emitir opiniões racistas e cheias de ódio (ou para qualquer outro tipo de comportamento explorador e ofensivo) constitui uma grande preocupação para todos, especialmente para as mulheres. Um dos temas mais delicados é a utilização de internet para difundir pornografia, literatura de ódio ou para a exploração sexual. Existem 100 mil sítios na internet dedicados somente à pornografia infantil. [TopTenREVIEWS – setembro, 2003]*.

Graças ao fácil acesso, o custo relativamente baixo, a alta qualidade técnica da televisão digital e da internet, e a privacidade que gozam os usuários, os meios pornográficos resultam atrativos para o comércio. Os avanços tecnológicos em novos cabos e

linhas telefônicas conseguem transmitir aos consumidores um número sem precedentes de arquivos digitais com imagens pornográficas, em uma velocidade extraordinária, mediante computadores e outros meios de comunicação eletrônicos como o DVD. A internet oferece aos seus usuários websites e salas de bate-papo, e permitem que troquem material através do protocolo de transferência de arquivos (FTP), comunicar-se mediante videoconferências ao vivo para traficar ou entabular atividades sexuais. Em síntese, a oferta pornográfica é variada em forma e apresentação, é onipresente e acessível para a maioria das pessoas. [Kee 11-18]

Não há dúvida de que é compreensível que as pessoas se pronunciem a favor da censura, considerando a extensa e crescente oferta de pornografia na internet, embora não seja mais que um ato reflexo. As leis sobre proteção deixam em aberto a interpretação sobre o que o estado considera “danoso” ou “ilegal”. A alarmante tendência dos serviços de segurança de estado em colaborar e cooperar entre eles com o objeto de compartilhar a informação obtida mediante a vigilância e o monitoramento da internet (e de outras ferramentas de comunicação) tem graves repercussões sobre os direitos humanos.

A luta persistente para impor a censura como resposta ao medo de que a pornografia prolifere restringirá muitos dos espaços e possibilidades de comunicação importantes, que a internet oferece. Tais regulamentações podem afetar a privacidade e as funções essenciais que o ciberespaço cumpria para os movimentos da sociedade civil como espaço de discussão, comunicação e mobilização em prol de uma ação transformadora. Tudo isso poderia ser não só obstaculizado, mas bloqueado.

Em lugar de correr o risco de restringir o espaço para os conteúdos relativos às

* TopTen REVIEWS estima que a pornografia é uma indústria mundial que maneja 57 bilhões de dólares e possui 12% do total de sítios na Internet. Outros tipos de tecnologia de comunicação digital, como os canais pay-per-view da televisão por satélite, também são utilizados como meios para comercializar pornografia para adultos, da mesma maneira que algumas formas de TIC mais antigas, como os vídeos. Os ganhos da indústria da pornografia são maiores que os de todas as franquias de futebol, beisebol e basquete juntas. Nos Estados Unidos os ganhos relacionados com a pornografia excedem aos da ABC, CBS e NBC combinados (6,2 bilhões de dólares). Outro dado alarmante: a pornografia infantil gera 3 bilhões de dólares por ano (setembro 2003).

mulheres, para abordar o tema da pornografia e da violência sexual na internet é imperativo aumentar os espaços dedicados à representação da mulher e das sexualidades. A capacidade para questionar ou confirmar as afirmações que circulam sobre a sexualidade feminina e as relações de gênero depende, em grande parte, da possibilidade de acesso ao desenvolvimento desses espaços. [Kee 18] Desse ponto de vista, a luta contra a pornografia e a violência sexual nos leva às corporações que monopolizam o ciberespaço e ganham bilhões de dólares perpetuando materiais pornográficos sexistas e masculinos.

ESTABELECENDO A CONEXÃO: O USO ESTRATÉGICO DAS TICs

Não há dúvida de que a luta por um novo meio de informação e comunicação deve integrar plenamente as inquietudes relativas a gênero e desenvolvimento da mulher. O desafio consiste em garantir que os indivíduos, as comunidades, as nações e a comunidade internacional tenham acesso e utilizem eficazmente a informação e o conhecimento, para que possam enfrentar os desafios do desenvolvimento e melhorar a qualidade de vida. O objetivo central desse novo meio é democratizar o acesso das pessoas às possibilidades que oferecem a informação e a comunicação, e aos recursos tecnológicos.

O direito à comunicação continua sendo o princípio fundamental das estratégias do PARM APC no uso das TICs, que vão contra a corrente hegemônica da estrutura de propriedade das redes de informação nacionais e globais. As TICs têm que estar disponíveis para todos e todas a um preço acessível e o desenvolvimento de infra-estruturas deve garantir que os grupos, setores e pessoas marginalizados não se vejam ainda mais desfavorecidos. Esse deveria ser o ponto de partida para todas as pessoas interessadas em promover a igualdade de gênero e a transformação social.

Em um mundo globalizado, que desautoriza as instituições democráticas locais, a internet constitui um meio essencial para defender e fomentar a democracia participativa.

A internet e as TIC podem ser utilizadas para preservar a diversidade e proporcionar uma plataforma na qual possa ser escutada uma multidão de vozes, na qual esteja garantido o pluralismo de idéias e opiniões e se compartilhem intercâmbios culturais. Entretanto, isso só será possível se o desenvolvimento for impulsionado pelo desejo de preservar e realçar as diversidades culturais e lingüísticas locais, nacionais e regionais, e se for levada em conta a sociedade civil na formulação de políticas que regulem o controle e a propriedade da internet. 

ESTUDOS CITADOS:

Ghosh, Jayati: "Globalization and the Economic Empowerment of Women. UNESCAP High Level Inter-Governmental Meeting to Review the Implementation of the Beijing Platform for Action and its Regional and Global Outcomes, 2004, 13. *Online:* <http://www.unescap.org/esid/GAD/Events/High-level%20meeting%20Sep%202004/English/Jayati%20Ghosh.pdf> (s.d.)

Hafkin, Nancy. Globalization and the Economic Empowerment of Women: Defining and Building a Gender-Responsive Information Society in the ESCAP Region. UNESCAP, 2004, 6-7. *Online:* <http://www.unescap.org/esid/GAD/Events/High-level%20meeting%20Sep%202004/English/Nancy%20Hafkin.pdf>

International Telecommunication Union. 2005. http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/at_glance/main02.pdf (s.d.)

Kee, Jackyln. Cultivating Violence through Technology? Exploring the Connections between Internet Communication Technologies (ICT) and Violence Against Women (VAW). Association for Progressive Communications Women's Networking Support Programme, 2005, 11-18.

McNamara, Kerry. ICTs, Poverty and Development: Learning from Experience. InfoDev Annual Symposium. 2003, 3. *Online:* www.infodev.org/symp2003/publications/learning.pdf (s.d.)

Nicol, Chris, ed. Part I, What are ICT and Internet Policies. ICT Policy: a Beginners Handbook. Association for Progressive Communications. 2003. *Online:* http://www.apc.org/english/rights/handbook/ICT_01.shtml (s.d.)

Primo, Natasha. Gender Issues in the Information Society. Iskra Panevska, ed. Paris: UNESCO, 2003. *Online:* http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=12847&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html (s.d.)

Ramilo, Concepcion and Pi Villanueva. Issues, Policies and Outcomes: Are ICT Policies Addressing Gender Equality? United Nations ESCAP Expert Group Meeting, 2001, 6. *Online:* <http://www.unescap.org/esid/GAD/Publication/Issues.pdf> (s.d.)

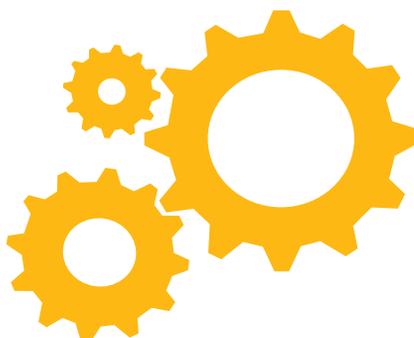
Slater, Don e Jo Tacchi. ICT Innovations for Poverty Reduction. Nova Delhi: UNESCO, 2004. 89. *Online:* http://unescoedelhi.nic.in/publications/Research_on_ict.pdf (s.d.)

Spence, Randy. ICTs for Poverty Reduction: When, Where and How? International Development Research Center (IDRC), 2003, 4-6.

TopTenREVIEWS.com Internet Pornography Statistics. Internet Filter Review. <http://www.internet-filter-review.toptenreviews.com/internet-pornography-statistics.html> (s.d.)

Wood, Peregrine. Gender and Information and Communication Technology: Towards an Analytical Framework. Association for Progressive Communications Women's Networking Support Programme. (c.1998 o 1999). *Online:* <http://www.apcwomen.org/resources/research/analytical-framework.html> (s.d.)

**Metodologia de avaliação
numa perspectiva de gênero para projetos
de novas tecnologias da informação e da
comunicação (GEM)**



COMO USAR A FERRAMENTA GEM

A Ferramenta GEM está estruturada em sete passos, agrupados em três fases. Para cada um dos passos, sugere leituras, dá exemplos, propõe atividades e fichas de trabalho que conduzem aos resultados esperados.

Por sua vez, cada resultado introduz o passo seguinte.

Fase 1 Integração da análise de gênero

Passo 1 Definir como e quem usará sua avaliação

- Atividade 1.1 Identificar quem vai usar a avaliação
- Atividade 1.2 Definir como vai ser usada a avaliação
- Ficha de trabalho 1 Como e quem vai usar a avaliação - Síntese

Passo 2 Definir como e quem vai usar sua avaliação

- Atividade 2.1 Entender o que é análise de gênero e conceitos de TIC, transformação social e desenvolvimento
- Atividade 2.2 Revisão de problemáticas de gênero no ciclo de vida de seu projeto de TIC.
- Ficha de trabalho 2 Perfil do projeto

Passo 3 Completar as perguntas de avaliação

- Atividade 3 Como se familiarizar com as perguntas de avaliação
- Ficha de trabalho 3 Como elaborar perguntas

Passo 4 Estabelecer indicadores de gênero e TIC para a avaliação

- Atividade 4 Fazer perguntas
- Ficha de trabalho 4 Como criar seus próprios indicadores de gênero

Fase 2 Levantamento de informação utilizando indicadores de gênero e TIC

Passo 5 Escolher os métodos/ ferramentas para o levantamento de informação

- Atividade 5 Exemplos de metodologias utilizadas por usuárias da ferramenta GEM
- Ficha de trabalho 5 Desenvolvimento de uma estratégia própria para o levantamento de informação

Passo 6 Analisar os dados numa perspectiva de gênero

Fase 3 Pôr em prática os resultados da avaliação

Passo 7 Para incorporar o que foi aprendido em seu trabalho



FASE 1: nos prepara para planejar e implementar a avaliação de uma iniciativa de TIC numa perspectiva de gênero, mediante a compreensão dos conceitos básicos de gênero e TIC. Estabelece o alcance, o propósito e os limites da avaliação.

PASSO 1

PASSO 1 DEFINIR COMO E QUEM USARÁ A AVALIAÇÃO.

Este passo nos leva a identificar como e quem usará os resultados da avaliação.

Inclui duas atividades:

Atividade 1.1 Identificar quem vai usar a avaliação

Atividade 1.2 Definir como será usada a avaliação

A ficha de trabalho é simples: Como e quem usará a avaliação – Síntese.

PASSO 2

Quando já se definiu como e quem usará a avaliação, a ferramenta avança para o **PASSO 2 IDENTIFICAR AS PROBLEMÁTICAS DE GÊNERO E TIC**. Este passo nos leva a percorrer todo o ciclo vital do projeto ou iniciativa e nos permite pesquisar quais são as problemáticas de gênero que se apresentam.

Inclui duas atividades:

Atividade 2.1 Entender o que é análise de gênero e conceitos de TIC, transformação social e desenvolvimento

Atividade 2.2 Revisão das problemáticas de gênero no ciclo de vida de seu projeto de TIC

Antes de iniciar a Atividade 2.1 será necessário ler dois documentos conceituais – “TIC para a Transformação Social” e “Análise de Gênero” – que proporcionam uma ampla compreensão das problemáticas de gênero e TIC. A Atividade 2.2 contém um guia de perguntas para averiguar quais são as problemáticas de gênero do contexto e dos diversos componentes do projeto ou iniciativa. Estas duas atividades dão maior precisão à avaliação e ajudam a identificar as problemáticas de gênero e TIC às que a avaliação irá se referir. No final do **PASSO 2** é proporcionada a Ficha de Trabalho 2: Perfil do Projeto

PASSO 3

O **PASSO 3** é um guia para completar as perguntas da avaliação. Espera-se que a esta altura do plano de avaliação já exista uma idéia explícita das problemáticas de gênero e TIC que precisam ser abordadas. Este passo inclui exemplos de diferentes perguntas de avaliação formuladas por anteriores usuárias da Ferramenta GEM. Contém apenas uma atividade e uma ficha de trabalho: Como elaborar perguntas.

Antes de avançar para o **PASSO 4**, será preciso ter definidas as perguntas de avaliação. Este passo ajuda a desenvolver indicadores de gênero e TIC relevantes e eficazes para a avaliação. Incluem-se materiais de leitura que definem conceitos relacionados com os indicadores. A Atividade 4 mostra como escolher indicadores usando dois exemplos: a capacitação e o acesso. Proporciona-se uma ficha de trabalho para documentar os indicadores de gênero e TIC – Como criar seus próprios indicadores de gênero.

No final da **FASE 1** são esperados os seguintes resultados: uma definição precisa de como e quem usará a avaliação, uma compreensão dos antecedentes do projeto e seu ciclo de vida, uma compreensão das problemáticas de gênero e TIC, no contexto do projeto ou iniciativa, e perguntas de avaliação claras que utilizem indicadores de gênero e TIC.

A **FASE 2** se concentra em diversos métodos de levantamento de informação e sua análise numa perspectiva de gênero. **PASSO 5: ESCOLHER OS MÉTODOS / FERRAMENTAS DE LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÃO.** Esse passo apresenta diversas formas de obter informação com base nas perguntas de avaliação e nos indicadores de gênero e TIC que foram definidos na **FASE 1**. Os materiais de leitura ajudam a escolher as ferramentas de coleta de informação a serem usadas. A atividade 5 proporciona exemplos de métodos/ ferramentas que outras usuárias de GEM têm utilizado. A atividade continua com a ficha de trabalho – Desenvolvimento de uma estratégia própria para a coleta de informação - que consiste em um processo que relaciona a fonte de informação, os métodos/ ferramentas de levantamento e o tempo/prazo de levantamento de dados com base nos indicadores de gênero e TIC anteriormente definidos. É muito útil para relacionar indicadores e metodologias.

PASSO 6 ANALISAR OS DADOS NUMA PERSPECTIVA DE GÊNERO. Mostra como analisar a informação coletada numa perspectiva de gênero. Fornece leituras e exemplos sobre formas de analisar os dados e preparar relatórios. Será útil reler os documentos conceituais sobre gênero e TIC, bem como os resultados das atividades da **FASE 1**, onde foram exploradas as problemáticas de gênero no ciclo de vida do projeto.

FASE 3 PÔR EM PRÁTICA OS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO. Esta fase permite ver de que forma as lições aprendidas da avaliação podem favorecer mudanças na organização da comunidade e, num sentido amplo, no movimento de gênero e TIC.

PASSO 7 PARA INCORPORAR O QUE FOI APRENDIDO EM SEU TRABALHO. Sugere de que forma os resultados da avaliação podem melhorar o funcionamento da organização, mudar suas práticas de avaliação e influir na maneira como são utilizadas as TICs.

PASSO 4



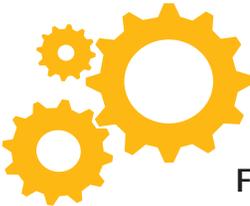
PASSO 5

PASSO 6



PASSO 7

A FERRAMENTA GEM



Fase 1 Integração da Análise de Gênero

PROPÓSITO GERAL

Integrar uma perspectiva de igualdade de gênero e empoderamento da mulher, quando se planeja uma avaliação de iniciativas de TIC.

OBJETIVOS

-  Desenvolver objetivos de avaliação que apontem para a igualdade de gênero, empoderamento das mulheres e o uso de TIC para a transformação social.
-  Revisar o contexto, os objetivos e os planos de seu projeto, para tornar visíveis as problemáticas de gênero e TIC.
-  Estabelecer seus indicadores de gênero e TIC.
-  Identificar quem participará do processo avaliativo.

Antes de iniciar o processo de avaliação é necessário estabelecer seus limites. Variáveis como os objetivos da avaliação, recursos

financeiros disponíveis e prazos convergirão de algum modo para delinear os parâmetros e alcances da avaliação.

Para a fase inicial do planejamento, será necessário incluir quatro atividades importantes:

-  Uma revisão ampla do projeto ou uma análise de contexto para identificar quais problemáticas de gênero e TIC serão consideradas na avaliação.
-  O processo de formular as perguntas que terão que ser respondidas na avaliação.
-  A seleção de indicadores de gênero e TIC.
-  A identificação dos e das protagonistas da avaliação e da equipe que vai realizá-la.



FASE 1 PASSO 1 DEFINIR COMO E QUEM VAI USAR SUA AVALIAÇÃO

Resultados esperados

O que são as avaliações?

Como o gênero pode se tornar visível em um projeto?

Quem são os atores e quem são os usuários e usuárias?

Atividade 1.1 Identificar quem vai usar a avaliação

Atividade 1.2 Definir como vai ser usada a avaliação

Ficha de trabalho 1 Síntese de quem e como utilizará a avaliação

Como assegurar que a composição da equipe de avaliação integre considerações de gênero

Resultados esperados

 Fazer uma lista de usuários e usuárias da avaliação e delinear o uso que será dado a ela.

 Formar uma equipe de avaliação que inclua atores com capacidade de referir-se a problemáticas de gênero e TIC.

O que são as avaliações?

Freqüentemente, se relaciona o conceito de avaliação com os requisitos impostos por um doador ou por um sistema de controle externo ao projeto, a fim de confirmar se os objetivos foram cumpridos e os recursos utilizados com inteligência. De qualquer modo, existem muitas outras razões para realizar uma avaliação. Por exemplo:

 Identificar áreas para melhorar um projeto ou programa

 Trazer à tona e resolver desacordos

 Estabelecer prioridades e metas

 Esclarecer e abordar problemas

 Decidir novas direções estratégicas

 Obter devolução, reconhecimento e valorização

 Celebrar conquistas

 Atrair recursos

Porém, além desses objetivos comuns, será preciso considerar uma pergunta direta e ao mesmo tempo crucial: como vai ser usada a avaliação?

Uma abordagem de avaliação, chamada de avaliação orientada para o uso, sustenta que “as avaliações deveriam ser julgadas por sua utilidade e uso real”. Michael Quinn Patton, que desenvolveu essa abordagem, sublinha que o uso não é uma abstração. O uso, segundo Patton, “tem a ver com a forma como pessoas reais, do mundo real, aplicam os achados e a experiência da avaliação no mundo real”. As avaliações, então, deveriam ser desenhadas levando em consideração que tudo o que se fizer, do início ao fim do processo, afetará sua utilização. O extenso estudo feito por Patton sobre as avaliações profissionais revela que o maior desafio neste

campo consiste em identificar o que é necessário fazer para obter resultados que sejam apropriados e que possam ser usados de maneira significativa. [Patton, p. 10, 20-22]

Estabelecer objetivos de avaliação é, conseqüentemente, esclarecer quem tem a intenção de utilizar a avaliação que você planeja levar a cabo, e como se propõe a usar os resultados. Na ferramenta GEM, adaptamos a noção de uso possível dos resultados da avaliação, a fim de definir com maior clareza os objetivos de uma avaliação.

É importante diferenciar o uso possível, ou objetivos da avaliação, dos objetivos do projeto. No ciclo de um projeto a formulação de objetivos procede naturalmente da identificação de um problema. Um objetivo pode ser resumido como a intenção expressa de abordar um problema, talvez com uma declaração de quais resultados – quantificados – se pretende atingir em um determinado tempo. Quando se trata de problemáticas de gênero o objetivo poderia simplesmente declarar a intenção de pôr fim a uma prática discriminatória e assim fechar a brecha de gênero.

Mas, por outro lado, o uso possível ou objetivo da avaliação pode estar centrado na forma como as usuárias e os usuários se propõem a utilizar os resultados da avaliação. Por exemplo, um objetivo do projeto da Fundação Fantsuam, que está experimentando a GEM, consiste em promover o acesso a instalações de TIC e proporcionar capacitação a mulheres pertencentes a comunidades rurais da Nigéria, mediante seus centros comunitários

de aprendizagem. Um dos objetivos da Fantsuam é avaliar de que maneira os serviços oferecidos nos centros comunitários de aprendizagem contribuem para o empoderamento de mulheres e meninas.

Como se pode tornar visível a problemática de gênero em um projeto?

Em linhas gerais, o uso proposto para a GEM consiste em analisar problemas, perspectivas e lições de gênero em projetos e iniciativas de TIC. A tarefa, neste passo, consiste, então, em definir de modo específico quem são as usuárias e como se planeja utilizar os resultados da avaliação de gênero.

Quem são atores e quem são usuários e usuárias?

Gênero é um tema transversal que afeta a todos os atores do projeto e todos os aspectos da atividade do projeto, inclusive a avaliação. De qualquer maneira, as avaliações não devem incluir necessariamente todos os grupos que participaram, foram beneficiados ou não se beneficiaram das atividades do projeto. Será preciso fazer opções, baseadas nos objetivos de avaliação e em considerações de gênero, sobre os atores do projeto, bem como dos usuários e usuárias da avaliação.

Ao identificar os usuários e usuárias, é conveniente ser tão específica quanto possível e determinar quem são “usuários e usuárias primárias reais e seu compromisso explícito com usos concretos e específicos” [Patton, 21]. A escolha dos usuários e usuárias determinará a quem pertencerão os valores que vão dar o marco à avaliação. A





plena e ativa participação de usuários e usuárias pode aportar as seguintes vantagens:

Mostrarão uma maior tendência a utilizar a avaliação se entenderem e sentirem que o processo de avaliação e seus achados lhes pertencem.

É mais provável que entendam e sintam que a avaliação lhes pertence, quando estiveram ativamente envolvidos no processo.

As usuárias primárias deveriam envolver-se na avaliação uma vez que foram, em primeiro lugar, usuárias, ou estiveram diretamente envolvidas no projeto. Como receptoras e/ou participantes do projeto, são elas que estão em melhores condições de decidir como reforçar a intenção da avaliação a cada passo.

Ao determinar quais serão os usuários e usuárias de sua avaliação, leve em consideração que atores do projeto podem ser cruciais para um exame dos problemas de gênero e TIC. Ao optar, considere o seguinte:

As pessoas envolvidas no projeto podem ser tanto internas (executoras do projeto, incluindo pessoal e diretoria) como externas (beneficiárias do projeto).

No caso particular das iniciativas de TIC, esses atores podem se encontrar em qualquer parte do mundo.

Os projetos têm participantes diretas - que estão ou estiveram envolvidas em atividades do projeto, e indiretas - que não participaram no projeto, mas podem ter sido afetadas por ele. Este segundo grupo costuma ser crucial em um processo de avaliação.

Também podemos considerar como atores, outras organizações envolvidas em tarefas ou projetos similares. Se for o caso, estas organizações podem proporcionar pontos de vista importantes e comentários "setoriais" que aportem um contexto mais amplo, mas ao mesmo tempo mais focado, aos achados de sua avaliação.

Sua relação com as participantes do projeto, assim como sua aproximação a elas, é tão importante quanto o processo de sua identificação. A forma em que esses grupos participam da sua avaliação deveria refletir os valores subjacentes de sua organização, de sua abordagem da avaliação e do trabalho em geral do seu projeto de TIC.

Os beneficiários e as beneficiárias do projeto – o grupo objetivo primário da iniciativa de TIC – integram o processo de descoberta e análise de problemas de gênero e TIC. Uma

afirmação comum no planejamento e análise do discurso é que a análise de gênero não será transformadora a não ser que seja realizada pelas pessoas diretamente envolvidas.

A seguir, temos um exemplo de uma lista de atores de um projeto de TIC, que destaca os que são centrais, que podem ser identificados como usuários e usuárias da avaliação.

Atores de telecentros

Internos	<ul style="list-style-type: none">  Pessoal do telecentro  Corpo diretivo do telecentro (ex.: junta diretiva)
Comunidade (refere-se a todos os grupos que podem usar o telecentro e beneficiar-se direta ou indiretamente dele)	<ul style="list-style-type: none">  Usuárias/os e não usuárias/os  Organizações da comunidade  Governo local  Serviços públicos na área, atendidos pelo telecentro.
Atores (inclui todas as pessoas cujas ações interferem na operação do telecentro)	<ul style="list-style-type: none">  Patrocinadores, agências apoiadoras, agências patrocinadoras ou operativas  Repartições governamentais  Prestadores de serviços
Partes interessadas	<ul style="list-style-type: none">  Outras organizações que pensam usar o telecentro  Outros telecentros e organizações de telecentros
Público em geral	<ul style="list-style-type: none">  Mídia  Organizações de desenvolvimento  Educadoras/es e pesquisadoras/es que trabalham com o uso de TIC e desenvolvimento social

Fonte: Monitoramento, avaliação e assessoria de impacto dos telecentros: um marco inicial (Teletac)

FASE 1 PASSO 1 ATIVIDADES

Atividade 1.1 Identificar quem vai usar a avaliação

Elabore uma lista completa dos atores da sua iniciativa de TIC. Identifique os principais e especialmente aqueles que possam ser referência para problemas de gênero e TIC. Dessa lista, identifique quem poderá usar sua

avaliação. Você pode usar “Atores de telecentros” como guia.

Atividade 1.2 Definir como será usada a avaliação

De acordo com Patton, é importante ter uma compreensão compartilhada entre avaliadoras e usuárias do projeto, sobre como podem ser usados, de forma real, os resultados da

avaliação. As próprias usuárias deveriam se comprometer, de maneira natural, com essa compreensão compartilhada. Por exemplo, suponhamos que a avaliação tenha por finalidade influir em decisões sobre como o seu projeto pode ser mais sensível às problemáticas de gênero. Nesse caso, você precisará ter clareza sobre quais são essas decisões, quem as tomará e quando será

tomado, que outros fatores podem influir sobre a tomada de decisões e como você vai saber se a avaliação foi usada de acordo com a intenção proposta. (Patton, página 82)

O que vem em seguida é uma lista de perguntas guias para a Atividade 1.2, que também podem ser úteis no processo de avaliação:

Perguntas a usuárias para estabelecer a possível influência da avaliação na tomada de decisões

-  Quais as decisões que você espera influenciar com as descobertas da avaliação?
-  Quando essas decisões serão tomadas? Quem fará isso? Quando, então, deverão ser apresentados os resultados da avaliação para que possa ter essa influência?
-  O que está em jogo nas decisões? Para quem? Que problemáticas ou controvérsias estão em torno das decisões?
-  Qual é a história e o contexto do processo de tomada de decisões?
-  Que outros fatores (valores, políticas, fatores pessoais, promessas feitas) afetam a tomada de decisões? O que poderia impedir essas decisões ou torná-las irrelevantes? Em outras palavras, quão instável é o entorno da tomada de decisões?
-  De forma realista, quanta influência você espera que a avaliação tenha?
-  Até onde estão decididos de antemão os resultados da decisão?
-  Que informação e resultados são necessários para apoiar a tomada de decisões?
-  O que se necessita fazer para atingir esse nível de influência?
-  Como saberemos, depois, se a avaliação foi usada como se pretendia?

FASE 1 PASSO 1 FICHA DE TRABALHO 1 SÍNTESE SOBRE COMO E QUEM USARÁ A AVALIAÇÃO

Como apoio para sintetizar suas respostas às atividades 1.1 e 1.2, leia os exemplos apresentados a seguir e preencha o quadro seguinte.

EXEMPLOS DE DOIS PARTICIPANTES GEM:

O teletrabalho na Malásia é a avaliação de Moms 4 Moms de seu projeto de trabalho a distancia, cujas participantes são mães que trabalham em casa. A avaliação apontava no sentido de facilitar e promover uma mudança social, gerando um entorno propício para que as mulheres possam trabalhar em suas casas. O estudo esperava chegar a uma compreensão dos problemas enfrentados por homens e mulheres

trabalhadoras, ao reconhecimento do triplo papel da mulher (criação dos filhos, dona de casa e geradora de renda) e ver de que maneira as TICs poderiam contribuir para melhorar e mudar estilos de vida, de modo que as mulheres pudessem cumprir com os seus múltiplos papéis.

O outro exemplo, Unidade de Informação de Bairro, é uma avaliação feita pela Associação de Trabalho Interdisciplinar (ATI), sobre telecentros comunitários que organizaram oficinas de sensibilização de gênero e capacitações em TIC em duas comunidades de Bogotá, na Colômbia. A avaliação concentrou-se em estratégias para a sensibilização de gênero em unidades de informação de bairro em Bogotá.

Teletrabalho na Malásia

USUÁRIO: Implementador do projeto

Uso: Identificar a exequibilidade do teletrabalho, instalar um escritório virtual dentro do contexto malaio e promover o teletrabalho ante o governo malaio.

Unidade de Informação de Bairro

COMO E QUEM USARÁ A AVALIAÇÃO

- 1. Membros da comunidade local:** Para fortalecer a capacidade das comunidades locais de tratar problemas diretamente com as autoridades locais, agências internacionais e entidades estatais.
- 2. ONGs:** Para comprometer a outras ONGs e assegurar, de maneira conjunta, que as Unidades incluam temas de interesse para a comunidade local.
- 3. Implementadores de projetos:** Para gerar cooperação entre centros de bairros.

AMOSTRA DE FICHA DE TRABALHO: SÍNTESE SOBRE COMO E QUEM USARÁ A AVALIAÇÃO

Nome da Iniciativa			
USUÁRIAS			
Uso			

**Pelo menos
uma pessoa
da equipe
deveria ter certa
experiência
e compreensão
das problemáticas
de gênero**



sensibilizando sobre a questão, de maneira a assegurar que as problemáticas de gênero sejam levadas em consideração no processo de avaliação.

 Pelo menos uma pessoa da equipe deveria saber interpretar as TICs, tanto no que se refere à utilização de tecnologias como ferramentas para atingir as metas do projeto, como no que se refere ao modo que a tecnologia pode ser utilizada para o empoderamento das pessoas, organizações e comunidades.

Como assegurar que a composição da equipe de avaliação integre considerações de gênero

 É crucial a participação dos grupos de atores e de pessoas usuárias que tenham sido identificadas.

A experiência demonstra que uma dinâmica de equipe, que dá lugar à diversidade de perspectivas nas discussões e decisões, é muito proveitosa em qualquer processo de avaliação. No entanto gênero e TIC necessitam formar um grupo que reúna alguns requisitos adicionais, que uma equipe de avaliação - que tem como tarefa tratar problemáticas de TIC junto com as preocupações de gênero - garantirá um processo objetivo, profundo e minucioso. São algumas pautas úteis as seguintes:

A equipe deveria ser suficientemente pequena para que possa trabalhar em conjunto, com eficiência. Um ou uma líder de equipe, provavelmente a pessoa que tenha iniciado a avaliação, deveria assumir a responsabilidade de orientar o processo do grupo. Esse grupo deveria estar formado por pessoas que estejam envolvidas na iniciativa, projeto ou organização nos diferentes níveis (Ex: o pessoal do projeto, beneficiários, etc). É também uma boa idéia incluir como membro da equipe um avaliador ou uma avaliadora contratada, que não esteja envolvida no projeto.

84

 As pessoas integrantes da equipe de avaliação deveriam ser representativas das mulheres e homens envolvidos no projeto, atividade ou iniciativa.

 Pelo menos uma pessoa da equipe deveria ter certa experiência e compreensão das problemáticas de gênero. Seria ideal que a experiência proviesse da organização iniciadora da avaliação ou de uma organização associada próxima. Se não for esse o caso, designe um membro da equipe que se encarregue de pensar em uma perspectiva de gênero. Defina maneiras efetivas dessa pessoa chegar a compreender as problemáticas e preocupações de gênero. É também uma boa idéia que a equipe de avaliação realize uma capacitação

**A equipe deveria ser
suficientemente
pequena para que possa
trabalhar em conjunto,
com eficiência**



FASE 1 PASSO 2 IDENTIFICAR AS PROBLEMÁTICAS DE GÊNERO E TIC

Resultados esperados

Quais são os elementos do ciclo de um projeto?

Atividade 2.1 Entender o que é análise de gênero e conceitos de TIC, transformação social e desenvolvimento

Atividade 2.2 Revisão das problemáticas de gênero no ciclo de vida de seu projeto de TIC

Ficha de trabalho 2 Perfil de projeto

Resultados esperados

 Levantar informação detalhada sobre problemáticas de gênero e TIC no ciclo de vida do projeto.

Quais são os elementos do ciclo de um projeto?

Para analisar qualquer projeto é preciso considerar todos os fatores, inclusive os aspectos individual, organizacional, comunitário, sócio-econômico, cultural e político, que configuram o entorno particular do projeto. No caso de projetos de TIC, agrega-se a revisão do componente tecnológico. A análise também requer determinar quais foram os fatores que cumpriram um papel de importância na operação do projeto.

O primeiro passo de avaliação de gênero consiste em indagar quais são as problemáticas de gênero no contexto de seu projeto de TIC. Uma vez que o ciclo de um projeto compreende muitos aspectos, será preciso decidir qual parte desse ciclo desejamos avaliar e quais são as problemáticas de gênero desse aspecto. Esse passo é essencial, pois estabelece parâmetros que irão determinar os objetivos, perguntas e indicadores da avaliação.

Um projeto costuma seguir uma evolução lógica:

-  Análise da situação ou do contexto
-  Identificação de uma necessidade ou problema
-  Determinação dos imperativos políticos
-  Formulação de metas
-  Articulação de estratégias de intervenção e do plano de implementação
-  Implementação das atividades do projeto
-  Compreensão dos resultados do projeto
-  Implementação de um sistema de monitoramento e avaliação

As questões de gênero geralmente não ocupam um lugar destacado nos processos de planejamento e projeto. É comum que as questões de gênero estejam completamente ausentes na seqüência de projeto que acabamos de descrever, ou que se diluam ao longo da articulação de estratégias de intervenção e do plano de implementação do projeto. Lamentavelmente, nos projetos e iniciativas de TIC isso se dá com mais freqüência. Conseqüentemente, é muito importante que o gênero se encontre integrado desde o início do plano e que seja visível durante toda a seqüência de planejamento e implementação, sem que se dilua ou desapareça de repente. As

problemáticas de gênero podem ser óbvias, invisíveis ou imprecisas, conforme tenha sido a iniciativa de TIC e se foram ou não consideradas durante a fase de planejamento do projeto. Vale a pena revisar a documentação do projeto, para reconhecer que pressupostos sobre gênero e uso de TIC para a transformação social foram manejados na sua concepção.

As seguintes atividades foram desenhadas para examinar o projeto, bem como seus efeitos e sua relação com outros fatores e situação em uma perspectiva de gênero.

FASE 1 PASSO 2 ATIVIDADES

Atividade 2.1 Entender o que é análise de gênero e conceitos de TIC, transformação e desenvolvimento

Antes de iniciar esta atividade é conveniente repassar os elementos básicos da análise de gênero encontrados nesta ferramenta. Este capítulo trata da abordagem analítica da APC WNSP, que busca ajudar a compreender as mudanças associadas com as intervenções de TIC, em uma perspectiva de gênero. A atenção recai tanto na maneira como a

Conselho: Sessões de Sensibilização de Gênero

De acordo com nossa experiência, realizar uma sessão de sensibilização de gênero, antes de planejar a avaliação, ajuda a que os membros da equipe cheguem a uma compreensão comum das problemáticas de gênero.

Essas oficinas de sensibilização de gênero podem ser adaptadas, segundo as necessidades da organização, a sessões de um dia ou de meio dia, que proporcionem aos participantes uma compreensão dos conceitos básicos de gênero, igualdade / equidade de gênero, empoderamento das mulheres e as relações entre gênero, transformação social e TIC. A experiência também nos demonstra que a maioria é capaz de perceber as problemáticas de gênero e TIC, porém, separadamente. Por isso, analisar a relação entre ambos os temas costuma ser um terreno novo.

As oficinas são um passo preparatório que assume ainda mais relevância na avaliação com perspectiva de gênero nos telecentros, pois essas iniciativas costumam ser de comunidades de base, onde os valores e crenças tradicionais sobre papéis

e relações de gênero continuam sendo a norma. Em todos os telecentros em que foi experimentada a ferramenta GEM, as equipes de avaliação estabeleceram estratégias conscientes de sensibilização sobre questões de gênero, com a finalidade de promover a reflexão e abrir oportunidades de diálogo, evitando assim confrontos e antagonismos.

Em duas comunidades do Equador, por exemplo, a equipe GEM foi advertida de que a comunidade (isto é, líderes homens que tomavam as decisões) não aceitaria oficinas sobre "feminismo", porque já tinham tido problemas com mulheres que chegavam ao lugar para "pôr as mulheres contra os homens". Os grupos indígenas das comunidades percebiam a questão étnica/racial como o problema principal, acima das relações de gênero e, por isso, trabalhar a favor da diversidade cultural e racial deveria estar no topo das considerações. Então, a avaliadora de GEM reformulou a oficina de sensibilização em gênero, utilizando o conceito de equidade em um sentido amplo, para incluir a discriminação étnica/racial, de gênero, por idade, cultural e social.

mudança afeta a vida das mulheres, como na igualdade / equidade de gênero na família, na comunidade e em outras áreas. Também proporciona uma visão de conjunto das problemáticas de gênero no setor de TIC e temas relacionados com o empoderamento das mulheres em projetos de TIC para o desenvolvimento e para a justiça social.

Atividade 2.2 Revisão de problemáticas de gênero no ciclo de vida de seu projeto de TIC

Levando em conta o marco analítico de gênero proposto por GEM, estamos em condições de realizar uma revisão do

projeto. Como guia para isso recomendamos: Exercício: examine os componentes de gênero de cada parte do ciclo de vida do projeto. Procure responder às seguintes três perguntas:

👉 Foram consideradas as problemáticas de gênero durante a fase de planejamento do projeto?

👉 Quais pressupostos foram manejados ou que pesquisa houve sobre a forma em que as TICs podem facilitar mudanças em homens e mulheres?

👉 Como foram identificadas no projeto as mulheres, ou grupos de mulheres?

Problemáticas de gênero no ciclo de vida de um projeto

(Extratos de “Spectacles for Seeing Gender in Project Evaluation” de Sara Hlupekile Longwe, consultora de GEM, trabalho apresentado durante a oficina de GEM na África em novembro de 2002. Acrescentamos exemplos para ilustrar algumas das problemáticas de gênero tratadas por Longwe em sua exposição.)

Análise de situação: refere-se à análise inicial da situação na área de interesse para o projeto, particularmente as diversas situações problemáticas que podem requerer atenção. A análise de situação deveria incluir uma descrição das problemáticas de gênero relevantes. A falta de identificação destas problemáticas durante a etapa preliminar é então um achado importante para qualquer avaliação. Como exemplo, o problema mais comum, particularmente no campo de TIC nos países em desenvolvimento, é a falta de conectividade. A maior parte da informação que descreve a conectividade não o faz por gênero, nem analisa as diferentes formas como homens e mulheres utilizam as TICs e seus papéis na tomada de decisões.

Imperativos de política: refere-se aos aspectos do entorno político que sejam

relevantes para decidir ações em uma dada situação. Se o planejamento e a implementação de um projeto têm como guia uma política de gênero clara, deveríamos esperar que os princípios e metas dessa política apareçam na intenção do projeto de reconhecer e tratar problemáticas de gênero. Por exemplo, em 2000 o governo da Coreia do Sul encarou uma política para educar as mulheres coreanas no uso de TIC como parte de seu “programa nacional de informatização”, com a intenção de reduzir no país a brecha digital por gênero. Para realizar isso a Coreia do Sul lançou uma campanha nacional para fornecer internet a um milhão de donas de casa em um prazo de 18 meses. Em Seul e outras cidades próximas quase 70% dos institutos privados de computação uniram-se ao programa do governo, que oferecia 20 horas de curso por mês por apenas

US\$ 27, muito menos que a tarifa do mercado —de US\$ 90—. Embora o programa reconhecesse a necessidade de equiparar o uso que as mulheres fazem de TIC em relação aos homens, falhou em perceber o tema subjacente de que as mulheres fazem um uso de TIC diferente dos homens. Nesse aspecto, o projeto ficou desbotado por uma política de gênero neutra.

Identificação do problema: o contexto de um planejamento formal se refere ao problema percebido, quando certos princípios políticos determinam que alguns aspectos específicos de uma situação são inaceitáveis. Esses aspectos inaceitáveis convertem-se em fundamento da ação. Mas, fora dessa lógica formal, muitos problemas são considerados “óbvios”. No entanto, na área de gênero, mesmo os aspectos “óbvios” da identificação de um problema tendem a estar ausentes. Embora muitos problemas comuns sejam “óbvios”, sem necessidade de rever políticas, as problemáticas de gênero costumam ser deixadas de lado juntamente com a própria política de gênero. Por exemplo, em políticas e programas de telecomunicações, um campo que costuma ser considerado como “puramente tecnológico ou técnico”, as problemáticas de gênero são quase completamente ignoradas.

Estratégias de intervenção. A lógica que vai de uma meta a uma estratégia de intervenção surge da idéia de que esta última, para ser efetiva, deve encarar uma ou mais causas subjacentes a um dado problema. Mas, com um planejamento pobre, a intervenção é considerada apenas “fazer algo de bom”, sem estabelecer qualquer conexão causal com o problema. No caso das

problemáticas de gênero, as estratégias de intervenção só são efetivas quando abordam as causas subjacentes, e, de acordo com a experiência, são factíveis na medida em que estes passos antecipam, se contrapõem ou ultrapassam a oposição patriarcal.

As estratégias de informação, comunicação e mobilização nunca são boas ou efetivas “em si mesmas”. Essas estratégias devem buscar metas e dar atenção às causas e problemas subjacentes. Por exemplo: a falta de informação é uma causa que está na raiz do problema tratado? Ou é simplesmente um sintoma de um problema maior? De uma perspectiva de gênero, as estratégias devem contribuir para o processo de empoderamento das mulheres e atuar como um meio para abordar problemáticas de gênero. Nesse sentido, as mulheres não deveriam ser receptoras passivas da informação difundida por um centro de informação.

Estratégias de implementação. Em uma perspectiva de gênero, geralmente, é útil distinguir entre estratégias de implementação que abordam problemáticas estratégicas amplas e abrangentes, daquelas que respondem a problemas mais tangíveis e específicos. Podem existir muitas estratégias alternativas para implementar a estratégia de intervenção. A meta de incrementar o acesso das mulheres à informação agrícola, por exemplo, pode ser atingida mediante a intervenção estratégica de proporcionar um melhor acesso à internet. Esta, por sua vez, pode ser conseguida mediante várias estratégias de implementação alternativas, como pôr computadores à disposição das ONGs de mulheres, ou ter uma pessoa capacitada a serviço dos agricultores em um centro

de recursos, entre outras. Uma vez mais, em uma perspectiva de gênero, a conveniência de uma estratégia de informação deve ser avaliada pela eficácia de seus meios de distribuição da informação, bem como pela potência de seu impacto em promover um amplo apoio ao empoderamento das mulheres e à equidade de gênero.

Objetivos. São a expressão das intenções mais específicas e detalhadas de um processo de implementação, em particular no que se refere a atividades e resultados esperados. Frequentemente, a estratégia de implementação não está explícita, mas pode ser deduzida porque está implícita na relação de objetivos. Existe a tendência dos objetivos de um projeto serem neutros com relação a gênero, sem referência explícita ou implícita sobre a forma como serão tratadas as problemáticas de gênero. Quando se pergunta sobre isso, os planejadores costumam responder com afirmações como “nosso projeto tem uma orientação de gênero”, “toda a nossa equipe tem consciência de gênero”, “a implementação é sensível a gênero”.

Um objetivo com orientação de gênero pode ser um objetivo de resultado que considere fechar a brecha de gênero ou pôr fim a uma prática discriminatória. Um objetivo com orientação de gênero pode ser também um objetivo de processo que considere as atividades e o processo social pelo qual se atinge o objetivo. Na busca por eliminar desigualdades de gênero, o processo de empoderamento

das mulheres é tão importante como os resultados obtidos. Por exemplo, mesmo que as atividades, compromissos e campanhas coletivas das mulheres na comunidade fracassem, as mulheres terão aprendido muito de sua experiência ao longo de todo o processo que permitiu que se manifestassem sobre a problemática de gênero. Em alguns casos, essas experiências chegam a ser mais valiosas (ou transformadoras) que os resultados materiais das atividades. Afinal de contas, o empoderamento é um processo acumulativo.

Resultados. São o produto final de um projeto, no que se refere ao incremento da quantidade de mulheres que utilizam internet, um incremento do trabalho em rede entre grupos de mulheres, as ações empreendidas para abordar problemáticas de gênero e evidências de terem sido reduzidas as desigualdades de gênero. De qualquer maneira, é impossível provar que um resultado em particular seja resultado da intervenção do projeto. Do ponto de vista de uma avaliação, não tem sentido buscar um resultado relativo a uma problemática de gênero se o projeto não teve metas ou intervenções dirigidas a esse propósito. Se o projeto não tinha metas com orientação de gênero isso já é em si mesmo um dado importante da avaliação, e nesse caso o resultado da avaliação será modificar o projeto para incorporar a meta de gênero e o modo apropriado de intervenção.



Depois de completar as **ATIVIDADES 2.1 E 2.2**, você pode prosseguir com a sua avaliação: completar uma descrição do seu projeto.

Como exemplo desta atividade, leia o perfil de um projeto avaliado por Isis-WICCE em Uganda. Observe que a coluna "Questões de gênero e TIC a serem tratadas na avaliação" compreende os temas tratados nas **ATIVIDADES 2.1 E 2.2**. (Leia o relatório completo em <http://www.apcwomen.org/gem/practitioners/reports.shtm> ou no CD que acompanha este manual.)

Nome da iniciativa

UNIDADE DE INFORMAÇÃO PARA MULHERES RURAIS

<p>Objetivos do projeto</p>	<ul style="list-style-type: none">  permitir que mulheres líderes tenham acesso à informação que possa fortalecer sua capacidade para empoderar as mulheres de suas comunidades;  conseguir que as mulheres líderes contem com um espaço central onde possam se reunir, trocar idéias e compartilhar experiências;  difundir a leitura entre as mulheres.
<p>Resultados esperados</p>	<ul style="list-style-type: none">  que o grupo objetivo tenha a oportunidade de acesso à informação relevante para seu empoderamento;  que as mulheres sejam capazes de formar redes com mulheres de outras partes do país e do mundo;  que as mulheres líderes sejam capazes de exercer pressão sobre quem toma as decisões e elaborar políticas para tratar das leis e políticas antidiscriminatórias;  que as mulheres da comunidade sejam conscientes de seus direitos e possam reivindicá-los (por exemplo, em casos de violência familiar, HIV-AIDS, gravidez na adolescência, etc).
<p>Componentes e atividades do projeto</p>	<ul style="list-style-type: none">  Acesso à informação (providenciar um espaço de leitura)  Dramatizações  Mostras de vídeos  Seminários/ reuniões de sensibilização  Venda de produtos feitos por mulheres

Usuárias	<ul style="list-style-type: none">  Mulheres líderes da comunidade  Mulheres que implementam o projeto
Possível uso da avaliação	<ul style="list-style-type: none">  documentar as melhores práticas das mulheres líderes no uso da TIC;  identificar áreas em que se possa fortalecer a capacidade das mulheres líderes mediante o uso de TIC.
Questões de gênero e TIC a serem tratadas na avaliação	<ul style="list-style-type: none">  Disponibilidade e acessibilidade da TIC para as mulheres líderes  Utilidade das TICs disponíveis para as atividades diárias das mulheres  Habilidade e capacidade das mulheres líderes para utilizar TIC

Pode-se utilizar esse modelo de tabela para completar um perfil de seu projeto e apontar problemáticas de gênero e TIC específicas, prestando atenção na análise de situação, nos imperativos de políticas e na identificação de problemas.

Nome da iniciativa	
Objetivos do projeto	
Resultados esperados	
Componentes e atividades do projeto	
Usuárias	
Possível uso da avaliação	
Questões de gênero e TIC a serem tratadas na avaliação	

FASE 1 PASSO 3 COMPLETAR AS PERGUNTAS DE AVALIAÇÃO

Resultados esperados

O que são as perguntas de avaliação?

Atividade 3 Como se familiarizar com as perguntas de avaliação

Ficha de trabalho 3 Como gerar perguntas

Resultados esperados

Uma lista de perguntas que ajudem a focalizar a avaliação

O que são as perguntas de avaliação?

As perguntas de avaliação surgem dos objetivos da avaliação e estabelecem a direção de um processo de avaliação. Todos os passos subseqüentes do processo de avaliação, particularmente a **FASE 2 LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÃO UTILIZANDO INDICADORES DE GÊNERO E TIC** estão desenhados para responder a elas. As perguntas de avaliação devem expor de maneira explícita as problemáticas de gênero que o projeto ou iniciativa precisa considerar. Portanto o processo de formular as perguntas é uma prática delicada, pois determina quais aspectos do projeto ficarão incluídos ou excluídos da avaliação.

O desenvolvimento das perguntas pode ser uma das partes mais difíceis da avaliação. Na maior parte das vezes os membros das equipes tendem a formular perguntas que, na realidade, não podem responder. Completar as perguntas de avaliação implica examinar problemáticas

de gênero e sociais no contexto do projeto, o que pode despertar suscetibilidades entre os membros da equipe. Também podem vir à tona diferentes idéias, pressupostos e percepções de prioridades com relação à iniciativa ou projeto, o que pode gerar controvérsia. Em alguns casos, a equipe termina formulando perguntas vagas ou aceitam as perguntas da pessoa com mais experiência ou autoridade. A experiência nos mostra que o melhor para a equipe é buscar métodos de participação ou formas de facilitar a discussão para chegar à formulação das perguntas de avaliação.

Lembre-se da importância de se referir sempre às problemáticas de gênero e TIC identificadas na **FASE 1 PASSO 2 ATIVIDADE 2.2**. Considere-as ao formular as perguntas de avaliação.

FASE 1 PASSO 3 ATIVIDADE 3 COMO SE FAMILIARIZAR COM AS PERGUNTAS DE AVALIAÇÃO

Estude os seguintes exemplos para ter uma idéia de como desenvolver perguntas de avaliação a partir de problemáticas de gênero e TIC.



As perguntas de
avaliação estabelecem
a direção de um processo
de avaliação



Exemplo 1 Uma rede de informação de mulheres por Modemmujer

Para Modemmujer, completar seu plano de avaliação foi um longo processo. A equipe de avaliação foi orientada pela coordenadora regional de GEM, com quem se comunicavam regularmente por correio eletrônico e que as visitou duas vezes durante esse período. A equipe se reunia uma vez por semana para estudar documentos e a ferramenta GEM, discutir os conceitos e idéias principais e o marco desejado para a avaliação. Uma oficina de dois dias sobre avaliações com perspectiva de gênero ajudou a estabelecer os objetivos principais. Finalmente, depois de dois meses chegaram às perguntas de avaliação, aos objetivos de gênero específicos, indicadores e metodologias.

Problemática de gênero e TIC: A avaliação procurou mostrar de que maneira o uso estratégico de TIC pode favorecer a

promoção dos direitos da mulher e o empoderamento das mulheres em seu contexto.

Pergunta de avaliação: A equipe desejava conhecer de que maneira e em que medida o seu trabalho influía em suas assinantes e propiciava mudanças em suas abordagem nas questões de gênero e no uso de TIC.

 Os serviços de informações e comunicações contribuíram para o empoderamento das assinantes, para sua sensibilização sobre questões de gênero e para seu uso estratégico de TIC?

(O resumo completo pode ser lido em <http://www.apcwomen.org/gem/practitioners/reports.shtml> ou no CD que acompanha este manual.)

Exemplo 2: Um projeto de capacitação para o trabalho por ZaMirNet

ZaMirNet é uma organização não governamental que utiliza TIC para reorganizar e distribuir informação relevante para o desenvolvimento da sociedade civil na Croácia. Seu projeto de Capacitação para o Trabalho ou Procura de Emprego, realizado entre fevereiro de 2003 e maio de 2004, teve como objetivo melhorar as possibilidades de emprego das residentes em duas comunidades carentes do pós-guerra na Croácia. Estava dirigido a pessoas que procuravam emprego pela primeira vez, desempregadas e pessoas com trabalho precário, com especial atenção aos jovens, aos veteranos de guerra e às mulheres. O programa de capacitação consistiu em quatro cursos e foi uma combinação de oficinas presenciais, capacitação pela internet, mentores individuais e apoio de parceiros.

ZaMirNet utilizou a GEM para avaliar a efetividade da capacitação quanto a habilidades e conhecimento adquirido, bem como o impacto sobre a autoconfiança dos participantes para aproveitar as oportunidades disponíveis no mercado de trabalho. Além disso, os resultados da avaliação foram utilizados para melhorar o pacote educativo oferecido por ZaMirNet e foram compartilhados com outras organizações e instituições.

Objetivo Geral de Avaliação

Estimar o impacto da Capacitação para a Procura de Trabalho no aumento das habilidades e conhecimentos dos participantes para planejar uma carreira.

Objetivo específico de gênero: Estimar em que medida a capacitação modificou o sentido de auto-estima das mulheres e homens que participaram.

Questões de gênero e TIC tratadas na avaliação

👉 Existe uma resposta menor à capacitação anterior em TIC entre as mulheres de mais de 40 anos.

👉 Como envolver de forma mais eficaz essas mulheres no projeto?

👉 As TICs afetam de maneira diferente mulheres e homens, devido a diferenças de gênero nos papéis e restrições pessoais, culturais e sociais. Existem diferenças de gênero no uso das TICs para o desenvolvimento profissional e no trabalho.

Perguntas para a avaliação

IMPACTOS DO PROJETO

👉 Que progresso na procura e planejamento de trabalho mostrou cada participante durante e após o curso? (separado por sexo).

👉 Quais as novas capacidades adquiridas pelas mulheres e homens que participaram?

👉 A capacitação mudou a auto-estima de mulheres e homens?

(O resumo completo pode ser lido em <http://www.apcwomen.or.g/gem/practitioners/reports.shtm> ou no CD que acompanha este manual.)

EFETIVIDADE E SENSIBILIDADE DO PROJETO

👉 Qual foi a efetividade dos conteúdos do curso e de sua metodologia para incrementar a auto-estima das mulheres e homens participantes?

👉 Qual é o nível de sensibilidade que demonstram os conteúdos do curso e sua metodologia para com o contexto local específico, bem como às restrições pessoais, culturais e sociais que influem sobre o desenvolvimento relacionado ao trabalho, nos contextos locais específicos (por exemplo, questões de gênero tais como a falta de apoio familiar e a carga de afazeres domésticos e criação dos filhos que as mulheres devem enfrentar)?

NECESSIDADES E BARREIRAS ESPECÍFICAS DAS MULHERES DE MAIS DE 40 ANOS

👉 Quais as barreiras relativas a gênero enfrentadas pelas mulheres jovens e pelas mulheres de mais de 40 anos, em comparação com os homens participantes, durante e depois do curso? As pessoas próximas (familiares, colegas, amizades, etc.) apóiam seu esforço para encontrar trabalho?

👉 Com que propósito os homens e as mulheres (divididos por sexo) utilizaram TIC durante a Capacitação para a Procura de Trabalho?

Depois de revisar os exemplos, desenvolva suas próprias perguntas de avaliação, utilizando a seguinte ficha de trabalho.



FASE 1 PASSO 3 FICHA DE TRABALHO 3 GERANDO PERGUNTAS:

 Como facilitadora ou líder, organize uma sessão com sua equipe para desenvolver, mediante uma “tempestade de idéias”, suas perguntas de avaliação. Lembre-se que elas devem se referir às problemáticas de gênero e TIC identificadas no **PASSO 2**.

 Peça a cada membro da sua equipe de avaliação que faça uma lista de 5 a 10 coisas que gostaria de saber sobre o projeto (você pode decidir a quantidade de perguntas que cada membro pode fazer, de acordo com a quantidade total de perguntas que deseje). Para ajudar, peça

a cada integrante que responda à seguinte pergunta: O que você gostaria de saber sobre as problemáticas de gênero do nosso projeto?

 Divida sua equipe de avaliação em três grupos e peça que combinem suas listas para fazer apenas uma lista de 5 a 10 coisas que o grupo queira saber. Cada grupo deverá estabelecer suas prioridades.

 Por último, toda a equipe de avaliação torna a se reunir para fazer uma lista de 5 a 10 coisas que deseja saber. A partir dessa lista, a equipe pode desenvolver um conjunto de perguntas, e sobre essas é que a avaliação se concentrará.

Conselho: Focalizar uma avaliação implica abordar algumas preocupações básicas, refletidas nas seguintes perguntas:

-  Qual é o objetivo da avaliação?
-  Como vai ser usada a informação?
-  Depois da avaliação, o que vamos saber que não sabemos agora?

Mais perguntas que ajudarão a equipe

Planejamento do projeto

 Considerou-se a igualdade de gênero e o empoderamento da mulher, ao serem articuladas as metas do projeto?

 O que se disse sobre a utilização de TIC no projeto?

 Entre as protagonistas, houve uma compreensão comum das metas de gênero do projeto?

Implementação das atividades do projeto

 Como se deu a divisão do trabalho entre homens e mulheres e dentro de

cada grupo, segundo seu sexo (por exemplo, mulheres jovens e mulheres mais velhas), durante o processo de implementação do projeto?

Participação e experiência

 Qual foi o nível de participação de mulheres e homens nas atividades do projeto?

 Qual foi a natureza da participação de mulheres e homens nas atividades do projeto?

 Mulheres e homens participaram igualmente na tomada de decisões?

 Como foi a experiência de trabalhar com mulheres e homens na capacitação para o manejo de TIC?

 Como foi a experiência de trabalhar só com mulheres?

Eficácia do projeto

EFICÁCIA DOS SISTEMAS E FERRAMENTAS DE INFORMAÇÃO

 Qual foi o propósito declarado dos sistemas e ferramentas de informação criadas para a iniciativa de TIC?

 Como mulheres e homens experimentaram sua eficácia?

Trabalho em redes e associações

 De que maneira a tecnologia facilitou a criação e a manutenção de redes?

Mudança

 De que maneira a experiência de usar TIC mudou a idéia que mulheres e homens tinham de TICs?

 Como as usariam de maneira diferente no futuro?

 A capacitação no uso de TIC mudou a sensação de confiança em si mesmos e o empoderamento das mulheres e dos homens?

FASE 1 PASSO 4 ESTABELECEER INDICADORES DE GÊNERO E TIC

Resultados esperados

O que são indicadores?

O que são indicadores sensíveis a gênero?

O que são indicadores quantitativos?

O que são indicadores qualitativos?

Qual é a diferença entre indicadores quantitativos e qualitativos?

Como elaborar indicadores

Tipos de indicadores e atribuições

Atividade 4 Elaborar um questionário

Critérios para a seleção de indicadores

Ficha de trabalho 4 Como criar indicadores de gênero

Resultados esperados

Elaborar um conjunto de indicadores de gênero e de TIC para guiar o processo de levantamento da informação.

Depois de esclarecer as problemáticas chave, os objetivos e as perguntas de

avaliação de gênero e TIC, o passo seguinte consiste em selecionar e adaptar ferramentas para levantar informação sobre esses temas. Os indicadores são um mecanismo para conseguir isso.



O que são indicadores?

Os indicadores são padrões utilizados para medir os ganhos de um projeto. São índices, cifras, fatos, opiniões ou percepções que revisam e medem mudanças de condições ou situações específicas. Os indicadores podem ser quantitativos - medidas de quantidade, como o número de usuárias mulheres em um telecentro, ou qualitativos - idéia ou percepção popular sobre um tema como a confiança que tiveram as usuárias do telecentro em utilizar as habilidades obtidas, para ter melhores possibilidades de emprego.

Os indicadores também permitem examinar de perto os resultados das iniciativas e das ações. São ferramentas úteis para avaliar onde estamos e para onde vamos, em relação a valores e metas, bem como avaliar programas específicos e determinar seu impacto. (Guia de indicadores de gênero 5)

Nas metodologias tradicionais de planejamento e avaliação, os indicadores são definidos como "medidas específicas (explícitas) e objetivamente verificáveis das mudanças ou resultados conseguidos através de uma atividade" (IFAD 1985/37). O critério geralmente aceito diz que um indicador é bom quando é: específico, mensurável, atingível, realista e limitado a uma determinada unidade de tempo. Normalmente os indicadores estão definidos ou determinados segundo os objetivos de um projeto. Entretanto, na realidade, o efeito de um projeto muda de comunidade para comunidade, ou certas mudanças no meio em que se insere podem determinar modificações nos projetos. Os indicadores podem então ser polidos/ajustados/refinados, uma vez iniciado o projeto.

O que são indicadores sensíveis a gênero?

Os indicadores sensíveis a gênero, como sugere o termo, são indicadores que rastreiam mudanças relacionadas com gênero através do tempo. Seu valor é medir de que forma se vai conseguindo a igualdade/equidade de gênero através de vários caminhos.

Os indicadores de gênero levam em consideração os papéis de gênero e apontam as mudanças no status e papel do homem e da mulher através do tempo. Permitem ver em que grau um projeto afeta os papéis de gênero e de que maneira confirma ou descuida a discriminação de gênero. Os indicadores de gênero deveriam ser elaborados a partir da identificação da problemática de gênero surgida dentro do contexto específico de um projeto ou atividade. Muitos indicadores que consideram a problemática de gênero, tal como o índice de empoderamento de gênero, o índice de desenvolvimento humano e os índices de desenvolvimento com perspectiva de gênero, são ferramentas úteis para rastrear a igualdade/equidade entre gêneros. Muitos desses indicadores estão baseados em modelos analíticos de gênero, que surgiram de uma análise feminista da sociedade, das relações que se dão em seu seio e do desenvolvimento. Por outro lado, um crescente número de especialistas em gênero crê que os indicadores, por si só, são insuficientes para refletir e expressar a experiência da mulher, especialmente em áreas como o empoderamento ou a participação das mulheres. Argumentam que os gestores de políticas necessitam prestar mais atenção à experiência das mulheres, a respeito de quê os indicadores apenas podem servir como orientação.

Apesar de suas diferenças, a pergunta chave que estes modelos e indicadores tentam responder, ao medir o impacto de qualquer iniciativa, é: "Muda nossa maneira de viver? No fundo, o que realmente queremos saber é se a iniciativa contribuiu para mudar nossas vidas ou se estamos no mesmo ponto em que começamos. Reproduz as desigualdades e iniquidades? (Guia aos Indicadores de gênero 5)

O que são indicadores quantitativos?

Os indicadores quantitativos se definem como medidas de quantidade, por exemplo, o número de usuárias mulheres de um telecentro ou a quantidade de mulheres capacitadas em computação ou o número de mulheres que têm acesso à internet em comparação com os homens.

Damos, a seguir, dois exemplos de indicadores quantitativos utilizados por usuárias do GEM: Women Mayors' Link and Women of Uganda Network (WOUGNET).

Women Mayors' Link, uma rede de mulheres prefeitas na região do Pacto de Estabilidade.

Indicadores quantitativos

 Quantidade de prefeitas que desenvolveram estratégias de TIC que foram utilizadas em suas atividades.

 Quantidade de municípios com sítios na web.

 Frequência com que as prefeitas utilizam o correio eletrônico ou a internet.

 Quantidade de prefeitas que têm acesso pelo menos ao correio eletrônico, utilizando-o como ferramenta para se comunicar.

 Quantidade de prefeitas que têm tecnologias necessárias como telefones, fax,

computadores, conexão internet, copiadoras, utilizando-as em seu trabalho.

 Quantidade de prefeitas capacitadas no uso de TIC.

 Quantidade de prefeitas que manejam o idioma inglês (escrito ou falado).

 Quantidade de prefeitas que participaram da lista eletrônica de discussão.

 Quantidade de prefeitas que iniciaram estratégias para o uso de TIC no município.

WOUGNET, uma ONG de organizações de mulheres, na Uganda, que trabalha no uso de TIC por mulheres como ferramenta para compartilhar informação e abordar temas da mulher de forma conjunta.

Indicadores de gênero e TIC

 Mudanças de política em problemáticas que são temas de militância. Por exemplo, TIC, gênero e outros.

 Coalizões formadas como resultados do trabalho em rede.

 Quantidade de mulheres que escrevem no fórum de discussão.

👉 Quantidade de ações militantes realizadas pelas organizações de mulheres, como manifestações ou debates pela internet.

👉 Consciência crescente do projeto.

👉 Crescente trabalho em rede das organizações de mulheres em Uganda.

👉 Quantidade de oportunidades que as organizações membros obtêm pelo trabalho em rede, como capacitação, equipamento, financiamento.

O que são indicadores qualitativos?

Os indicadores qualitativos podem ser definidos como a opinião e a percepção das pessoas sobre um determinado tema, tal como o grau de confiança em si mesmo experimentado por quem conta com conhecimentos de computação como ferramenta para conseguir um trabalho melhor, ou um acesso à internet que lhes permita melhores oportunidades de

comercialização e venda. Os indicadores qualitativos de gênero compreendem o levantamento de dados das percepções das mulheres sobre o impacto de um projeto, para descobrir como uma intervenção mudou as condições de igualdade de gênero. (Guia aos indicadores de gênero 9)

Como exemplo podemos ver os indicadores qualitativos de ZaMirNET.

ZaMirNET é uma ONG que utiliza TIC para criar e fornecer informação relevante para o desenvolvimento da sociedade civil na Croácia. A iniciativa específica avaliada por ZaMirNET foi uma oficina de capacitação para o trabalho para homens e mulheres de diferentes idades. Em seguida apresentamos um extrato de seu relatório, que mostra como obtiveram e avaliaram a informação sobre mudanças qualitativas.

Em busca de informação qualitativa

Plano de trabalho pessoal

No início do curso foi pedido a cada participante que elaborasse um plano de desenvolvimento de trabalho pessoal. Esses planos foram depois revisados como parte da capacitação. Três meses depois de terminado o curso, foi realizado um acompanhamento com base na versão final do plano de desenvolvimento pessoal. Os planos de trabalho foram utilizados durante a capacitação e também como ferramenta de avaliação. As reflexões dos participantes sobre as mudanças em seus planos pessoais, bem como os passos concretos quanto a iniciativas e estratégias na procura de trabalho, no planejamento de uma carreira e no desenvolvimento

profissional (que foram informados em grupos de discussão e por escrito três meses depois de concluído o curso) serviram como os indicadores mais precisos dos resultados, do impacto e da utilidade da capacitação.

Os planos de trabalho pessoais foram desenvolvidos como um componente da capacitação on line no sítio web (ir a www.ZaMirNET.hr/vodic e abrir o acesso a visitas; não há tradução). Cada participante recebia uma conta pessoal e uma senha para ter acesso aos componentes on line. O uso de TIC permitiu que os participantes refletissem sobre seu desenvolvimento e mudanças em suas atitudes. Com a ajuda de uma

consultora pessoal, os participantes planejaram seu desenvolvimento e conquistas profissionais, para os próximos dez anos. Os planos de trabalho contemplavam as seguintes áreas:

👉 Características e interesses pessoais

👉 Habilidades pessoais

👉 Nível educacional

👉 Determine uma meta de longo prazo (5 anos) em relação a atividades e desenvolvimento profissional, na procura de trabalho.

👉 Planos de desenvolvimento profissional e de procura de trabalho para o próximo ano, os próximos três anos e os próximos cinco anos.

Auto-avaliação dos participantes

Os participantes avaliaram o impacto e a eficácia do curso por meio de um questionário de auto-avaliação distribuído antes e um mês depois da capacitação. Além de avaliar as mudanças de atitude, auto-estima e a relevância das habilidades e conhecimentos adquiridos, a auto-avaliação considerava as limitações pessoais e sociais encontradas pelos participantes durante o curso. Também indagava sobre as situações que afetaram suas atividades na procura de trabalho.

As respostas, tanto ao questionário prévio como ao posterior, foram quase as mesmas, salvo pela sessão de devolução no final. A comparação das respostas permitiu que a equipe de avaliação fizesse um acompanhamento das mudanças nas atitudes e capacidades dos participantes e o impacto do curso.

Sessão de auto-avaliação:

👉 Avaliação de habilidades para a procura de trabalho

👉 Avaliação de atitudes e expectativas de desenvolvimento profissional do

👉 entorno (ex: apoio da família, a casa, amigos, colegas, etc.)

👉 avaliação de auto-estima e disposição para procurar trabalho

👉 opinião do ou da participante sobre o impacto do curso e sobre a eficácia de seus conteúdos e metodologia (só no questionário posterior)

Como as mulheres e homens se beneficiaram do programa de procura de trabalho?

👉 As impressões gerais sobre o curso foram de “bom” a “muito bom”, interessante e uma novidade para as mulheres, e útil e interessante para os homens.

👉 Todos opinaram que o curso deveria ter uma duração maior.

👉 Para as mulheres, o melhor do curso foi a interação entre participantes e as entrevistas. Para os homens, o melhor foi a parte on line.

👉 Para as pessoas mais velhas, o melhor da capacitação foi recobrar a auto-estima e combater a depressão.

👉 Os materiais do curso foram avaliados como muito úteis mas demasiado abundantes, o que exigia muito tempo de aprendizado pessoal entre uma oficina

e outra, sendo um desafio para os participantes. A sugestão foi reduzir a quantidade de materiais e agrupá-los em três módulos em vez de quatro.

 Trabalho em grupos: as mulheres e homens jovens expressaram satisfação com o trabalho em grupos (reúnem-se regularmente, mesmo sem intenção, pois a comunidade é pequena).

 No entanto mulheres de mais de 40 anos disseram que raramente se reúnem. Os benefícios do grupo foram o apoio mútuo e compartilhar experiências.

 As mulheres jovens disseram que trabalhar em grupo foi divertido, enquanto que as mulheres de mais de 40 gostaram da oportunidade de falar com outras pessoas. Os homens valorizaram o fato de compartilhar informação.

 Como resultado da capacitação, as mulheres jovens se interessaram em iniciar seus próprios empreendimentos, fundar organizações sem fins lucrativos e seguir estudos formais e cursos adicionais de TIC.

 As mulheres de mais de 40 não fizeram nada de especial. Uma delas conseguiu emprego e gosta do trabalho porque é criativo, estimulante e usa TIC.

 As mudanças de atitudes estiveram relacionadas com uma maior flexibilidade para postular um trabalho. Antes do curso a maioria dos participantes não pensava em se apresentar a um posto que não fosse condizente com suas qualificações profissionais. Depois do curso, os participantes mostraram novos e variados interesses, como a proteção do meio ambiente, a agricultura orgânica e o turismo.

 O efeito mais significativo da capacitação foi notado na área da auto-estima, tanto para algumas mulheres jovens como para pessoas mais velhas. Também foi atribuída à capacitação a aquisição de habilidades tais como a forma de se apresentar para uma entrevista. Algumas participantes manifestaram que o curso havia influenciado em sua atitude na vida porque lhes havia ampliado as perspectivas.

Qual é a diferença entre indicadores quantitativos e qualitativos?

A crença generalizada é a de que os indicadores quantitativos são medições de fatos e dados concretos, cruamente, e números rígidos e frios, cuja validade, veracidade e objetividade são inquestionáveis. Os indicadores quantitativos também são considerados como “objetivos e verificáveis”, pois indicam, por exemplo, o número de computadores em um determinado local de trabalho, o número de aparelhos telefônicos em uma determinada comunidade ou a quantidade e frequência de oficinas de capacitação relacionadas com computação e internet. Os indicadores

quantitativos se ocupam de resultados, sendo mais fáceis de definir e procurar.

Por outro lado, os indicadores qualitativos são percebidos como subjetivos, pouco confiáveis e difíceis de serem verificados. Custa mais defini-los, visto que assinalam “o porquê” das situações e dos contextos das decisões, ações e percepções das pessoas. No entanto, os indicadores qualitativos são valiosos para o processo de avaliação porque as iniciativas e projetos têm a ver com a análise das mudanças produzidas na vida comunitária. Os indicadores qualitativos procuram medir o impacto de uma iniciativa ou de um projeto e, portanto, são utilizados para avaliar seus efeitos e benefícios de longo

prazo. Concentram-se na experiência das pessoas e, numa perspectiva de gênero analítico-feminista, são particularmente úteis e importantes para compreender a experiência e as percepções das mulheres com relação ao desenvolvimento e ao empoderamento. Por exemplo, a quantidade de mulheres usuárias dos telecentros é um dado mais significativo no caso da informação que acessam e dos contatos que fazem pela internet contribuírem para seu sentido de independência e empoderamento.

Desenvolvidos e interpretados de maneira adequada os indicadores qualitativos podem desempenhar, ademais, um papel significativo na identificação de limitações de implementação e de obstáculos que nem sempre são óbvios.

A maioria dos modelos de supervisão e avaliação de projetos considera no mesmo nível de importância o registro dos seus resultados e sua qualidade, bem como a medição do impacto dos referidos resultados. A natureza política do uso dos indicadores deve ser levada em conta especialmente em relação aos indicadores qualitativos, já que se costuma afirmar que tais indicadores são 'subjetivos' ou pouco confiáveis, portanto de menor valor. Existem técnicas confiáveis, como as enquetes, que podem garantir a confiabilidade e validade dos indicadores qualitativos. (A **FASE 2** trata desses métodos mais detalhadamente.)

Um princípio importante a ser considerado é que o uso dos indicadores qualitativos pode desempenhar um papel de grande importância na promoção e compreensão dos pontos de vista das partes envolvidas, especialmente aqueles relacionados com a mulher, e que, portanto, fomentam a participação. Desenvolver indicadores de gênero de maneira participativa implica centrar-se na inclusão dos próprios indicadores de desenvolvimento das pessoas. (Guia dos indicadores de gênero, p. 6, 11)

Algo mais sobre indicadores qualitativos

Em um estudo de trabalhos em rede, os autores explicam a subjetividade dos indicadores qualitativos: "Para as redes e organizações que trabalham em rede é importante identificar indicadores que possam medir as mudanças qualitativas da mesma forma que as quantitativas. Ao mesmo tempo devem ser reconsideradas as noções do que é objetivo e o que é subjetivo, no que se refere aos indicadores. Em processos de avaliação tradicionais os indicadores devem ser 'objetivos e verificáveis'. Na prática, a maior parte dos indicadores implica e encerra em si mesmo um elemento subjetivo. Por exemplo, 'uma maior produção de arroz' pode parecer um indicador objetivo, mas pode estar baseado em uma apreciação subjetiva de que tal aumento é positivo por si só, sem considerar a maneira em que afeta o meio ambiente ou os diferentes membros da comunidade agrária. Os indicadores de transformação social costumam estar baseados em critérios subjetivos de igualdade e de justiça. E assim deve ser. O importante é que esses critérios sejam claros.

"Atualmente, existem ações destinadas a desenvolver indicadores qualitativos do impacto – tangível e intangível – que as atividades têm sobre as pessoas e a sociedade. Para que todos possamos compreender o que é que se está medindo, realiza-se um trabalho destinado a desenvolver indicadores de mudança política e social, autonomia e fortalecimento e, ao mesmo tempo, para estabelecer critérios e normas de indicadores 'subjetivos', tais como desenvolvimento social e empoderamento. Cada rede ou organização deve identificar seus próprios indicadores, no entanto, os exemplos a seguir, pertencentes a iniciativas anteriores, podem ajudar." [Karl, 63]

Como elaborar indicadores

Obviamente, não existe um conjunto de indicadores universais. Os usuários devem criar e adaptar os indicadores aos propósitos de sua avaliação. Para uma avaliação geral do projeto, os indicadores deverão ser estabelecidos durante a fase de

planejamento do projeto, vinculados com seus objetivos. Também é importante considerar como serão monitorados os indicadores durante a avaliação. A equipe de avaliação pode, então, priorizar aqueles indicadores que sejam relevantes, com base nos objetivos e no uso projetado da avaliação.

Alguns critérios a serem levados em conta ao serem estabelecidos os indicadores

Os seguintes critérios serão úteis para estimular o processo de desenvolvimento de indicadores, tanto quantitativos como qualitativos. Alguns são princípios que adaptamos a partir de modelos gerais de supervisão e avaliação, enquanto os demais foram extraídos da prática e da experiência de trabalho com TIC.

OS INDICADORES ESTÃO VINCULADOS AOS OBJETIVOS

As TICs são utilizadas em diversas iniciativas, tais como trabalho em rede, capacitação e militância. Portanto os indicadores de TIC devem estar vinculados aos objetivos e fins de uma organização, atividade ou projeto. Os objetivos podem ser de curto ou longo prazo. Por exemplo, uma campanha de informação pode ter como objetivo de curto prazo a utilização de ferramentas eletrônicas para ampliar sua área de influência e para aumentar a participação em uma determinada atividade. Neste caso, os indicadores poderiam ser o número de indivíduos ou grupos que participaram em listas de correio ou debates eletrônicos, ou a quantidade de contribuições de participantes, inclusive com a extensão geográfica da participação.

Por outro lado os indicadores para projetos de educação informática, que objetivam capacitar jovens para que possam conseguir melhores empregos, necessitarão avaliar o impacto mais amplo, no longo prazo, no que se refere à criação de empregos, os tipos de empregos disponíveis, o número de rapazes e moças nesses cursos, as mudanças na situação

econômica dos e das jovens que se incorporam a esses programas, e o aparecimento de novas oportunidades de emprego.

Como se pode ver, alguns desses indicadores são quantitativos e mais fáceis de identificar, enquanto que outros são qualitativos.

OS INDICADORES MUDAM DURANTE O PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO

É apropriado definir os indicadores no princípio da iniciativa ou do projeto. Isso facilitará o acompanhamento dos progressos e a avaliação dos resultados e impacto de nossos projetos. No entanto, é importante recordar que os indicadores podem mudar durante o processo de implementação do projeto. Podem surgir indicadores que não tínhamos identificado no princípio ou acentuar-se alguns que não havíamos considerado.

OS INDICADORES REFLETEM REALIDADES E EXPERIÊNCIAS ESPECÍFICAS

Os indicadores são determinados com base na realidade e experiências específicas das partes integrantes de uma iniciativa ou projeto. Os resultados ou

temas críticos, identificados durante a avaliação, devem refletir as realidades das comunidades; a análise deverá ser articulada com a comunidade.

É importante reconhecer a realidade das mulheres quando se trata de julgar o desempenho das pessoas em projetos ou iniciativas. Por exemplo, deve-se reconhecer que há muitos fatores, entre eles fatores pessoais, que afetam o trabalho das mulheres em projetos e iniciativas. Se o marco da avaliação aponta para saber de que maneira o uso das TICs muda as condições de vida, então a documentação deverá ser feita de maneira que respeite a integridade de todo o processo. Deve-se prestar muita atenção às traduções ou interpretações para que as histórias das comunidades fiquem registradas de maneira completa.

A TECNOLOGIA NÃO É NEUTRA EM MATÉRIA DE GÊNERO

Quando consideramos indicadores relacionados com a tecnologia, devemos ter em mente que ela, em uma perspectiva de gênero, não é neutra em seu desenho, acesso ou utilização. Um dos elementos básicos de nosso marco da GEM afirma que as desigualdades entre os gêneros se refletem no desenvolvimento do acesso à TIC e em sua utilização.

Embora as TICs possam ser utilizadas como ferramentas de transformação para modificar as relações de poder entre homens e mulheres, também podem manter a condição injusta das mulheres no âmbito doméstico ou do trabalho. Ou, pior ainda, podem exacerbar a situação presente. Por esse motivo, há uma grande quantidade de pesquisas, provenientes do movimento feminista, que analisam o impacto das TICs nas mulheres que atualmente podem trabalhar em suas casas e, ao mesmo tempo, assumir o trabalho doméstico adicional. Isso nada mais faz senão repetir os papéis de gênero em casa e inclusive acrescenta mais carga aos múltiplos papéis da mulher.

Os indicadores devem permitir verificar se as TICs contribuem para fortalecer ou marginalizar as mulheres, e se as TIC reproduzem ou modificam os papéis de gênero. Devemos também levar em conta as consequências não intencionais de nossos projetos ou iniciativas, com consciência de que as TICs também têm impacto sobre as mulheres sem acesso a elas. Por exemplo, em um povoado determinado, as mulheres artesãs puderam comercializar de melhor maneira seus produtos, porque tinham conexão à internet. A consequência indireta disso foi que as que não tinham internet ficaram mais marginalizadas.

Fonte: Guia dos indicadores de gênero 21

Exemplos de indicadores

Em seguida, aparecem diferentes exemplos de indicadores quantitativos e qualitativos, que mostram as múltiplas maneiras de formular indicadores sensíveis a gênero.

EXEMPLO 1

Comparadas com outras tecnologias mais mulheres participam no uso de TICs.

Contudo as mulheres são mais ativas nos aspectos de informação e comunicação (IC) que no de tecnologia. Isso é reflexo

das concepções de condutas tradicionais atribuídas ao homem e à mulher.

EXEMPLO 2

Várias problemáticas giram em torno do acesso às TICs. As mulheres têm acesso às TICs como provedoras de informação. Algumas têm acesso à capacitação e à assistência, seja como formadoras ou receptoras de capacitação. Mas é verdade que as mulheres têm menos acesso ao aspecto técnico das TICs, o que faz com que, em algum ponto, se encontrem com um gargalo. Portanto, o número de usuárias de internet não basta para determinar de que maneira as mulheres atuam como usuárias de TIC. Uma ferramenta de avaliação

do uso de TIC necessita considerar as diversas problemáticas da mulher como usuária, provedora de informação, capacitadora e técnica.

EXEMPLO 3

Medição do impacto diferencial. Um projeto de TIC pode ser avaliado a partir de uma perspectiva de gênero, inclusive se esse projeto não foi desenhado para ser aplicado a temas de gênero. Por exemplo, um projeto que fornece computadores a alunos de uma escola e não trabalha questões de gênero, pode ser avaliado de uma perspectiva de gênero ao analisar de que maneira o projeto beneficia meninos e meninas.

Problemáticas do acesso universal

O acesso à infra-estrutura e às habilidades básicas em TIC continuam sendo as mais comuns problemáticas de gênero e TIC identificadas por nossos consultores de GEM. Os países em desenvolvimento da África, Ásia e América Latina, incluindo grupos marginalizados da Europa Oriental Central, possuem um menor acesso a TIC. Além dessa brecha digital mundial, as mulheres estão em desvantagem por outros fatores sociais, como as mães solteiras, as incapacitadas, as idosas, as mulheres rurais, as desempregadas ou aquelas pertencentes a grupos de baixa renda, refugiadas e de minorias étnicas.

Apesar das resoluções que dizem que o acesso universal é uma prioridade nas políticas nacionais relacionadas com as TICs, na maioria dos países onde foi experimentada a GEM, a boa prática no uso estratégico de TIC para o empoderamento das mulheres e para a

igualdade de gênero cobra ainda mais importância por causa da situação socioeconômica de uma pessoa. O indicador quantitativo de acesso básico é o número de mulheres e homens que têm acesso a computadores, telefones e internet. Os fatores que afetam o acesso são geralmente a presença ou ausência de infra-estrutura de telecomunicações e internet. No entanto, como demonstra nossa experiência, os indicadores quantitativos de acesso são apenas um ponto de partida. Os indicadores mais significativos costumam ser os de natureza qualitativa, que incluem a qualidade do acesso à informação útil e relevante para as mulheres. Isso também inclui informação para mulheres analfabetas, em formato e linguagem adequados. Outros indicadores de importância são aqueles que revelam até que ponto as mulheres têm controle e poder sobre os recursos e o conhecimento.

Tipos de indicadores e atribuição

Existem muitos tipos de indicadores que podem ser utilizados, dependendo da natureza do projeto. Em seguida, descrevem-se indicadores que foram identificados na pesquisa e que posteriormente foram desenvolvidos através de vários exercícios de avaliação piloto da GEM.

Mas, antes de prosseguir, alguns conselhos sobre indicadores e atribuições. Já mencionamos como os indicadores podem ser ferramentas úteis para avaliar onde estamos e para onde vamos, com relação a valores e metas, ou para avaliar determinados programas e medir seu impacto. Até aqui tudo bem, mas não queremos criar um problema com as atribuições, isto é, até onde atribuímos um vínculo causal entre uma mudança observada (ou que se espera observar) e uma intervenção. Consideramos que identificar e medir efeitos positivos, unicamente como resultado direto de uma iniciativa, pode limitar o que aprendemos de uma avaliação.

As mudanças no entorno ou na situação de uma comunidade acontecem por uma confluência de fatores nos quais as intervenções influem. Quando identificamos indicadores não tentamos isolar fatores chave que tenham sido causa de resultados desejados e atribuí-los a uma iniciativa ou a um conjunto de atividades em particular. Pelo contrário, o que queremos é situar os diversos indicadores dentro do contexto de nossos projetos e entender como interagem com os diversos fatores e atores da comunidade.

INDICADORES DE ACESSO

Ter acesso significa ter os meios e a oportunidade de aceder à tecnologia, à informação e ao conhecimento. Este acesso é afetado por fatores de raça, classe, gênero ou questões sociais.

INDICADORES DE TRABALHO EM REDE

Uma das vantagens mais importantes das TICs é seu potencial para fortalecer e expandir os enlaces, redes e iniciativas de rede. Os movimentos sociais, inclusive o movimento de

mulheres, utilizam diversas ferramentas de TIC para ampliar seus vínculos e conexões, além de sua zona de influência física e geográfica. Vários dos primeiros estudos sobre o uso do correio eletrônico e da internet têm mostrado que as mulheres usam a tecnologia para trabalhar entre elas, em rede. Embora não seja fácil considerar isoladamente o impacto do trabalho em rede, um indicador útil para medir o êxito desse trabalho poderia ser considerar de que maneira as TICs contribuem para vincular mulheres e grupos com interesses similares, que, de outra maneira, não entrariam em contato, ou de que maneira as TICs servem para relacionar redes de indivíduos ou grupos com a finalidade de promover e apoiar suas respectivas ações. Denise Gray-Felder e James Deane observaram:

“Um momento crucial em todo processo de mudança é aquele no qual diferentes grupos formam alianças com um objetivo comum, dentro de um marco de coordenação flexível. Cada grupo desenvolve seu próprio trabalho, mas consciente de que esse trabalho contribui para uma iniciativa mais ampla. Portanto, as atividades que vinculam as pessoas e contribuem para a criação de alianças podem ser interpretadas como instrumentos positivos de mudança”.

O PARM da APC é um exemplo de rede internacional de mulheres que utiliza amplamente as TICs para trabalhar em rede com seus sócios e membros. Não conta com uma sede física mas coordena a maior parte de suas tarefas em espaços de trabalho on line e mediante consultas e reuniões on line.

INDICADORES DE ATIVISMO

Em um sentido amplo, o ativismo se define como o processo de propiciar mudanças. Muitas campanhas estão dirigidas a gerar mudanças nas políticas de governos, instituições e outros âmbitos geradores de políticas. A maior parte dessas campanhas utilizam a TIC de maneira crescente, devido

a sua eficácia na comunicação e interação grupal. As organizações de mulheres se valem dessas ferramentas para seu trabalho de militância política, orientado a promover a justiça e a igualdade de gênero. Os resultados dessas campanhas – aconteçam as mudanças políticas ou não – são indicadores de seu êxito e, até certo ponto, da eficácia das TICs para a militância. Outros indicadores examinam as diferenças entre usar TIC e os métodos tradicionais (assembleias ou fóruns presenciais), comparando as discussões e ações geradas por campanhas que utilizam ambos os métodos.

**Ativismo
se define
como o
processo
de
propiciar
mudanças**



Avanços na promoção dos direitos das mulheres

O uso de TIC tem contribuído para o avanço de um conjunto de questões sobre a mulher, através de atividades de informação e campanhas de promoção. GEM foi a ferramenta escolhida para avaliar de que forma alguns projetos de centros de informação para mulheres utilizavam TIC. Esse foi o caso de ModemMujer no México, da Coalizão KARAT da Polônia, WOUNET da Uganda, e da Associação Rádios Comunitárias, da África e da América Latina. Todos esses projetos incluíam boletins eletrônicos, programas de rádio e listras eletrônicas de centros de informação para as mulheres. As organizações elaboraram e realizaram estudos entre seu público para medir a efetividade tanto de seus meios como de seus conteúdos e materiais. Para muitas delas GEM significou a primeira oportunidade de um intercâmbio sistemático com suas beneficiárias. De maneira geral os resultados das enquetes validaram seus projetos.

Por exemplo, o retorno proveniente de mulheres ativistas da Polônia informou a KARAT sobre a dificuldade de levantar

informação sobre os movimentos sociais representados na região. No entanto o boletim eletrônico de KARAT mostrou o contrário. Manteve as mulheres informadas a respeito das principais iniciativas e tendências da região, ajudou-as a conhecer novas experiências, fixar objetivos para suas atividades futuras, encontrar novas companheiras e compartilhar idéias para o desenvolvimento de suas ONGs. A maioria das mulheres ativistas, principalmente as de países candidatos à União Européia, também estão buscando informação sobre o processo de aumento dos membros na EU, que tem um impacto direto sobre a situação econômica e política de sua região.

Em todo o processo foi observada uma freqüente limitação: a necessidade de traduzir conteúdos para as línguas regionais mais importantes, ou para as línguas locais, pois muitas regiões não são lingüisticamente homogêneas. Isso converte a linguagem em um indicador importante para medir a acessibilidade da informação.

INDICADORES DE CAPACITAÇÃO

Cinco iniciativas de capacitação em TIC foram avaliadas com a utilização da metodologia GEM. Estas iniciativas variavam desde a capacitação básica para mulheres rurais na África do Sul à capacitação para o emprego na Croácia e o manejo de informação baseado na web e comércio eletrônico para organizações de mulheres na Ásia-Pacífico. Na maior parte dos casos essas oportunidades de capacitação foram positivas para as mulheres que participaram.

Os indicadores de níveis de empoderamento incluíram o fortalecimento da auto-estima, à medida que aprendiam a usar uma tecnologia de comunicações nova e mais avançada. Dessa maneira as TICs facilitaram o trabalho em rede, o que por sua vez permitiu uma maior participação na tomada de decisões e fortaleceu a democracia interna das organizações, melhorou a possibilidade de cada pessoa encontrar um emprego e deu às pessoas uma renovada confiança em si mesmas.

INDICADORES DE ORGANIZAÇÃO

O uso de TIC torna possível que todas as pessoas de uma organização recebam a mesma informação que, de outro modo, estaria ao alcance apenas da direção ou de certas seções da organização. O acesso à informação estratégica pode modificar o modo como o grupo ou os seus membros relacionam-se entre si para fomentar a democracia interna nas organizações. Sabe-se de várias instâncias nas quais o acesso produziu mudanças nas estruturas de poder de uma organização porque permitiu que as mulheres participassem ativamente no processo de tomada de decisões.

INDICADORES DE COMUNICAÇÃO DEMOCRÁTICA

As TICs são utilizadas cada vez mais como ingredientes necessários e eficazes das estratégias de comunicação.

O potencial destas novas tecnologias para a comunicação democrática e participativa, assim como para a abertura de novos espaços de comunicação, é vista como uma de suas principais contribuições à mudança e ao desenvolvimento social.

Um crescente corpo de práticas e conhecimentos sobre comunicações estratégicas e comunicações para o desenvolvimento tem propiciado métodos de medição do impacto de iniciativas e intervenções de comunicação que apóiam a promoção dos direitos e os processos mais amplos de desenvolvimento. Esses indicadores são úteis também para medir o impacto das TICs. Denise Gray-Felder e James Deane [21-22] apresentam alguns indicadores desenvolvidos neste campo:

 Maior debate e diálogo nos âmbitos público e privado

Talvez o uso mais difundido das TICs entre os movimentos sociais tenha sido aquele orientado a abrir espaços de debate e diálogo on line. Muitas mulheres reconhecem esses espaços como uma oportunidade de expressão e participação política. Em muitos casos, as mulheres encontram no anonimato que esse meio proporciona um espaço seguro para se expressarem. Devemos também considerar que os referidos espaços podem excluir e alienar as mulheres que não têm tanto preparo e que não falam os idiomas internacionais geralmente utilizados nesses debates. Os indicadores deveriam identificar os meios disponíveis que permitam a pessoas e comunidades contribuir com suas opiniões ao debate a ao diálogo na internet.

 Maior exatidão da informação que as mulheres aportam ao diálogo e ao debate

A qualidade, mais que o volume ou quantidade da informação gerada, é mais significativa como indicador. Isto se deve a que a noção subjacente sobre o uso de TIC

para trocar informação e comunicar-se diz que proporciona um meio para compartilhar conhecimentos e informação direta de quem os gera.

 Maior liderança e papel diretivo das mulheres nos temas que lhes dizem respeito

Embora a crescente participação da mulher em espaços de comunicação seja um indicador do uso positivo das TICs é ainda mais importante avaliar seu papel dentro desses espaços. Alguns dos indicadores podem ser o grau de participação nas decisões mais importantes relacionadas com a iniciativa, as tarefas que cumprem nela e a participação em eventos e atividades chaves. Revisar esses temas permitirá que os resultados da avaliação tragam à luz as problemáticas de gênero da iniciativa – um componente vital de toda intervenção.

FASE 1 PASSO 4 ATIVIDADE 4 ELABORAR UM QUESTIONÁRIO

Um questionário detalhado pode ajudar a definir indicadores. Selecione um indicador para o seu projeto. Depois de defini-lo, responda a todas as perguntas relacionadas a ele.

O exemplo a seguir utiliza a capacitação como indicador:

 Atividades: pergunte quem faz o quê e quando; analise detalhadamente os diversos papéis desempenhados por homens e mulheres e se esses papéis são produtivos ou reprodutivos. Uma ferramenta para medir essas atividades pode ser um calendário diário ou trimestral.

 Recursos: Quem tem acesso aos recursos ou os controla?

 Benefícios: Que fatores (por ex.: sociais, políticos, culturais, econômicos) regem o acesso aos benefícios?

 Participação: Como e quando participam mulheres e homens do processo de conscientização sobre os benefícios que podem ter ou não, a partir do acesso e do controle?

Segue outro conjunto de perguntas que podem ajudar a definir indicadores de acesso. Responda às perguntas e verifique quais são as problemáticas de acesso de sua organização ou projeto.

 Quem toma as decisões sobre o acesso à tecnologia?

 Quem cria o conteúdo que se utiliza?

 Quem tem direito a criar conteúdo e linguagem?

 Como mulheres e homens utilizam a informação que acessam?

Pode-se aprender mais sobre estes temas em Bridges, uma organização que promove o uso eficaz de TIC para melhorar a vida das pessoas em países em desenvolvimento. Bridges criou o “Real Access criteria”, uma ferramenta que identifica 12 fatores que determinam “se as pessoas têm acesso real às TICs, um acesso que vai além do acesso físico e possibilita que as pessoas utilizem a tecnologia para melhorar suas vidas”. (<http://www.bridges.org/digitaldivide/realaccess.html>)

Critérios para a seleção de indicadores

O Guia de indicadores de gênero, elaborado pela Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (p.21), fornece uma lista de critérios importantes para levar em consideração quando for feita a seleção de indicadores:

 Os indicadores devem ser desenvolvidos de maneira participativa, incluindo, se possível, todas as partes.

- 👉 Os indicadores devem ser relevantes para as necessidades da usuária e estar elaborados de modo que a usuária possa compreendê-los.
- 👉 Todos os indicadores devem estar separados por sexo.
- 👉 Deverão ser utilizados indicadores qualitativos e quantitativos.
- 👉 Os indicadores deverão ser fáceis de utilizar e compreender.
- 👉 Os indicadores devem estar claramente definidos.
- 👉 Deve-se escolher um número pequeno de indicadores. Um princípio geral é escolher no máximo seis indicadores específicos para cada tipo de indicador geral. Por exemplo, o uso estratégico de TIC por parte das mulheres é um indicador geral que pode conter vários indicadores específicos, como a quantidade de mulheres que usam TIC, como usam, que tipo de TIC usam, quanto tempo usam, entre outras coisas.
- 👉 Os indicadores devem ser tecnicamente apropriados.
- 👉 Os indicadores devem medir tendências através do tempo.
- 👉 Deverá ser dada mais importância aos indicadores de resultados.

Conselho Prova de Indicadores de GEM: Compartilhando experiências e ferramentas

Identificar indicadores de gênero em iniciativas que utilizam tecnologias da informação e da comunicação (TIC), quer seja em políticas, estratégias, programas, projetos e atividades, é uma maneira eficaz de assegurar que os processos de planejamento levem em consideração as necessidades particulares das mulheres. Embora para certos campos, como saúde, educação, direitos humanos e empoderamento político, já tenha sido desenvolvido um vasto corpo de indicadores de gênero, o desenvolvimento de indicadores de gênero e inclusive indicadores de desenvolvimento geral e transformação social para iniciativas de TIC, está apenas começando. De qualquer modo certos indicadores de gênero desenvolvidos e utilizados ao longo dos anos em outros campos também são aplicáveis às TICs.

Os indicadores são o componente-chave que permite determinar como e por que

algumas iniciativas de TIC específicas são cruciais para produzir mudanças nas condições das mulheres, nos papéis de gênero e nas relações de gênero. Mas devemos admitir que o exercício de identificar indicadores de gênero e TIC tem sido o passo com maiores desafios para quem prepara planos de avaliação de GEM. Entre os indicadores quantitativos e qualitativos, os últimos têm sido mais difíceis de identificar. No entanto, são os indicadores qualitativos os que melhor ilustram a relação entre as intervenções de TIC e o empoderamento da mulher. Não há forma de deixá-los de lado!

Por exemplo, cinco dos projetos que avaliamos são telecentros que operam principalmente em comunidades rurais do Equador, Colômbia, Filipinas e Nigéria. Antes da avaliação com a metodologia GEM os telecentros simplesmente separavam os dados de seus usuários por

sexo, o que constitui um indicador quantitativo. Depois de diversas sondagens sobre indicadores de gênero e TIC os dados levantados foram diferenciados segundo sua participação nos espaços de tomada de decisões, nos papéis de voluntários e do pessoal, as atividades de usuários de telecentros, a capacitação recebida e vários outros que podem ser identificados como indicadores qualitativos. (Todos estes são indicadores de acesso, participação e uso que refletem níveis diferentes de empoderamento.)

Uma vez que as TICs e os projetos de TIC operam dentro de estruturas sociais e de gênero já existentes, tais como leis, crenças e práticas culturais tradicionais, os dados separados por sexo não são reflexo suficiente das problemáticas de

gênero em TIC. É muito mais importante examinar as razões por trás dos números. Mesmo quando eles mostrem que quase não há disparidade de gênero no uso e benefício das TICs as histórias e razões por trás dos números podem revelar outra coisa. Desta maneira as problemáticas de gênero poderão vir à tona, o que por sua vez nos informará de que maneira é melhor utilizar as tecnologias para o desenvolvimento social e para a igualdade/equidade de gênero.

As perguntas a seguir podem ajudar a manter o foco, ao estabelecer indicadores de gênero e TIC. Para aprofundar, podem acessar os enlaces sugeridos em cada pergunta. Depois de completar a **FASE 1**, teremos avançado nas respostas a várias, senão a todas, as perguntas.

De que maneira seu projeto:

 contribui para mudar os papéis e relações de gênero?

http://www.apcwomen.org/gem/understanding_gem/genderanalysis.htm#Gender_Role_Analysis

 facilita o empoderamento das mulheres?

http://www.apcwomen.org/gem/understanding_gem/genderanalysis.htm#empowerment

 favorece o uso estratégico de TIC?

<http://www.apc.org/>

 propicia políticas de gênero transformadoras?

http://www.apcwomen.org/gem/understanding_gem/genderanalysis.htm#Gender_Transformative_Strategies

 cria oportunidades econômicas?

<http://www.eldis.org/ict/index.htm> para o guia de ELDIS o

http://www.i4donline.net/issue/jan04/connecting_full.htm para ICT4Development Online

 promove o direito à comunicação?

<http://www.crisinfo.org/> para página de Direitos da Comunicação na Sociedade da Informação

FASE 1 PASSO 4 FICHA DE TRABALHO 4 COMO CRIAR INDICADORES DE GÊNERO

Recorde um exemplo de Modemmujer, do México, e estude de que forma foram desenvolvidos os indicadores, a partir das perguntas de avaliação. Observe a diferença entre indicadores quantitativos e qualitativos.

Modemmujer: Como estabelecer indicadores

Os indicadores de gênero e TIC utilizados na avaliação foram:

Empoderamento de assinantes no uso estratégico de TIC

-  Quantidade de assinantes por sexo
-  Quantas utilizaram a informação enviada, usando ferramentas TIC?
-  Quantas solicitaram documentos oferecidos no serviço de informação usando ferramentas TIC?
-  Quantas enviaram documentos recomendados pelos serviços de informação, usando ferramentas TIC?
-  Quantas distribuíram os conteúdos e documentos para outras organizações, usando ferramentas TIC?
-  De que forma as assinantes utilizaram os serviços de informação?
-  Como compartilharam conteúdos e documentos? Por quê?
-  Os serviços de informação contribuíram para ampliar seus conhecimentos sobre problemáticas de gênero e TIC? Estimularam atividades que utilizassem TIC para campanhas, coleta de assinaturas para apoiar reivindicações da mulher, organizar eventos, manifestações, etc.?
-  Os serviços de informação contribuíram para ampliar os conhecimentos e o uso de TIC com perspectiva de gênero?

Cada serviço foi avaliado mediante o envio de questionários específicos para as assinantes.

1. **Spot Informativo:** boletim de notícias e informação que inclui documentos, apresentações, artigos, chamados para ações e anúncios de trabalho em rede. Produzidos duas vezes por semana.

Objetivo geral: Identificar de que maneira o Spot Informativo contribuiu para o empoderamento das assinantes de Modemmujer.

Indicadores de empoderamento:

-  *Spot Informativo* estimulou o trabalho em rede entre organizações de mulheres.
-  *Spot Informativo* promoveu a coordenação entre organizações de mulheres, a fim de conseguir maior presença e exercer maior influência nas políticas.

 *Spot Informativo* contribuiu para facilitar às organizações de mulheres a aquisição de mais informação/conhecimentos sobre problemáticas de gênero.

 *Spot Informativo* reforçou a capacidade das mulheres e das organizações de mulheres para fazer ouvir suas idéias e opiniões sobre os direitos da mulher e sua condição.

Objetivo específico 1: Identifique de que maneira *Spot Informativo* sensibilizou suas assinantes (tanto individuais como organizacionais) sobre problemáticas de gênero.

Indicadores de problemáticas de gênero:

 *Spot Informativo* motivou suas assinantes a empreender ações para mudar as desigualdades de gênero em sua sociedade.

 *Spot Informativo* contribuiu para ampliar o conhecimento e as habilidades de suas assinantes sobre problemáticas de gênero.

 *Spot Informativo* contribuiu para construir a imagem da mulher que promove.

Objetivo específico 2: Identifique de que maneira *Spot Informativo* contribuiu para empoderar suas assinantes mediante o uso de TIC.

Indicadores:

 De que maneira *Spot Informativo* contribuiu para ampliar as capacidades e conhecimentos de suas assinantes no uso de TIC.

 *Spot Informativo* ajudou suas assinantes a aprender mais sobre desenvolvimentos de TIC.

 As assinantes se interessaram pelo uso e pelo valor estratégico de TIC.

Indicadores gerais:

 Quantidade de Spots enviados regularmente.

 Quantidade de assinaturas.

 Quantidade de assinantes que lêem o Spot.

 Quantidade de assinantes que utilizam com regularidade a informação que recebem.

 Quantidade de documentos enviados; classificados por tema.

 Porcentagem de assinantes homens e mulheres.

 Quantidade de assinantes por país.

 Quantidade de assinantes por atividade.

 Quantidade de novos/as assinantes nos últimos seis meses.

 Porcentagem de solicitações de acordo com os diferentes temas.

2. *Boletín Elección*: um boletim de notícias e informação sobre saúde e direitos reprodutivos, com especial atenção ao aborto.

Objetivo geral: Conhecer o impacto do boletim eletrônico Elección no planejamento estratégico de atividades, com especial atenção às atividades das assinantes, quanto a difundir informação e intervir em políticas, e o impacto dessas atividades. Avaliar se o boletim eletrônico Elección incorporou uma perspectiva de gênero na seleção, tratamento e apresentação de sua informação a artigos sobre o aborto legal e temas relacionados.

Objetivo específico 1: Saber se o boletim eletrônico Elección contribuiu para a transformação social, facilitando informação que serviu para que as mulheres e organizações de mulheres planejassem suas atividades em torno do tema do aborto.

Indicador:

 De que maneira a informação enviada serviu para que mulheres e grupos de mulheres exerçam influência sobre políticas no âmbito nacional.

Objetivo específico 2: Identificar se a informação selecionada responde ou está de acordo com os propósitos do programa de Modemmujer sobre o direito da mulher ao aborto legal.

Indicadores:

 Que os artigos enviados tenham contribuído para atualizar e ampliar os conhecimentos sobre aborto legal.

 Que a seleção de informações sobre aborto tenha sido guiada por uma perspectiva de gênero e tenha levado em conta problemáticas concomitantes ao aborto legal.

Objetivo específico 3: Determinar que seções do boletim eletrônico Elección proporcionaram informação atualizada e útil sobre TIC e como maximizar seu uso.

Indicador:

 Que o uso de ferramentas eletrônicas na produção e difusão do boletim tenha empoderado as mulheres.

Objetivo específico 4: Determinar como foi utilizado o boletim eletrônico.

Indicador:

 Comprovar se as assinantes leram e compartilharam a informação com outras pessoas e grupos.

Objetivo específico 5: Avaliar a percepção das usuárias sobre a clareza da informação e o desenho do boletim.

Indicadores:

- 👉 Que o formato e desenho fossem atrativos e facilitassem a leitura.
- 👉 Que as seções do boletim tenham estado claramente diferenciadas.

3. Carta para convidar novas assinantes: carta enviada para estimular as novas assinantes.

Objetivo geral: Identificar se a carta convite deu às futuras assinantes uma idéia adequada do trabalho e da filosofia de Modemmujer e se despertou interesse em suas atividades.

Objetivo específico 1: Identificar se as pessoas que receberam a carta-convite entenderam as atividades de Modemmujer e se interessaram por elas.

Indicadores:

- 👉 Quantidade de pessoas que visitaram a página web, depois de receber a carta-convite.
- 👉 Áreas pelas quais se interessaram.

Objetivo específico 2: Verificar se as futuras assinantes entenderam que Modemmujer trabalha com uma perspectiva de gênero.

Indicadores:

- 👉 A carta-convite de Modemmujer gerou interesse em temas de gênero.
- 👉 Porcentagem de mulheres e homens que responderam à carta-convite e fizeram assinatura.

Objetivo específico 3: Verificar se a carta-convite foi um instrumento adequado para conseguir novas assinaturas.

Indicadores:

- 👉 Quantidade de pessoas que receberam a carta.
- 👉 Quantidade de pessoas que reenviaram a carta a outras.
- 👉 Quantidade de respostas positivas.
- 👉 Quantidade de pessoas que não fizeram assinatura.

Defina agora seus próprios indicadores para seu projeto. Complete o seguinte quadro:

Fase 1: Integração de gênero em seu plano de avaliação	
Objetivos de avaliação ou uso esperado.	
Problemáticas de gênero e TIC a serem referidas na avaliação.	
Indicadores usados para a avaliação.	

Conselho Mais perguntas para concentrar-se em temas de gênero:

-  Qual foi o nível de participação das mulheres no projeto?
-  Que estratégias foram desenvolvidas no projeto para responder às problemáticas de gênero?
-  A participação das mulheres na iniciativa de TIC mudou sua posição na comunidade?
-  Quais foram os papéis das mulheres e dos homens no processo de tomada de decisão do projeto?
-  As estratégias do projeto foram transformadoras em matéria de gênero?



Fase 2 Levantamento de Informação usando Indicadores de Gênero e TIC

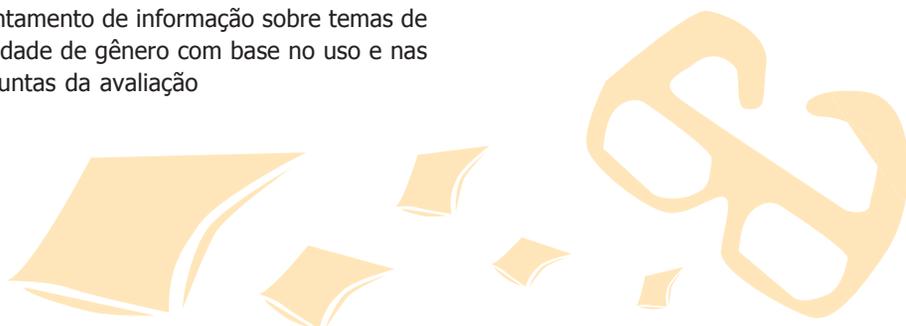
PROPÓSITO GERAL

- Elaborar e aplicar uma estratégia de levantamento de informação que leve em conta as considerações de gênero, utilizando várias metodologias
- Entender e reportar os resultados de gênero e TIC encontrados na avaliação

OBJETIVOS

- Identificar meios de monitoramento e levantamento de informação sobre temas de igualdade de gênero com base no uso e nas perguntas da avaliação

- Categorizar os resultados de acordo com as perguntas de avaliação sobre gênero e TIC
- Recolher e documentar histórias que ilustrem as preocupações e problemáticas de gênero dentro da avaliação
- Refletir criticamente sobre os resultados e extrair suas lições
- Preparar um relatório da avaliação que reflita essa informação



FASE 2 PASSO 5

ESCOLHER OS MÉTODOS / FERRAMENTAS DE LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÃO

Resultados esperados

Quem decide que métodos/ferramentas serão utilizados?

Que métodos/ferramentas podem ser utilizados?

Como decidir que métodos/ferramentas utilizar?

Atividade 5 Exemplos de metodologias utilizadas por usuárias de GEM

Guias adicionais para selecionar métodos de avaliação de gênero

Ficha de trabalho 5 Desenvolvimento de uma estratégia própria de levantamento de informação

FASE 2 PASSO 5 concentra-se no processo de levantamento de informação e esboça métodos efetivos para obter dados e informação útil para medir as mudanças resultantes de uma intervenção de TIC.

Resultados esperados

 Produzir uma estratégia detalhada para levantar informação sobre indicadores de gênero e TIC, e seu posterior monitoramento.

Quem decide quais métodos/ferramentas serão utilizados?

Ao contrário da crença popular, elaborar metodologias de levantamento de informação para a avaliação não requer conhecimentos e recursos técnicos e profissionais. Michael Quinn Patton expressa melhor isto em seu livro *Utilization Focused Evaluation* [242]:

A percepção geral que as pessoas que não são pesquisadoras têm sobre as metodologias é a de que estas são de natureza principalmente técnica. O tamanho de uma amostra, por exemplo, é determinado mediante uma fórmula matemática. O especialista em metodologia de avaliação insere os valores de certas variáveis, faz cálculos e obtém o tamanho correto da mostra para conseguir o nível desejado de solidez, validade, confiabilidade e

universalidade estatística – todos termos técnicos que impressionam e intimidam quem não é pesquisador.

Tomar decisões sobre quais metodologias ou ferramentas utilizar não é uma decisão puramente técnica. Outros fatores entram em cena para a decisão de que ferramentas usar com a finalidade de reunir informação para uma avaliação. Por exemplo, as limitações práticas e de recursos e o uso que terão os resultados da avaliação. Os usuários e usuárias da avaliação deveriam ser os principais fatores de decisão para escolher as metodologias e ferramentas a serem utilizadas, pois são, em última análise, as pessoas que têm mais interesse nos resultados da avaliação.

Que métodos/ferramentas podem ser utilizados?

De onde podemos obter nossa informação? Em seu livro *Enhancing Organizational Performance: A Toolbox for Self-assessment*, Charles Lusthaus, Marie-Hélène Adrien, Gary Anderson y Fred Carden agrupam as fontes de informação:

“Essencialmente, pode-se reunir dados de duas fontes: documentos e pessoas.

A fonte de documentos pode ser interna (declarações financeiras, relatórios anuais, política de recursos humanos, documentos de planejamento de programas, planos estratégicos, folhetos publicitários, avaliações) ou externa (políticas nacionais, legislação, meios de comunicação, relatórios de doadores). Os dados também podem ser conseguidos diretamente das pessoas, indivíduos ou grupos, através de conversas ou, indiretamente, mediante questionários.”

Existem várias metodologias, ferramentas e fontes de informação que podemos escolher para realizar uma avaliação.

 Registros – listas de presença aos cursos, registros de uso de um telecentro, estatísticas das visitas a um sítio, etc.

 Documentos internos – proposta de projeto original ou acordos de financiamento,

documentos relativos ao desenvolvimento do trabalho, relatórios, correspondência, resumo de reuniões, etc.

 Entrevistas – com beneficiários e beneficiárias do projeto, membros da rede, integrantes da equipe de trabalho, pessoas de outras agências, etc.

 Grupos de discussão ou de interesse – com pessoa, beneficiárias, etc.

 Enquetes e questionários – respondidos por participantes.

 Histórias – relatos de participantes que revelam sua perspectiva do projeto.

Cada tipo de ferramenta para levantamento de dados tem seus próprios méritos e limitações. Portanto convém familiarizar-se com os diferentes tipos de ferramentas antes de escolher a que vai ser usada. Abaixo, um exemplo de um método - o relato de experiências.

O relato de experiências como método/ferramenta

Um dos muitos métodos sensíveis ao gênero, que vêm sendo utilizados eficazmente na avaliação de diversos tipos de projetos é o relato de experiências. GEM proporciona lineamentos e exemplos deste método.

Os lineamentos estão divididos em três seções. A primeira analisa importantes considerações a serem levadas em conta antes de recolher as experiências, a saber: fidelidade de representação, consentimento, obstáculos, dificuldades e possíveis prejuízos. A segunda seção analisa brevemente os métodos para a coleta de experiências, e a terceira seção identifica o tipo de conteúdos que a metodologia GEM tem interesse em examinar.

Elementos do relato de experiências

-  Como escolher uma experiência
-  O ponto de vista do narrador ou da narradora
-  Participação de outras pessoas na experiência
-  Barreiras e problemas
-  Consentimento

COMO ESCOLHER UMA EXPERIÊNCIA

Incentivar as pessoas a contar suas experiências outorga às participantes um papel ativo na avaliação e dá ao estudo uma profundidade crucial para uma avaliação com perspectiva de gênero. As experiências podem ser narradas da perspectiva da avaliadora, que descreve sua experiência e os relatos que escutou das participantes. Ou a avaliadora pode pedir às participantes que

narrem por escrito suas próprias experiências. Nos casos em que as participantes não possam escrever a avaliadora comenta de maneira fidedigna suas narrações. Estes dois últimos tipos de relatos de experiência surgem na perspectiva das participantes.

Devemos levar em conta que em uma organização ou comunidade há muitas histórias e experiências, sendo que todas podem ser interessantes. Então é importante não perder de vista os objetivos da avaliação. O que vem em seguida são alguns lineamentos que podem nos ajudar a selecionar os relatos que queremos documentar.

-  Do que trata o relato?
-  De quem é a experiência que se está contando? Da avaliadora? Das participantes – ou seja membros da comunidade ou do projeto?
-  Quem aparecerá no relato?
-  A quem afeta o relato?
-  Está centralizado em um determinado grupo de mulheres e exclui outros?

120

O PONTO DE VISTA DO NARRADOR OU NARRADORA

É importante estabelecer o ponto de vista de cada relato

-  Quem conta a experiência?
-  Por que é importante? Por que é importante para a narradora contar-nos essa experiência?
-  A narradora foi observadora ou participante ativa da experiência?
-  Qual é o papel e a posição da narradora na organização, comunidade ou projeto?

PARTICIPACÃO DE OUTRAS PESSOAS NA EXPERIÊNCIA

Na maior parte dos casos existe mais de uma voz em um relato, isto é, há mais participantes ou personagens. Em seguida, apresentamos algumas perguntas que podem servir para identificar outros personagens da narração.

-  Além da narradora, que outras pessoas participam no relato?
-  Como e de que maneira estão envolvidas na experiência?
-  Há mulheres envolvidas? Quem são elas?
-  Como e de que maneira as mulheres estão envolvidas na experiência?

BARREIRAS E PROBLEMAS

Existem obstáculos e problemas que impedem que algumas pessoas, especialmente as mulheres, compartilhem sua experiência. Identificar quais são esses obstáculos e problemas é o primeiro passo para descobrir as problemáticas de igualdade de gênero em qualquer iniciativa de TIC.

-  Quais são os obstáculos que impedem que uma experiência seja narrada?
-  O relato colocará outras pessoas em uma situação incômoda?
-  O relato beneficiará ou prejudicará algumas pessoas mais do que outras?
-  As mulheres se sentem seguras para falar e contar suas experiências?
-  Que passos podem ser dados para criar um entorno seguro para a narração?

CONSENTIMENTO

Antes de registrar ou documentar uma experiência, a prática ética e adequada

requer que se peça licença às pessoas envolvidas. Isso é obrigatório. As seguintes perguntas podem servir como controle para as avaliadoras:

 O projeto foi explicado a todas as pessoas envolvidas? Por que é importante o projeto? De que se trata? Por que é importante contar com seu relato? Quem se beneficiará?

 As narradoras estão conscientes de que as avaliadoras compreenderão e respeitarão seus direitos? São conscientes das repercussões que o relato pode ter?

 As narradoras deram seu consentimento por escrito?

 As participantes da experiência narrada sabem como será guardada a informação? Sabem como será usada?

 As participantes serão consultadas caso a informação seja utilizada com propósitos diferentes dos objetivos originais?

Em seguida, alguns lineamentos básicos de dois métodos gerais de coleta de relatos de experiências, embora existam muitos outros.

Métodos de coleta de relatos

-  Intercâmbio presencial
-  Intercâmbio *on line*

INTERCÂMBIO PRESENCIAL

O intercâmbio presencial consiste em conversar com uma ou várias pessoas em um grupo. Pode ser realizado seguindo uma entrevista estruturada ou mediante uma conversa mais livre e fluida. Em qualquer caso, os fatores importantes para obter bons

resultados são a forma de estimular o intercâmbio e a narração, a forma como são formuladas as perguntas e documentadas as respostas.

Para ordenar a documentação convém catalogar a classe de informação desejada:

 sobre o contexto social e ambiental

 sobre pessoas/atores/gênero

 sobre as comunidades

 sobre situações, problemáticas, pontos de vista e outras similares

Estas classes de informação podem servir como lineamentos gerais do intercâmbio e também como uma recordação dos temas que a equipe de avaliadoras ou entrevistadoras necessita cobrir.

Para facilitar uma conversa guiada é importante recordar que é preciso manter-se centrada no relato ou na experiência, tratando de não se dispersar com histórias irrelevantes. Mas, ao mesmo tempo, escutar com atenção a narradora, isto é, deixar que conte sua experiência da maneira que desejar. As pessoas têm diferentes formas de compartilhar experiências e nisso incluem a linguagem, as pautas culturais, a situação social, as experiências e gênero. Também ocorre freqüentemente que algumas experiências são difíceis de serem compartilhadas de forma aberta e direta. É preciso permitir que as pessoas quebrem o gelo, entrem no clima, sintam-se cômodas. O silêncio também ajuda, pois estimula a lembrança e o pensamento, tanto para a narradora como para a avaliadora ou facilitadora.

A pessoa entrevistada ou os membros do grupo devem compreender bem as perguntas feitas. A formulação de boas perguntas ou reperguntas vai depender de quão boa ouvinte seja a avaliadora.

Documente as experiências com precisão – registre a linguagem e o estilo do relato por meio de citações e descreva como foram feitas as declarações. Isso dá maior contundência ao relato e, ao mesmo tempo, registra da forma mais fidedigna possível as experiências das participantes.

INTERCÂMBIO *ON LINE*

A narração também pode ser realizada através de uma combinação de métodos eletrônicos, entrevistas por correio eletrônico, intercâmbios *on line* e conversações em tempo real utilizando programas de bate-papo.

Os métodos eletrônicos se apóiam em entrevistas mais estruturadas e perguntas preparadas. Formule as perguntas de modo a evitar as respostas simples como “sim” ou “não”; isto se consegue mediante perguntas abertas, que deixam lugar ao inesperado. Reformule as perguntas de tal maneira que permitam que surjam respostas “não estruturadas” e o uso de uma linguagem informal que faça com que a entrevistada se sinta cômoda. Lembre-se que os métodos *on line* representam um passo atrás com relação ao intercâmbio presencial; perdem-se a resposta imediata e a espontaneidade, pois a escrita é um meio diferente.

122

Uma das vantagens dos métodos eletrônicos é a velocidade e a facilidade das comunicações. Podemos aproveitá-la ao máximo se relatamos a experiência por etapas durante um determinado período de tempo. Podemos, por exemplo, enviar por correio eletrônico perguntas que definam o perfil geral da experiência. Depois pode-se manter uma conversação *on line* na qual se utilize o *chat* para conversar de forma mais aprofundada sobre questões específicas e explorar problemáticas e perguntas. Essa combinação pode contribuir para o aparecimento dos diferentes níveis do relato.

Se os métodos *on line* não forem suficientes pode-se recorrer a entrevistas telefônicas. Escutar uma voz do outro lado da linha se

aproxima muito de uma conversa presencial, na qual os detalhes da história são mais bem explorados e explicados.

É importante obter a história completa, isto é, ir além da simples narração de fatos. A seção a seguir sugere perguntas que podem servir de guia para explorar e recolher detalhes específicos da experiência narrada.

■ Conteúdos a serem explorados em um relato

📄 Contexto/Antecedentes

📄 Aprendizagem e mudança/ transformação

📄 Análise e planejamento de gênero e TIC

CONTEXTO/ANTECEDENTES

A primeira coisa que devemos averiguar sobre cada experiência é o marco em que se situa. Nas iniciativas de TIC isso implica indagar sobre o contexto econômico, social, cultural e tecnológico da experiência. Deve-se considerar toda a informação geral, como a localização (rural ou urbana), a situação econômica e o grau de alfabetização. Certos elementos específicos de TIC em relação ao contexto podem ser descobertos quando se fazem perguntas tais como:

📄 Quando e por que foram introduzidas as TICs?

📄 Como foram introduzidas?

📄 Que tipos de TIC foram introduzidos?

📄 Com que propósito foram utilizadas?

Lembre-se de levantar a informação separada por sexo sempre que for possível. Pode-se descobrir mais sobre os papéis e relações

entre mulheres e homens, revendo as respostas a perguntas sobre:

 participantes – que pessoas estão envolvidas.

 recursos – quem tem acesso aos recursos, como acedem a eles e como os usam.

 poder e tomada de decisões – quem toma as decisões sobre apropriação, acesso e uso de TIC.

 papéis – de que forma as mulheres utilizam TIC em suas tarefas diárias (domésticas, na comunidade, remuneradas, não remuneradas).

APRENDIZAGEM E MUDANÇA/TRANSFORMAÇÃO

O tema mais importante das avaliações é a identificação das aprendizagens e mudanças ocorridas no nível pessoal, organizacional e comunitário. Esta é uma das coisas mais significativas que queremos saber por meio das experiências que recolhemos. Antes de chegar a isso teremos que nos informar sobre os valores e princípios que guiam as iniciativas e projetos comunitários e de TIC, pois eles costumam determinar as mudanças percebidas. Algumas perguntas gerais para identificar as mudanças ocorridas são:

 Houve alguma mudança como resultado do processo ou iniciativa?

 O que mudou e em que níveis ocorreram essas mudanças?

Por exemplo, as perguntas às participantes podem ser:

 O uso da TIC provocou mudanças no tipo de trabalho que você realiza? Como?

 Modificou a forma em que você toma decisões? Por quê?

ANÁLISE E PLANEJAMENTO DE GÊNERO E TIC

Para poder indagar sobre a aprendizagem e as mudanças no que se refere à igualdade de gênero e ao fortalecimento da mulher é necessário centrar-se em perguntas provenientes da análise e planejamento de gênero, como por exemplo:

 Acesso e controle – Que tipo de acesso a recursos têm hoje as mulheres, e que antes não tinham? Quem recebeu capacitação? Dada por quem?

 Poder e tomada de decisões – Que papéis desempenham as mulheres e os homens na tomada de decisões?

 Papéis– Quais as atividades realizadas pelas pessoas? Para que usam a tecnologia os homens e as mulheres? Quais são as diferenças entre os papéis de mulheres e homens? Por que existem essas diferenças? Como a idade afeta às mulheres?

 Mudança/transformação – Que mudanças as pessoas experimentaram? Como essas mudanças são percebidas por mulheres e homens no que se refere aos seus papéis e relações anteriores e atuais? E em relação ao poder?

 Plano e conceito de projeto/iniciativa – O projeto reforça ou altera os papéis de homens e mulheres?

 Visão de futuro – De que forma as pessoas percebem o futuro? Como o percebem em relação às crianças? (isso é um bom indicador da visão de futuro); que mudanças/transformações gostariam de ver? (ex.: como vêem suas filhas e filhos no futuro em relação com as TICs e os papéis na comunidade)

 política e legislação – O entorno fomenta a perspectiva de gênero? As mulheres são conscientes das diferenças de

gênero? Se não for assim, por quê? Se for assim influem e/ou dão forma às experiências e pontos de vista das mulheres?

 fatores econômicos relacionados com TIC:

 Quem forneceu a TIC?

 Quem dá assistência técnica?

 A quem se paga para dar assistência e capacitação?

 Tiveram que contratar consultores ou pessoal extra? Homens ou mulheres?

 Quem pagou pela infra-estrutura de TIC?

Exemplo:

Relato de experiências

A metodologia de relatos de experiências foi usada com efetividade pelo Telecentro Comunitário Multipropósito (TCM), das Filipinas, para avaliar os efeitos do TCM em duas comunidades rurais. A seguir, um resumo das experiências do TCM. (O relatório completo pode ser lido em <http://www.apcwomen.org/gem/practitioners/reports.shtml> ou no CD que acompanha este manual.)

ENCONTRAR UM LUGAR NA VIDA DAS PESSOAS

 **ENTREVISTA: O QUE NOS DIZ**
Para intercambiar opiniões sobre os relatos de experiências como metodologia de avaliação, Kirlyn Bacongus apresentou amostras de entrevistas realizadas em duas comunidades.

HISTÓRIAS DA COMUNIDADE

Foi pedido aos membros da comunidade que compartilhassem suas experiências mediante relatos e que fizessem diários pessoais. Disseram como se sentiam sobre o fato de serem entrevistados, enquanto que os voluntários do TCM compartilhavam seus sentimentos sobre o fato de fazer um diário pessoal.

O relato de experiências foi um bom exercício pois deu às pessoas a oportunidade de se expressarem com suas próprias palavras. Um voluntário do TCM, que fazia um diário pessoal porque

era obrigatório, reconheceu que, com o tempo, isso o ajudou a organizar seus pensamentos sobre o TCM e a propor perguntas sobre a forma como era conduzido.

Edilberto Limare de eDevelopment Initiatives for Civil Society Organizations, Inc. (eDI), a quem foi pedido que recolhesse e escrevesse as histórias dos membros da comunidade, compartilhou suas experiências. No início não se sentia seguro recolhendo histórias pois pensava que não sabia que perguntas fazer. Mas não tardou em estabelecer uma corrente de empatia com as pessoas que partilhavam seus relatos com ele. Embora tivesse se saído bem na coleta de relatos de experiências e também disse que era importante que os relatos fossem escritos na perspectiva de uma terceira pessoa, opinou que teria sido melhor que os próprios membros da comunidade escrevessem suas histórias para evitar interpretações equivocadas.

Métodos / ferramentas adicionais

Explore outros métodos e ferramentas de coleta de informação em *Mapeo de Alcances* [Earl, et al. 9].

MÉTODOS PARA LEVANTAMENTO DE DADOS

ENQUETE POR QUESTIONÁRIO

Implica uma lista de perguntas impressas ou eletrônicas

É distribuída a um grupo predeterminado de indivíduos

Os indivíduos preenchem o questionário e o devolvem

ENQUETE POR CORREIO OU FAX:

O público alvo é mais numeroso (mais de 200)

Necessita uma quantidade grande de dados categóricos

Necessita dados quantitativos e análise estatística

Quer examinar as respostas de determinados subgrupos (homens e mulheres, por exemplo)

O público alvo está geograficamente disperso

Deseja clarear os objetivos do grupo envolvendo seus membros na elaboração do questionário

Tem acesso a pessoas que podem processar e analisar os dados com exatidão

ENQUETE POR CORREIO ELETRÔNICO OU PÁGINA WEB:

Tem o *software* e os conhecimentos adequados sobre este método

As pessoas entrevistadas têm a capacidade tecnológica para receber, ler e devolver o questionário.

O tempo é essencial

ENTREVISTA PRESENCIAL

Implica uma lista de perguntas impressas ou eletrônicas

É distribuída a um grupo predeterminado de indivíduos

Os indivíduos preenchem o questionário e o devolvem

Necessita incorporar pontos de vista de pessoas chave (entrevista a informante chave)

O público alvo é pequeno (menos de 50)

A informação necessita ser mais profunda do que ampla

Tem razões para crer que as pessoas não devolverão o questionário

Métodos / ferramentas adicionais

ENTREVISTAS TELEFÔNICAS

Similar a entrevistas presenciais, mas por telefone

ENTREVISTAS TELEFÔNICAS INDIVIDUAIS:

O público alvo está geograficamente disperso

As entrevistas telefônicas são factíveis (custo, confiança nas entrevistadas...)

ENTREVISTAS POR TELECONFERÊNCIA:

O público alvo está geograficamente disperso

Conta com o equipamento necessário

TÉCNICA GRUPAL (ENTREVISTA, OFICINA FACILITADA, GRUPO DE INTERESSE)

Implica discussão grupal de temas ou problemas predeterminados

Os membros do grupo compartilham certas características comuns

Uma facilitadora ou moderadora coordena o grupo

Moderadora assistente registra as respostas

Pode ser realizada pessoalmente ou por teleconferência se contar com os meios

Necessita uma descrição mais rica para compreender as necessidades das usuárias e usuários

É necessária a sinergia grupal para que surjam sentimentos subjacentes

Tem acesso a uma facilitadora capacitada e a informação ficou registrada

Deseja saber o que querem as participantes mediante o poder da observação grupal (espelho de uma só face ou vídeo)

REVISÃO DE DOCUMENTOS

Implica identificar documentos impressos ou eletrônicos que contenham informação ou temas que se quer pesquisar

Pesquisadoras examinam documentos e identificam informação relevante

Pesquisadoras fazem um acompanhamento da informação recuperada dos documentos

Os documentos relevantes existem e são acessíveis

Necessita uma perspectiva histórica de um tema

Não está familiarizada com a história da organização

Necessita dados concretos sobre determinados aspectos da organização

Como decidir quais métodos/ferramentas usar?

A decisão sobre quais ferramentas de levantamento de dados são as adequadas deve estar baseada no tipo de usuários e usuárias identificadas e no uso que será dado à avaliação; no tipo de dados que os usuários e as usuárias acharão relevantes e úteis; e de que maneira se tenha articulado o quem e o como da utilização da avaliação.

Outra base para escolher e selecionar as ferramentas de coleta são os indicadores formulados na fase anterior. Com base neles decida que tipo de informação se necessita e quais suas fontes principais.

FASE 2 PASSO 5 ATIVIDADE 5 EXEMPLOS DE METODOLOGIAS UTILIZADAS POR USUÁRIAS DE GEM

Seguem alguns exemplos de como duas associadas de GEM, *Women Mayors' Link* (Rede de Mulheres Prefeitas) y *Mothers 4 Mothers*, desenvolveram suas estratégias de levantamento de informação.

WOMEN MAYORS' LINK (REDE DE MULHERES PREFEITAS) [WML]

WML é uma iniciativa da Força de Tarefas de Gênero do Pacto de Estabilidade (FTG PE), um projeto desenvolvido em 12 países e territórios da região do Pacto de Estabilidade (PE), com a Fundação pela Igualdade de Oportunidades para a Mulher (SEF) como organização principal. Lançada em 2002, o propósito da WML é promover a cooperação entre mulheres prefeitas, governos locais e redes locais de mulheres, na preparação de pequenos projetos para melhorar a qualidade de vida de mulheres e crianças nas comunidades locais. Seus objetivos consistem em iniciar e facilitar o intercâmbio regional e internacional de práticas em projetos similares, pressionar por uma melhor representação da mulher nos governos locais

e apoiar os esforços das mulheres prefeitas por incrementar a participação da população nos processos de solução de problemas da comunidade.

A equipe de avaliação da WML usou uma combinação de métodos para recolher informação tanto quantitativa como qualitativa. As agendas cheias das prefeitas e a localização geográfica dos países e territórios foram fatores que influíram nas metodologias utilizadas. (Responderam 50 prefeitas provenientes de países e territórios do Pacto de Estabilidade: Albânia, Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Croácia, Macedônia, Grécia, Hungria, Kosovo, Moldávia, Romênia, Sérvia e Montenegro, Eslovênia.) A equipe elaborou, em rascunho, duas enquetes. Um questionário explorava o processo de trabalho em rede no interior da WML. Este questionário foi colocado à disposição na Internet, sendo também enviado por correio eletrônico e correio comum, a todas as prefeitas da rede. O outro questionário pesquisava de que forma a iniciativa havia ajudado a instalar o tema de gênero no governo local. Este foi distribuído na conferência internacional "Iniciativas de Associação de Mulheres Prefeitas", realizada na Romênia, de 20 a 23 de novembro de 2003. A maior parte das respostas foi recolhida ali mesmo.

Além das enquetes, a equipe recopilou informação sobre os tipos de conexão com internet utilizadas pelas prefeitas, realizou uma análise comparativa do custo dos serviços de telecomunicações em suas localidades e realizou uma pesquisa sobre antecedentes de gênero nos governos locais.

Em suma, segue uma lista das ferramentas utilizadas pela WML para recolher informação:

 Questionários sobre o processo do trabalho em rede enviados por correio eletrônico, disponibilizados na internet e distribuídos por correio regular, entre todas

as prefeitas que estavam em contato com a WML.

 Questionários sobre a construção da rede, para auspiciar a inclusão de políticas de gênero nos governos locais, que foram distribuídos durante a conferência internacional que reuniu as prefeitas.

 Pesquisa para identificar os tipos de conexão à internet usados pelas prefeitas envolvidas no projeto.

 Pesquisa para desenvolver uma análise comparativa dos custos dos serviços de telecomunicações.

 Pesquisa sobre o desenvolvimento de políticas de gênero.

(Leia o informe de avaliação completo em <http://www.apcwomen.org/gem/practitioners/reports.shtm?x=51601> ou no CD que acompanha este manual.)

MOTHERS 4 MOTHERS (M4M)

LEVANTAMENTO DE INDICADORES QUANTITATIVOS

M4M desenvolveu uma enquete com um longo questionário que indagava sobre todos os fatores que afetam o teletrabalho. Contatou-se por telefone, fax ou correio eletrônico, um total de 141 potenciais participantes, entre 8 de julho e 1º de setembro de 2003. Todas as mulheres contatadas trabalhavam em suas casas, seja desenvolvendo sua própria atividade registrada, trabalhadoras independentes de meio período e aquelas empregadas por M4M.

Questionário

O questionário continha um total de 83 perguntas abertas e fatuais (dicotômicas / de múltipla escolha). Quarenta e duas perguntas, ou seja 50%, requeriam que as

pessoas utilizassem a escala Likert; trinta e sete, ou seja 45%, eram perguntas factuais, e as demais, 4 ou 5%, eram perguntas abertas.

Execução da enquete

Foi criada uma lista de receptoras potenciais da enquete, utilizando os dados da rede M4M, com endereços de correio eletrônico e números de telefone. O correio eletrônico foi o principal meio utilizado para contatar as participantes. Quando não havia um endereço eletrônico disponível chamava-se por telefone. Em dois casos as mulheres solicitaram que os documentos fossem enviados por fax, porque não podiam abrir o questionário enviado eletronicamente por problemas de compatibilidade de *software* ou de conexão.

Realizou-se um monitoramento aleatório da situação de trabalho das pesquisadas, para determinar se estavam em condições de participar da enquete. Pedia-se àquelas que reuniam os requisitos que preenchessem o questionário.

Acompanhamento

A primeira comunicação com as potenciais participantes introduziu o propósito da enquete. Depois foram realizadas chamadas telefônicas para constatar sua vontade de participar. Após sete dias foram enviados lembretes para as que não haviam respondido. A algumas pesquisadas foram enviados até quatro lembretes para que respondessem o questionário. Em média cada pessoa pesquisada recebeu pelo menos dois lembretes por e-mail e pelo menos uma vez foi chamada por telefone.

EM BUSCA DE INFORMAÇÃO QUALITATIVA

Foram realizadas sete entrevistas presenciais com a equipe virtual (EV) e uma entrevista *on line* utilizando o Yahoo Messenger. O objetivo dessas entrevistas foi identificar os desafios que

os teletrabalhadores e as teletrabalhadoras enfrentam dentro de uma organização estruturada.

 Identificar os problemas enfrentados pela EV

Descobrir quais são os problemas enfrentados pela EV com o teletrabalho de tempo integral, obter suas sugestões sobre as possibilidades de teletrabalho e as maneiras de melhorar a situação.

 Impacto do teletrabalho na vida das mulheres

Obter dados sobre o impacto do teletrabalho na vida das mulheres. As relações de gênero mudam no lar? Em que medida as problemáticas de gênero afetam o teletrabalho e de que maneira o teletrabalho utilizando TIC transforma a vida e a situação das mulheres?

 Observar a instalação do escritório virtual em casa e a situação no lar e perguntar sobre a possibilidade da pessoa se dedicar em tempo integral ao teletrabalho.

 A instalação do escritório em casa

Constatar as condições de acesso ao computador (por exemplo: partilha o computador com outras pessoas?), a localização e condições (por exemplo, tem acesso estável à internet?), etc.

 Situação no lar

Constatar as condições do meio em que se trabalha, por exemplo, ruídos, distrações, apontando outras barreiras que impedem que se trabalhe com tranquilidade.

 Identificar a personalidade da trabalhadora a distância

Determinar os traços mais comuns das teletrabalhadoras, por exemplo, se gostam

de usar o computador para checar e-mails, navegar pela internet, etc., inclusive nos feriados.

 Identificar as necessidades de capacitação e apoio da EV

Considerar o tipo de capacitação e de apoio que a EV precisa por meio de observação e entrevistas

Mais orientações para selecionar métodos de avaliação de gênero:

 Escolha métodos adequados e relevantes

A avaliações de TIC realizadas em uma perspectiva de gênero incluem telecentros em comunidades rurais ou indígenas, redes mundiais de mulheres ou centros de recursos *on line*. Escolha ferramentas de coleta de dados que sejam adequadas para os diferentes tipos de iniciativa. As metodologias mais simples são aquelas flexíveis e adaptáveis, fáceis de administrar, desenhadas para obter resultados significativos e adequadas tanto para as usuárias como para o uso da avaliação.

 Escolha métodos participativos

As metodologias participativas são aquelas que permitem que todas as participantes e usuárias aportem dados e informação.

Para decidir os métodos a usar pense nas potenciais entrevistadas e seu contexto. Por exemplo, embora as enquetes *on line* sejam econômicas e permitam ganhar tempo são inadequadas se as potenciais entrevistadas não tiverem acesso regular à internet. Assegure-se de que as ferramentas que vai utilizar sejam acessíveis para as entrevistadas.

 Utilize múltiplos métodos/ferramentas

Use múltiplos métodos para provar, corrigir e relacionar mensagens e informação de diferentes fontes.

“Quando pensar em selecionar fontes de informação considere que, afinal de contas, o que importa não é a validade das fontes de informação individuais mas sim a coerência e consistência da informação tomada em conjunto de diferentes fontes. O que importa é o modelo. Usar múltiplos métodos ajuda a provar, corrigir e relacionar as mensagens provenientes de diferentes fontes de informação.” [Evaluation and Effectiveness 36, 50]

Em qualquer caso as metodologias deveriam tender a avaliar tanto o produto como o processo: o que se conseguiu até agora e de que maneira foi conseguido; e como está avançando o projeto. A informação sobre ambos os aspectos revela os processos sociais iniciados, além dos resultados.

 Assegure-se de recopilar dados separados por sexo.

Isso é elementar em qualquer avaliação de gênero. Toda a informação recolhida deve, pelo menos, consignar o sexo de quem responde. Outros dados básicos da pessoa entrevistada que podem ser relevantes para a avaliação são: idade, religião, raça, etnia, nacionalidade, estado civil, ocupação.

 Identifique as informantes mulheres

As avaliações de gênero devem refletir as experiências e aportes das mulheres participantes.

 Indague sobre os papéis de gênero.

Os instrumentos utilizados devem levar em conta as problemáticas de gênero e TIC da iniciativa ou projeto e indagar sobre as problemáticas de gênero mais gerais. Por exemplo, ao avaliar o impacto de uma iniciativa de capacitação em TIC, é

importante observar não apenas o que foi aprendido pelas capacitadas, mas também como aplicam esse conhecimento em seu trabalho ou organização. Para poder avaliar esse aspecto, é essencial examinar os papéis de gênero dentro da organização das participantes e indagar se podem – ou não– levar à prática as habilidades adquiridas, e de que forma.

 Preste atenção ao contexto

A dinâmica de um grupo, o tema, gênero, classe social, casta, idade, raça, linguagem, cultura, ou a paisagem urbana ou rural, etc., são aspectos que influem na efetividade e inclusão da recopilação de informações.

 Destaque a informação qualitativa

Para obter um quadro completo das problemáticas de transformação social e de gênero em um projeto ou iniciativa é preciso mais que números e estatísticas. Os relatos de experiências, percepções, observações e opiniões têm muito valor. Mostram a dimensão humana por trás das estatísticas, o que é crucial para entender a informação recolhida.

 Considerações práticas

A seguir, considerações práticas importantes para planejar estratégias de coleta de informação:

 Economia – Qual o custo da obtenção da informação em relação à sua contribuição para a avaliação?

 Tempo e oportunidade – Quanto tempo se leva para recolher a informação? Há atividades próximas que ofereçam oportunidade de realizar atividades de avaliação?

 Frequência – quantidade de vezes que serão realizadas avaliações e

monitoramentos durante a seqüência do projeto

Pode-se encontrar na internet outros métodos de coleta de informação. Veja os seguintes recursos:

 Lista de controle centrada na utilização: elaboração de avaliação
<http://www.wmich.edu/evalctr/checklists/ufecchecklist.htm#7>

 Lineamentos para integrar problemáticas de gênero na elaboração, monitoramento e avaliação de programas e projetos da OIT
<http://www.ilo.org/public/english/bureau/program/eval/guides/gender/index.htm>

 Problemáticas de gênero na elaboração, monitoramento e avaliação
<http://www.ilo.org/public/english/bureau/program/eval/guides/gender/issues4.htm#n4>
<http://www.ilo.org/public/english/bureau/program/eval/guides/gender/issues4.htm>

FASE 2 PASSO 5 FICHA DE TRABALHO 5 DESENVOLVIMENTO DE UMA ESTRATÉGIA PRÓPRIA DE COLETA DE INFORMAÇÃO

Para desenvolver sua estratégia de coleta de dados, preencha o quadro.

Indicador	Fonte de informação	Método/ Ferramenta	Tempo/ Frequência

Notas:

 **Indicador:** Segundo indicadores na **FASE 1 PASSO 4**. (veja página 96) Distinga entre indicadores qualitativos e quantitativos.

 **Fonte de informação:** De onde provirão os dados? Quem fornecerá informação?

 **Método/Ferramenta:** Como serão obtidos os dados?

 **Tempo/Frequência:** Quando começará a coleta de informação? Com que frequência será feita?



EXEMPLO: Avaliação da efetividade de uma instalação *on line* (sítio e lista de correio) para a campanha sobre Violência Contra a Mulher (VCM)

Indicador	Fonte de informação	Método/ Ferramenta	Tempo/ Freqüência
Número de visitantes ao sítio de VCM	Estatística do sítio	Registrar e reunir estatísticas web	Mensal (desde o início do projeto)
Sexo de assinantes da lista de correio	Assinantes na lista de correio	Pedir a assinantes que informem seu sexo e monitorar respostas	Mensal
Expressão de denúncia de VCM	Participantes na lista de correio	Monitorar envios à lista de correio	Mensal
	Tipo de participação na lista de correio	Entrevistas <i>on line</i> com assinantes da lista de correio	Na metade do projeto (6 meses após o início)
			Ao finalizar o projeto

CHAVE

A algum dos indicadores identificados pode corresponder mais de uma fonte de informação e mais de uma metodologia ou ferramenta para a coleta de informação.

FASE 2 PASSO 6 ANALISAR OS DADOS EM UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Como preparar a análise de dados em uma perspectiva de gênero

Como decifrar dados

Como comunicar os resultados

Exemplo de relatório: Grupo de discussão

PROPÓSITO GERAL

Analisar os dados recolhidos de uma perspectiva de gênero, o que também é um passo preparatório para a **FASE 3 POR EM PRÁTICA OS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO**

Como preparar a análise de dados de uma perspectiva de gênero

Antes de começar a análise e a interpretação dos dados é importante revisar o plano de avaliação, especialmente o uso projetado,

as perguntas de avaliação e os indicadores. Estes três componentes do plano de avaliação serão o roteiro para analisar os dados e preparar o relatório. Assumindo que o plano de avaliação está bem centrado nos conceitos relativos a gênero e que tem uma perspectiva completamente integrada com gênero, a revisão é o primeiro passo para incorporar gênero à análise.

Podem ser utilizados alguns documentos básicos de gênero e TIC, encontrados em: http://www.apcwomen.org/gem/understanding_gem/genderanalysis.htm

Cómo descifrar datos

Busque modelos, tendências e contradições, baseando-se nos indicadores de gênero e TIC e nas perguntas de avaliação. Ao conduzir a análise de gênero, é necessário rastrear modelos e tendências que indiquem mudanças (ou a sua ausência) na situação de mulheres e homens e em suas relações como resultado da iniciativa.

Também será necessário “ponderar os dados para contar quantas entrevistadas deram a mesma resposta, se a informação foi confirmada por diferentes grupos de interesse e se foi confirmada ou negada por fontes externas.” (Lusthaus et al). A ênfase recairá sobre a informação e os dados provenientes das mulheres entrevistadas.

Em “Um marco para revisar dados”, Patton destaca “quatro processos diferentes para descobrir o sentido dos resultados da avaliação” (p.309”):

 **Descrição e análise:** A descrição e a análise implicam organizar a informação de tal forma que revele as pautas básicas. A avaliadora apresenta de maneira simples os fatos revelados pelos dados concretos.

 **Interpretação:** O que significam os resultados? Qual é o significado do que foi

encontrado? Por que resultaram dessa forma? Quais são as possíveis explicações dos resultados? As interpretações vão além dos dados para somar o contexto, estabelecer o sentido e tentar significados baseando-se em dedução ou inferência.

 **Ajuizamento:** À análise e às interpretações são agregados valores. Determinar o mérito ou valor significa resolver até que ponto e de que maneira os resultados são positivos ou negativos. O que é ruim ou bom, desejável ou indesejável, nos resultados? Foram alcançados os resultados desejados?

 **Recomendações:** O passo final (se foi acertado que deve ser empreendido) agrega ação à análise, à interpretação e ao ajuizamento O que se deveria fazer? Quais as implicações dos resultados para a ação futura? Só são passíveis de formulação as recomendações baseadas na informação e que dela procedem.

Como comunicar os resultados

Depois de ter decifrado, analisado e interpretado os dados, o passo seguinte é preparar um relatório. As seguintes perguntas servirão como roteiro e lembrete:

 Que informação é importante para as usuárias e para o uso que será dado à avaliação?

Dê prioridade aos elementos que sejam mais relevantes para os objetivos da avaliação e para o interesse das usuárias. É importante informar também as lacunas nos resultados da avaliação, especialmente se essas lacunas indicam a necessidade de uma avaliação adicional da iniciativa.

 Quem vai ver o relatório?

Com base no uso projetado, há que decidir se os resultados da avaliação serão mantidos

dentro da organização ou apresentados ao público. Antes de decidir por esta última opção é necessário e ético informar os entrevistados, pedindo seu consentimento.

 Como apresentar os resultados para as usuárias?

Decida qual é a melhor maneira de compartilhar os resultados da avaliação com as usuárias. Talvez o modo mais conveniente seja redigir um relatório, mas existem várias outras formas que podem ser mais interessantes para as usuárias. Por exemplo, podem ser utilizados métodos de publicações populares, como folhetos, histórias em quadrinhos ou volantes. Ou é possível recorrer à tecnologia eletrônica e digital para publicar o relatório na internet ou produzir um CD ou uma apresentação em slides. Seja criativa, utilize outros meios

e combine diferentes formas de comunicação.

Tome, por exemplo, o caso do TCM, das Filipinas. Além de um relatório escrito a equipe realizou uma oficina de dois dias com usuárias e participantes para apresentar e intercambiar opiniões sobre a avaliação. Em vez de apresentar para os membros da comunidade longos discursos sobre os resultados da avaliação os membros da equipe prepararam apresentações com apoio visual e outros métodos criativos.

Mothers 4 Mothers da Malásia realizou entrevistas e debates em grupos de interesse. Apresentamos um resumo (o relatório completo pode ser lido em <http://www.apcwomen.org/gem/practitioners/reports.shtml> ou no CD que acompanha este manual.)



Relatório sucinto de entrevistas e grupos de discussão (GD) de M4M

ANTECEDENTES: Objetivos, participantes e metodologias

134

A Equipe Virtual (EV) de M4M realizou entrevistas e visitas domiciliares de 11 a 19 de julho de 2003. A EV estava formada por seis mulheres e dois homens. Nos dias 12 e 21 de julho de 2003 foram mantidos dois GD com os membros de *E-homemaker* e o pessoal de meio período.

Os objetivos das entrevistas e dos GD foram explorar aspectos do teletrabalho, tais como as características e capacidades que uma mulher necessita ter para beneficiar-se com o trabalho em casa, o impacto que ele tem sobre a vida das mulheres e suas famílias, os obstáculos que o teletrabalho apresenta para as mulheres e a maneira de encarar todos esses desafios.

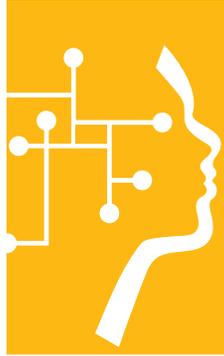
RESULTADOS DAS ENTREVISTAS E DOS GD

 Razões para começar a trabalhar em casa.

A maioria das participantes é casada, tem filhos e não desejava passar a maior parte de seu tempo no escritório. Algumas foram donas de casa durante vários anos antes de reingressar ao mercado de trabalho como teletrabalhadoras. Outras deixaram seus empregos para estar mais tempo com sua família e adotaram o trabalho em domicílio como uma fonte alternativa de renda.

No entanto, para a maioria, os motivos financeiros não foram a razão principal. Só

dois membros da EV trabalham em domicílio como principal arrimo da família. As razões pelas quais decidiram reingressar no mercado de trabalho surgiram da necessidade pessoal de dedicar-se a algo além de apenas seus maridos e filhos. A maioria delas tinha uma carreira antes de se casar, tinha começado a sentir-se aborrecida como donas de casa de tempo integral e necessitava algo mais para ocupar seu tempo.



marido lhe apresentava: devido ao trabalho sentiu-se muito cansada para fazer todas as outras tarefas.

Outro benefício mencionado é não ter mais que enfrentar o trânsito na Malásia, o que faz com que ganhem tempo; não há mais formalidades de escritório, preocupação com o que vestir, nem “como é que estou”.



Benefícios do teletrabalho

Todas as entrevistadas estiveram de acordo em que o maior benefício do teletrabalho é a flexibilidade na administração do tempo. Trabalhar em casa lhes permite estar com suas famílias, resolver os afazeres domésticos e continuar tendo alguma renda.

Para algumas o fato de trabalhar em casa, em comparação com o fato de ser donas de casa de tempo integral, aumentou a auto-estima. Uma fonte dessa auto-estima reside em ganhar seu próprio dinheiro e já não ter que depender de seus maridos para suas despesas. De qualquer maneira boa parte da auto-estima provém do envolvimento em atividades e interesses além do espaço doméstico, o que melhorou a relação com o esposo e com os filhos.

Outras manifestam que suas capacidades em TIC se incrementaram como resultado de trabalhar em casa, pois tiveram que aprender sozinhas a solucionar problemas menores com os computadores, diferentemente do que acontece nos escritórios.

Uma disse que como resultado de trabalhar em casa encontrou uma razão para pedir ao seu marido que assumisse algumas das tarefas domésticas. Agora que ela trabalha em casa pode usar os mesmos motivos que seu

FATORES QUE AFETAM O TRABALHO EM CASA



Percepção do trabalho em casa

Um dos obstáculos para trabalhar em domicílio era a percepção de suas famílias e parceiros de que trabalhar em casa não é “um emprego de verdade”. Os membros das famílias costumavam interromper supondo que, já que estavam em casa, podiam anotar recados, encarregar-se dos afazeres domésticos e receber visitas sociais.

Este problema era mais notório durante os primeiros meses do trabalho em casa. As distrações diminuía depois de explicar aos parentes e amizades que o teletrabalho é tão sério e importante como um emprego em um escritório.

APOIO DOS MEMBROS DA FAMÍLIA

Para que o trabalho em domicílio seja viável, o apoio da família é muito valioso. A família deve entender que não pode interromper ou perturbar quando a pessoa está trabalhando. As entrevistadas que têm crianças pequenas fizeram arranjos com outros membros da família (mães, tias, irmãs) para que cuidassem delas durante as horas de trabalho.

Dispor de um lugar de trabalho em casa também necessita do apoio da família, que

deve compreender a necessidade de ter um espaço para trabalhar. Se os membros da família não dão seu apoio, não será possível dispor de um espaço para trabalhar com eficiência. Houve o caso de uma entrevistada cujo marido se negava a dar-lhe espaço para montar seu escritório em casa.

De qualquer modo a maioria das entrevistadas contava com o apoio de seus cônjuges, manifestado de diversas maneiras. Alguns compraram o equipamento necessário e outros ofereceram apoio técnico e profissional. Outros cuidavam das crianças, especialmente nos fins de semana. Uma das entrevistadas tinha modificado suas exigências domésticas e agora era menos crítica de seu marido que a ajudava no serviço doméstico que ela, cada vez mais, permitia que ele fizesse.

FALTA DE APOIO TÉCNICO

A falta de apoio técnico é uma das dificuldades enfrentadas pelas mulheres que usam computadores para trabalhar em casa. Para os consertos, algumas recorrem a técnicos ou chamam alguém da EV, ou seus maridos ou filhos. Uma entrevistada disse que os serviços de manutenção eram caros e, com base na sua experiência, o trabalho em domicílio era mais caro que no escritório, onde se conta tanto com equipamento como com apoio técnico.

POLÍTICAS TRABALHISTAS NA MALÁSIA

Nos GD algumas participantes expressaram seu desejo de que na Malásia houvesse leis que reconheçam o trabalho em domicílio como trabalho legítimo. Como tal, o governo deveria dar-lhes os mesmos benefícios e apoio que têm os trabalhadores no escritório.

Por outro lado, uma entrevistada disse que trabalhar em casa é uma boa opção para estrangeiras que vivem na Malásia. As leis atuais não permitem que as mulheres de



estrangeiros trabalhem. Na maior parte das vezes é o marido quem trabalha, enquanto as mulheres realizam trabalho informal em casa. Caso este se formalizasse na Malásia, afetaria negativamente as oportunidades de trabalho das estrangeiras.

CUSTO DAS TIC NA MALÁSIA

As entrevistadas também expressaram seu interesse em aprender mais sobre TIC para melhorar suas oportunidades de teletrabalho. De toda maneira, além da falta de uma capacitação acessível para as mulheres interessadas em trabalhar com computadores, o equipamento e o acesso à internet são caros. Isso se converte em um problema maior para as trabalhadoras que estão recém começando e não contam com apoio familiar.

PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO

A maioria das entrevistadas mencionou a necessidade de uma melhor administração e direção da EV. Devido à natureza do trabalho, as oportunidades para que a administração controle e verifique o trabalho da equipe são escassas. É importante que a administração seja muito clara a respeito do que se espera da equipe. A EV trabalha de tal maneira que, quando um membro do pessoal não faz a

sua entrega, isso afeta o trabalho do resto, seja porque têm que se encarregar do trabalho que não foi terminado ou porque suas próprias tarefas dependem do que outras vão produzindo. Outro tema importante foi a transparência da administração com relação aos esquemas de pagamento, da tomada de decisões e os critérios de avaliação do trabalho.

PERFIL DE UMA TRABALHADORA A DISTÂNCIA "IDEAL"

Um dos objetivos principais da avaliação de M4M foi elaborar um perfil "ideal" de trabalhadora a distância. Embora todas as pesquisadas coincidissem em dizer que qualquer pessoa pode trabalhar em casa sem que seja necessário reunir qualificações especiais, apontaram algumas características de uma trabalhadora a distância "ideal": capacidade adequada em TIC, honestidade, disciplina e compromisso com o trabalho.

RECOMENDAÇÕES: CRIAR UM ENTORNO QUE FAVOREÇA O TRABALHO EM CASA

Dos resultados das entrevistas e dos GD surgiram as seguintes recomendações para dispor de um entorno que favoreça o trabalho em casa, especialmente para as mulheres:

Incrementar o acesso às TICs

Uma trabalhadora em domicílio necessitará, no mínimo, um PC, uma linha telefônica, uma impressora e conexão com internet. Nem todas podem custear isso, sendo que algumas mulheres não contam com meios para fazer esse investimento.

Embora a Malásia esteja se desenvolvendo rapidamente no que diz respeito ao acesso a TIC, persiste a necessidade de ferramentas e conexão com internet a preços acessíveis, em particular para as mulheres que passaram a trabalhar com TIC em casa. Embora o

acesso não apresente demasiadas dificuldades em Kuala Lumpur e seus arredores, no que se refere à infra-estrutura ainda é muito caro. Atualmente na Malásia as chamadas telefônicas são medidas, o que aumenta a tarifa de um acesso discado. As alternativas – ADSL e cabo – são muito dispendiosas. É óbvio que o governo deve reduzir os custos das TICs. Enquanto isso, outra alternativa seria a abertura de linhas de crédito para trabalhadoras em domicílio e a criação de centros comunitários de acesso à Internet, a um custo razoável.

Capacitação e desenvolvimento de habilidades

Além do acesso às TICs a um custo razoável a capacitação acessível para mulheres que desejam trabalhar com TIC em casa também é uma demanda freqüente. As entrevistadas



disseram que a capacitação em TIC deveria abordar o seguinte: uso básico do computador, conhecimentos básicos de internet, solução de problemas, comunicação por correio eletrônico, desenvolvimento de sítios e aplicações de *software*. Outras áreas de capacitação incluem: administração do tempo, instalação do escritório em casa, trabalho não baseado em TIC que possa ser feito em casa e administração financeira básica.

Administração profissional

A administração das trabalhadoras em domicílio também deve ser profissionalizada (isso não significa imitar o ambiente de escritório). É necessário desenvolver planos e modelos alternativos de administração para trabalhadoras em casa, levando em conta os múltiplos papéis que devem desempenhar as mulheres e os homens que trabalham em casa. Os modelos de administração do trabalho em domicílio deveriam enfatizar a produção, o que requer clareza com relação às tarefas, entregas e prazos para todo o pessoal. Esses modelos também deveriam fazer um uso pleno das tecnologias disponíveis para assegurar a transparência e o controle. Por exemplo, o Escritório Virtual de M4M depende em grande medida do correio eletrônico como meio de comunicação e compartilhamento de arquivos. É preciso desenvolver outras formas de compartilhar arquivos, tais como desenvolver uma rede interna onde toda a produção (relatórios, propostas de financiamento, informes financeiros, etc.) possa ser compartilhada pela equipe.

Mudanças nas políticas trabalhistas nacionais

É necessário repensar as políticas trabalhistas na Malásia para incluir o teletrabalho e que o governo ofereça aos teletrabalhadores e teletrabalhadoras os mesmos benefícios sociais que recebem os funcionários de

escritório. As novas políticas sobre o trabalho em domicílio devem assegurar que os direitos das trabalhadoras gozem de proteção perante práticas de trabalho e empregadores injustos.

AVALIANDO OS EFEITOS DE LONGO PRAZO DO TELETRABALHO NAS RELAÇÕES DE GÊNERO E NO AMBIENTE DOMÉSTICO

Depois do número de anos que as entrevistadas levam trabalhando em casa e do número de anos em que existe o teletrabalho na Malásia, foi difícil detectar se o teletrabalho desafia os papéis de mulheres e homens no ambiente doméstico. Em certo nível, as pesquisadas atribuem o empoderamento ao incremento da auto-estima como resultado de trabalhar em casa. Por outro lado o trabalho em domicílio pode ser considerado uma forma de abordar necessidades práticas de gênero, isto é, “necessidades identificadas pelas mulheres que não desafiam seus papéis socialmente aceitos”.

O trabalho em casa pode ser visto como uma solução de compromisso para mulheres das quais se espera que cumpram seu papel como mães e donas de casa. No entanto, nenhuma das entrevistadas questionou o porquê de terem que deixar de lado suas carreiras em primeiro lugar. Além disso, será que ter uma esposa que trabalha em casa é um pretexto para que os maridos não se envolvam mais nos afazeres domésticos e nos papéis familiares?

Os efeitos a longo prazo no que se refere às relações de gênero dentro da família, não podem ser evidenciados sem uma maior avaliação e monitoramento. A esta altura, é necessário um monitoramento contínuo do teletrabalho de uma perspectiva de gênero. Nesta etapa precoce, o mais importante é desenvolver indicadores e pontos de referência para fazer um acompanhamento das mudanças produzidas nas relações de gênero como resultado do teletrabalho.



Fase 3 Pôr em prática os resultados da avaliação

PROPÓSITO GERAL

➤ Revisar os planos iniciais sobre como usar os resultados da avaliação e agir com base nas lições aprendidas.

OBJETIVOS

➤ Estudar as mudanças que sua organização pode realizar com base nas experiências e recomendações da avaliação.

➤ Desenvolver uma estratégia de comunicação para compartilhar os resultados da avaliação.



FASE 3 PASSO 7 PARA INCORPORAR AO SEU TRABALHO O QUE FOI

Um dos princípios aplicados por GEM na avaliação é a importância de usar o que se aprende. O propósito principal desta etapa é, então, pensar em como agir com relação aos resultados obtidos na avaliação. O primeiro passo consiste nos usos previstos do projeto ou iniciativa. Se a avaliação é

para um aprendizado que gere mudanças, as lições aprendidas a respeito das problemáticas de gênero e TIC deveriam impulsionar modificações positivas na maneira como se integra o gênero à tarefa empreendida. Isso pode acontecer de várias formas:

Mudanças nas práticas de avaliação

Em geral as organizações realizam uma avaliação como uma atividade simples que se realiza no final de um projeto. Para GEM, entretanto, a avaliação é um processo em construção e evolução constantes. Aderir a um dos valores centrais de GEM a respeito da avaliação implica uma mudança na perspectiva e prática de uma organização. Essa mudança acontece depois de finalizado um exercício de avaliação, quando as ferramentas e métodos foram experimentados e os resultados estabelecidos.

As seguintes perguntas podem ajudar a identificar onde podem ser implementadas as mudanças:

➤ Foram identificadas corretamente as usuárias de sua avaliação? Foram omitidas outras usuárias?

➤ Quais foram as omissões nos questionados, nos indicadores de gênero e de TIC, e no plano de avaliação geral?

➤ As metodologias usadas foram efetivas? Houve quantidade suficiente de entrevistadas e respostas? Como se pode melhorar a coleta de informação?

➤ Que classe de resultados surgiram da avaliação? Foram satisfatórios? Uma avaliação mais profunda e permanente do projeto poderia oferecer resultados úteis para outros

propósitos? Quais foram os resultados inesperados da avaliação?

➤ A análise de gênero dos dados foi satisfatória? Descobriram no projeto outras problemáticas de gênero e TIC que precisem ser mais investigadas?

Para afinar uma estratégia de coleta de dados, pode ser efetiva a realização de mecanismos de monitoramento de projetos dentro da organização. Preste atenção às necessidades práticas e administrativas, bem como às oportunidades que permitam continuar reunindo dados para avaliar problemáticas de gênero e TIC. Um mecanismo possível seria contar com relatórios mensais de como os membros de uma comunidade utilizam um telecentro, ou buscar estatísticas de usuários do website. Outro método consiste em marcar reuniões ou encontros regulares com as beneficiárias ou partes interessadas no projeto para monitorar as mudanças produzidas nas relações de gênero e em suas vidas como resultado do projeto ou iniciativa. Podem ser realizadas verificações anuais com pessoas que tenham participado das capacitações, para avaliar de que forma utilizam o que aprenderam nas oficinas.

Uma das mudanças importantes que GEM promove na avaliação de gênero é a incorporação de uma perspectiva de gênero, em todas as avaliações de iniciativas de TIC, nas quais se adotam valores centrais bem articulados em uma organização. O uso do

marco e do guia de GEM oferece a possibilidade de aprender mais sobre problemática de gênero e TIC . Na medida em que aumenta a compreensão sobre essas problemáticas, poderão ser desenvolvidas formas de integrá-las às metas, planos e práticas da organização.

Mudanças nas práticas de igualdade de gênero

Os resultados de uma avaliação deveriam gerar recomendações para reforçar as práticas de igualdade de gênero, em um projeto e no trabalho de toda a organização. Lembre-se de que o primeiro passo para pensar possíveis ações visando fortalecer o componente de gênero no trabalho geral de uma organização é identificar problemáticas de gênero explícitas e específicas na avaliação.

Planejamento com perspectiva de gênero

Os resultados da avaliação deveriam influir no desenho e na aplicação de futuros projetos. Uma vez terminada a avaliação usando GEM a organização terá uma melhor compreensão do que significa incorporar a perspectiva de gênero em seu trabalho. Os conceitos e ferramentas aprendidos com o uso de GEM podem servir para começar o exercício de planejamento de projetos TIC com perspectiva de gênero. Para os fins de GEM um plano com perspectiva de gênero significa, em sentido amplo, um plano que integra um marco de igualdade de gênero e empoderamento da mulher em um projeto. Um plano com perspectiva de gênero deveria dar uma clara indicação dos seguintes pontos:

- ▶ Metas com perspectiva de gênero
- ▶ Objetivos com perspectiva de gênero
- ▶ Estratégias
- ▶ Metodologia e ferramentas para incorporar gênero

Atividades de implementação

Podem ser desenvolvidos diversos enfoques e estratégias com perspectiva de gênero e podem ser usadas uma por uma ou de forma combinada. Muitos desses enfoques são completos e de amplo alcance. São muito úteis, mas só se não se perde de vista o contexto do projeto.

Embora muitos dos princípios e estratégias que figuram nos seguintes recursos já foram tratados nos documentos conceituais de GEM, podemos repassá-los.

▶ A Equipe Assessora Multidisciplinar do Sudeste da Ásia e do Pacífico, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), elaborou uma amostra representativa dos enfoques de planejamento e estratégias de gênero mediante o Módulo de Aprendizagem e Informação de Gênero On Line OIT/SEAPAT. O módulo inclui o marco analítico de Harvard, o marco de planejamento com perspectiva de gênero Moser, o marco de empoderamento da mulher e o marco de relações sociais. Ver em: <http://www.ilo.org/public/english/region/asro/mdtmanila/training/unit1/plngaps1.htm> ou no CD que acompanha este manual.

Mais informação sobre as estratégias de planejamento de gênero da OIT em: <http://www.ilo.org/public/english/region/asro/mdtmanila/training/homepage/mainmenu.htm> ou no CD que acompanha este manual.

Política de gênero

Uma maneira eficaz de institucionalizar a mudança dentro de uma organização é desenvolver e acertar uma política de gênero. Essa política costuma ser aplicada ao trabalho de toda a organização e se supõe que também se aplique a todos os projetos. Atualmente, muitas organizações de todo tipo têm sua própria política de gênero, especialmente as

agências de desenvolvimento e os organismos internacionais. Uma política de gênero pode ser simplesmente uma articulação de princípios ou objetivos de gênero da organização. Os grandes organismos têm políticas de gênero mais elaboradas, como é o caso da Agência de Desenvolvimento Internacional do Canadá (CIDA).

A política da CIDA sobre igualdade de gênero

(O texto completo em inglês, francês ou português pode ser visto em [http://www.acdi-cida.gc.ca/cida_ind.nsf/8949395286e4d3a58525641300568be1 / 912921e427edaa49852568fc006757b2](http://www.acdi-cida.gc.ca/cida_ind.nsf/8949395286e4d3a58525641300568be1/912921e427edaa49852568fc006757b2) ou no CD que acompanha este manual)

Uma visão para o Século 21

A igualdade de gênero contribui de maneira substancial para melhorar o bem-estar de mulheres, homens e crianças em nossos países associados, o que constitui o núcleo da missão da Agência de Desenvolvimento Internacional do Canadá (CIDA). Embora em anos recentes tenha havido importantes progressos em matéria de igualdade de gênero, ainda há muito por fazer.

Ao ingressar no século 21, CIDA continua comprometida a criar, junto a nossos associados, um mundo melhor para todos – um mundo onde qualquer tipo de desigualdade, seja de gênero, classe, raça ou etnia, seja finalmente superada.

A política de igualdade de gênero da CIDA é uma ferramenta para tornar isso possível.

A meta

Apoiar a obtenção da igualdade entre mulheres e homens a fim de assegurar um desenvolvimento sustentável.

Os objetivos

- Aumentar a participação eqüitativa das mulheres e dos homens no processo de tomada de decisões, a fim de que participem mais ativamente no desenvolvimento sustentável de suas sociedades.
- Apoiar as mulheres e meninas na realização de seus direitos humanos plenos, e
- Reduzir as desigualdades entre mulheres e homens quanto ao acesso e

controle dos recursos e benefícios do desenvolvimento.

Princípios orientadores

Há oito princípios orientadores:

- a igualdade de gênero deve ser considerada como parte integral de todas as políticas, programas e projetos da CIDA;
- alcançar a igualdade de gênero requer o reconhecimento de que toda política, todo programa e projeto afetam de maneira diferente a mulheres e homens;
- alcançar a igualdade de gênero não significa que as mulheres se tornem iguais aos homens;

➤ o empoderamento da mulher é fundamental para alcançar a igualdade de gênero;

➤ a promoção da participação eqüitativa das mulheres como agentes de mudança nos processos econômicos, sociais e políticos é essencial para alcançar a igualdade de gênero;

➤ a igualdade de gênero só pode ser alcançada mediante o companheirismo entre mulheres e homens;

➤ para conseguir a igualdade de gênero são necessárias medidas específicas elaboradas para eliminar desigualdades de gênero; e

➤ as políticas, programas e projetos da CIDA devem contribuir para a igualdade de gênero.

Ferramentas práticas

Incluimos exemplos de resultados, estratégias, atividades e diretrizes em apoio à implementação da política.

Eqüidade e igualdade de gênero

A eqüidade de gênero é o processo de sermos justos com as mulheres e os homens. A fim de garantir essa imparcialidade será necessário adotar medidas para compensar as desvantagens históricas e sociais que impedem que mulheres e homens desfrutem de oportunidades iguais. A eqüidade leva à igualdade.

A igualdade de gênero significa que mulheres e homens podem desfrutar do mesmo status, e que as mulheres e os homens desfrutam das mesmas condições para realizar plenamente seus direitos humanos e seu potencial, para contribuir com o desenvolvimento nacional, político, econômico, social e cultural, e beneficiar-se dos resultados.

A igualdade de gênero é, portanto, uma valorização igualitária por parte da sociedade das semelhanças e diferenças entre as mulheres e os homens, e dos diversos papéis que desempenham. [“Gender-Based Analysis” 1996]

Empoderamento

O empoderamento consiste em que as pessoas – mulheres e homens – assumam o controle de suas vidas: definam seus próprios planos, desenvolvam suas habilidades, aumentem sua auto-estima, solucionem problemas e desenvolvam confiança em si mesmas. Não é apenas um processo coletivo, social e político, mas também um processo individual – e não é apenas um processo, também é um resultado. O empoderamento não pode ser delegado às mulheres por terceiros: somente as mulheres podem empoderar-se para escolher ou expressar-se em seu próprio nome. De qualquer modo, as instituições, incluindo as agências de cooperação internacional, podem apoiar processos que incrementem a auto-estima das mulheres, aumentem a confiança em si mesmas e as ajudem a definir seus próprios objetivos.

➤ Capacitação de gênero

Aprender a aplicar um marco analítico com perspectiva de gênero em todos os aspectos do trabalho é um empreendimento constante que deve ser ajustado permanentemente. Uma forma de aprender é comprometer-se com

capacitações que possam ser feitas em um nível interno ou externo. Pode ser incluída como parte do plano de desenvolvimento do pessoal, convidando capacitadoras dessa área para realizar oficinas. Outro método é trabalhar com consultoras sobre temas de gênero, que

possam orientar em diversos aspectos do planejamento. Isto pode ser considerado como uma atividade de capacitação da organização.

Os seguintes recursos foram compilados por Siyanda, uma base de dados de materiais sobre gênero e desenvolvimento:

- Capacitação de gênero – Temas chave
http://www.siyanda.org/docs_gem/index_implementation/t_coretext.htm ou no CD que acompanha este manual.
- Boa prática: Planejamento, realização e avaliação de cursos de capacitação em gênero “sob medida”:
http://www.siyanda.org/docs_gem/index_implementation/t_toolsmenu.htm ou no CD que acompanha este manual.

Mudanças no uso de TIC

GEM nos leva também a refletir sobre valores, enfoques e práticas no uso de TIC.

➤ Capacitação

Existem numerosos recursos que ajudam a desenvolver planos de TIC para as necessidades e demandas específicas de uma organização, tanto a curto como a longo prazo. Um desses recursos é ItrainOnline, uma colaboração entre PARM-APC e outras cinco organizações internacionais, que se encontra disponível na web. Contém uma ampla seleção dos recursos de capacitação em computação e internet mais relevantes

para o desenvolvimento e a transformação social. Pode-se ter acesso aos materiais em <http://www.apc.org/english/capacity/training/index.shtml> (Para saber mais sobre ItrainOnline visite seu site: <http://www.itrainonline.org/>)

PARM-APC e organizações associadas também elaboraram materiais de capacitação especificamente desenvolvidos por e para mulheres sobre diferentes áreas de TIC, como desenvolvimento de sítios, comunicações por correio eletrônico, comunidades *on line* e recursos de capacitação sobre uso de TIC para o ativismo. Esses recursos podem ser encontrados em:

- <http://www.i-went.net/> Capacitação de Redes Eletrônicas para Mulheres
- <http://www.itrainonline.org/itrainonline/mmtk/vaw.shtml> Prevenção da Violência Contra a Mulher
- <http://www.itrainonline.org/itrainonline/spanish/trainers.shtml> Recursos para capacitadoras e usuárias

➤ Militância em políticas de TIC

Um dos objetivos da GEM é usar os resultados da avaliação para incorporá-los ao trabalho

de militância da PARM-APC. As lições aprendidas podem constituir a base de recomendações políticas porque, antes de tudo, os resultados obtidos são material de

pesquisa. Podem ser usados nos debates nacionais, regionais ou internacionais sobre políticas de TIC ou na militância a favor de determinados enfoques de TIC. Quando o ativismo é coletivo e se desenvolve em vários níveis ao mesmo tempo pode provocar

mudanças na programação e no uso das TICs.

Observe diferentes políticas de TIC e pense como você pode contribuir para impulsioná-las:

➤ “O que são as políticas de TIC e internet e por que deveriam importar-nos?” da APC http://rights.apc.org/what_is_policy.shtml

➤ Compreender a política de TIC, da APC <http://www.apc.org/english/capacity/policy/index.shtml>

➤ GenderIT <http://www.genderit.org>

➤ Pesquisa e compreensão crítica

Os resultados da avaliação podem mostrar áreas de trabalho que requerem um pouco mais de pesquisa. Pode tratar-se de um projeto de pesquisa, ou simplesmente a análise do que mais se pode realizar em um determinado campo. Os resultados podem ser o princípio de um processo de aprendizagem que contribua para a experiência crítica de uma organização em um campo específico. Mas, além disso, podem ser usados para provar e gerar marcos de análise que permitam incorporar a igualdade de gênero e TIC na promoção da transformação social.

➤ Compartilhar as melhores práticas e lições aprendidas

Muitas organizações, doadores, organismos de desenvolvimento, instituições acadêmicas

e organismos governamentais desejam informação sobre que projetos de TIC para a igualdade de gênero e o desenvolvimento estão em marcha e por quê. O uso dos resultados da avaliação como material para documentar as melhores práticas e as lições aprendidas, bem como para difundir informação, gera uma reserva de materiais de referência essenciais que podem ser utilizados como modelos para realizar outras iniciativas similares.

➤ Mobilização de recursos

Os resultados de uma avaliação também podem ser utilizados para captar fundos. A avaliação mostra o caminho percorrido e a experiência adquirida no trabalho de certa área em particular. Em um nível mais amplo esses resultados podem servir para demonstrar a necessidade de destinar recursos ao trabalho de gênero e TIC.

Para refletir: Desenvolvimento de uma estratégia de comunicação

Devido a que as avaliações são fonte de aprendizagem e aplainam o caminho para o melhoramento, os resultados de uma avaliação deveriam ser conhecidos por um público mais amplo. Deveriam ser

difundidos e utilizados em diversos aspectos do trabalho da organização. Por exemplo, na militância ou na educação pública. Dessa maneira os resultados da avaliação serviriam para o empoderamento

não apenas das participantes, mas também de outras pessoas interessadas.

Os resultados de uma avaliação podem ser usados para comunicar-se e relacionar-se com as comunidades com as quais se trabalha, com outras ONGs, agências de desenvolvimento, doadores, etc. O enfoque participativo da avaliação implica uma devolução dos resultados a todas as comunidades envolvidas no projeto. Compartilhar os resultados em fóruns eletrônicos de discussão ou em reuniões presenciais pode servir para melhorar as relações da sua organização com outras de propósitos similares. Apresentações de vídeo, redes de aprendizagem por internet e outras formas criativas

também podem gerar interesse no trabalho.

Os resultados podem ser utilizados para difundir o trabalho de sua organização; para criar consciência sobre o que faz e por que o faz. Difundi-los mediante folhetos, sítios, comunicados para a mídia, etc., aumenta a exposição pública da organização e atua como um fórum para a afirmação crítica do trabalho, o que, por sua vez, estimula a sua organização a melhorar.

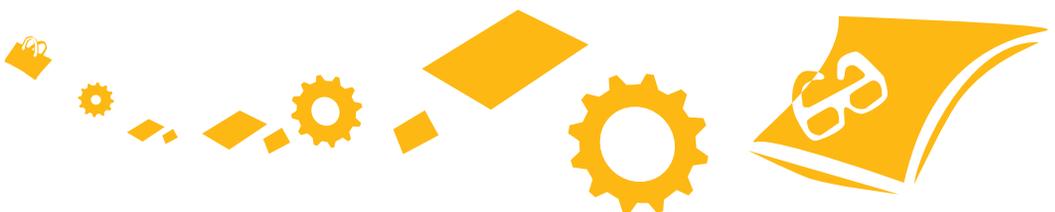
Os resultados também podem proporcionar à mídia idéias relacionadas com problemáticas de gênero e TIC, ou podem ser utilizados como base para publicar artigos em boletins, periódicos ou relatórios anuais.

AQUI TERMINA NOSSA SESSÃO DE APRENDIZADO COM A FERRAMENTA GEM.

Ao longo de toda a ferramenta GEM, compartilhamos diversos aspectos dos processos de avaliação que usuárias de GEM planejaram e implementaram. Cremos que o maior valor da ferramenta GEM, aquilo que a torna única, é que deriva de sua prática concreta. A primeira versão de GEM, a que foi utilizada pelas pessoas que a provaram, é muito diferente da que você tem à frente agora.

Esta última versão de GEM foi submetida a um importante período de recopilação e

refinamento de lições e experiências de vários projetos e iniciativas TIC que utilizaram a ferramenta GEM em diferentes contextos e realidades. Examinamos os desafios que diferentes organizações encontraram ao realizar avaliações relevantes e ao incorporar gênero nos processos e mecanismos de avaliação. Ao fazê-lo observamos que um dos aspectos mais difíceis para realizar avaliações com perspectiva de gênero é decidir em que se concentrará a avaliação, pois em cada iniciativa existem diferentes problemáticas de gênero, que vão desde a tomada de decisões na administração do projeto até os efeitos de longo prazo da iniciativa. Por esse motivo, os passos iniciais da ferramenta estão dedicados a completar as perguntas da avaliação.



Outra área que germinou durante a fase experimental de GEM é a seção sobre indicadores. Embora isso possa também ser verificado em outras metodologias de avaliação, identificar indicadores de gênero e TIC constituiu um desafio para muitas usuárias de GEM. Para desenvolver indicadores tiveram que compreender as problemáticas de gênero dentro do contexto de suas iniciativas para depois imaginar as possíveis mudanças que suas intervenções ou iniciativas poderiam produzir em relação às problemáticas de gênero e às comunidades onde se situavam suas iniciativas. A equipe de avaliação do Telecentro Comunitário Multipropósito (TCM) das Filipinas, por exemplo, necessitou compreender as problemáticas e as relações de gênero existentes na comunidade antes de começar a desenvolver indicadores que pudessem refletir as mudanças facilitadas por sua iniciativa. Para estar seguros, um dos recursos da avaliação foi que os membros do projeto e da equipe de avaliação permaneceram nas comunidades por considerar que esta é a melhor maneira de entender a complexidade de relações que o telecentro havia introduzido na vida das pessoas. A partir deste contexto foram desenvolvidos os indicadores para a avaliação do TCM.

GEM reconhece as limitações da utilização de indicadores nas avaliações. É certo que os indicadores não se constituem na única forma de medir a mudança/impacto, mas sua confiabilidade cresce quando são utilizados em conjunto com outros instrumentos e abordagens tratadas neste manual. E ainda mais, os indicadores servem como pontos de

referência úteis para observar as mudanças. Por exemplo, no caso das Mulheres Prefeitas na Romênia, os indicadores refletiam o que acreditavam ser mudanças positivas que desejavam ver como resultado de sua iniciativa. Embora fossem conscientes de que os indicadores eram ideais, dada a situação das prefeitas de comunidades menos desenvolvidas da Romênia, estavam otimistas em relação ao fato de que estabelecer padrões altos estimularia e inspiraria as prefeitas a buscar o melhor.

GEM continuará evoluindo. Nosso compromisso é o de trabalhar com mais organizações e iniciativas para recolher mais lições e experiências, e para citar experiências reais a fim de ampliar os alcances de GEM. Mediante uma comunidade crescente de praticantes, esperamos manter o dinamismo de GEM como ferramenta relevante e em permanente evolução, e que, ao mesmo tempo, seja uma experiência de aprendizado para todas. Seja você também uma parte deste processo contínuo. Una-se à rede de praticantes de GEM em www.apcwomen.org. Mediante esta rede as usuárias de GEM de todo o mundo podem compartilhar suas experiências e desafios no uso da ferramenta, para avançar na compreensão e na prática, e desenvolver métodos melhores e mais sensíveis na tarefa de avaliar com perspectiva de gênero. Juntas podemos enriquecer GEM. E mais ainda, podemos perseverar em nossa militância, fazendo que as TICs se convertam em ferramentas eficazes para a transformação. ⚙️

GEM continuará evoluindo



ESTUDOS CITADOS:

"CIDA's Policy on Gender Equality". Canadian International Development Agency. Canadá, 1999. *On line:* http://www.acdi-cida.gc.ca/cida_ind.nsf/8949395286e4d3a58525641300568be1/912921e427edaa49852568fc006757b2 Versões em inglês, francês e português.

Earl, Sarah, Fred Carden y Terry Smutylo. Outcome Mapping. *On line:* <http://www.idrc.ca/evaluation>

Evaluation and Effectiveness (Block 1, Book 4). Open University, Open Business School, pp. 36, 50.

"Gender-Based Analysis: A Guide for Policy-making, Status of Women Canada". Canadian International Development Agency. Canadá, 1996. *On line:* <http://www.genderfund.com.ua/tcida.htm>

Gray-Felder, Denise y James Deane. "Communication for Social Change: A Position Paper and Conference Report". The Rockefeller Foundation. Enero, 1999. *On line:* <http://www.rockfound.org/Documents/184/positionpaper.pdf>

"Guide to Gender-Sensitive Indicators". (Pesquisa e compilação de Tony Beck e Morton Stelcner). Canadian International Development Agency. Canadá, agosto de 1997. *On line:* http://www.acdi-cida.gc.ca/cida_ind.nsf/0/7b5da002feaec07c8525695d0074a824
OpenDocument

Fundação Internacional para o Desenvolvimento Agrícola. IFAD 1985:37

Karl, Marilee. Editor. *Measuring the Immeasurable - Planning, Monitoring and Evaluation of Networks*. Women's Feature Service, Novib. Nova Delhi: 1998/1999, p. 63.

Longwe, Sara Hlupekile. "Spectacles for Seeing Gender in Project Evaluation". Trabalho apresentado na oficina africana de GEM, novembro de 2002.

Lusthaus, Charles, Marie-Hélène Adrien, Gary Anderson y Fred Carden. *Enhancing Organizational Performance: A Toolbox for Self-Assessment*. International Development Research Centre, 1999. *On line*: http://web.idrc.ca/en/ev-9370-201-1-DO_TOPIC.html, <http://web.idrc.ca/openebooks/870-8/>

Monitoreo, Evaluación y Análisis de Impacto (MEAI) de Telecentros: Un marco inicial. Red de Telecentro de Latinoamérica y Caribe (Telelac), 2000. *On line*: www.tele-centros.org/CR/doc/esp/MEIAMarco_esp_1.doc o http://wsispapers.choike.org/estado_arte.pdf

Patton, Michael Quinn. *Utilization-Focused Evaluation: The New Century Text*. 3ª ed, London: SAGE Publications, 1997. *On line*: <http://www.wmich.edu/evalctr/checklists/ufechecklist.htm#3>

